



**GABRIEL EDUARDO
BORTULINI**

REFÚGIO PARA BISÕES

Biblioteca
Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Superintendente-geral da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cezar Tridapalli e Otto Leopoldo Winck

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Bortolini, Gabriel Eduardo

Refúgio para bisões [livro eletrônico]/ Gabriel Eduardo

Bortolini. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

245 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria romance"

ISBN 978-65-89223-15-3 (e-book)

PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.3

REFÚGIO PARA BISÕES

GABRIEL EDUARDO BORTULINI

Primeira Parte: Folhas

1.

Clóvis nunca foi um admirador de paineiras, mas esta chama sua atenção. A árvore se desfaz das últimas folhas, revelando por completo o corpo nu e espinhoso.

Os termômetros, que marcavam vinte e cinco graus ao meio-dia, já não indicam mais do que treze, pouco antes das três horas da tarde. O vento sopra de sudoeste, desce pelos morros e varre o asfalto onde as peles desprevenidas pela manhã de veranico se eriçam em mangas curtas, bermudas e saias.

Ele, ao contrário, veste roupas suficientes para a temperatura da tarde, o que não se resume ao fato de ter consultado três diferentes previsões meteorológicas na noite passada. Mas a brisa esmaece as reflexões e brota em Clóvis uma vontade de imitar a paineira. Ele desata o cachecol, tira o sobretudo e o colete de lã. O chuvisco deixa pequenos pontos em sua camisa de algodão, a gravata sacode em seu peito e ele também a retira. Abre o primeiro botão da camisa e o vento frio atinge seu tórax.

É a tarde mais esperada do ano, uma tarde que ele considera a primeira tarde realmente outonal, uma tarde que lembra seus dias encasacados de criança, o cheiro da madeira queimada, o barulho da chaleira vi-

brando sobre uma chapa de metal. É a tarde que revive as histórias dos pais, dos avós, até mesmo dos bisavós, que jamais chegou a conhecer — e que, caso tivesse conhecido, a memória os teria guardado em uma tarde como esta. Sente uma felicidade profunda e, de alguma forma — ele acredita —, ancestral.

Deseja prosseguir, quer despir-se por completo, ser o reflexo da paineira que permanece à sua frente. Mas isso seria um completo absurdo. Comparar-se a uma paineira, onde está com a cabeça? Fecha as pálpebras como quem espreme os olhos, até sentir uma pressão nos ouvidos.

Como reagirão as plantas a este tempo?

Veste novamente as roupas que deixou sobre um banco de madeira e volta para o condomínio, aproveitando a chuva, o vento e o frio: o passado diante dele, um passado real por um instante, ali em sua projeção.

2.

Um bosque alemão? Quase ninguém entendeu a sugestão de Clóvis, embora imagens de florestas mitológicas chegassem a coincidir nas mentes de quem estava na reunião.

Ora, tratava-se de um terreno inutilizado após um ciclone que derrubou boa parte das árvores intocadas pela construtora, que já atrasava em anos as promessas de um espaço de convivência, um espaço verde de quase meio hectare onde restavam alguns jacarandás e angicos com galhos quebrados ou podres por conta da idade. Apenas um conjunto de palmeiras e uma grande araucária haviam resistido sem qualquer dano.

Por que não um bosque completamente novo? Clóvis se mantinha em pé, com um dos joelhos apoiados na cadeira plástica. Afinal, não seria preciso limpar e restaurar toda aquela devastação?

— Um bosque alemão — repetia, fazendo movimentos gordos e altos com os braços. — Quem sabe eu ropeu — falava mais contido.

Teria de pesquisar, planejar, projetar, mas ele era um paisagista e esse era seu trabalho. Poderia adiantar, no entanto, a ideia abstrata: alguns pinheiros e uma

pequena construção no estilo enxaimel. Todos sentiam falta de um salão de festas, não era mesmo?

Mas o principal eram as árvores. Árvores caducas, de outono, como uma pequena floresta no meio da Alemanha.

— Tipo Gramado? — uma vizinha perguntou.

— É, mais ou menos.

— Só vai faltar o Mini Mundo.

Clóvis se calou. Espremeu as pálpebras num velho cacoete, iludido de amansar os traços, o que nem o tempo foi capaz. A heterocromia, que tornava a íris esquerda castanha em contraste com o azul-esverdeado do olho direito, já não era motivo de riso. Mas muito disso se devia ao empenho em esconder o olho escuro. Convinha postar-se quase nunca de frente aos interlocutores, mas com o rosto levemente girado para a esquerda, induzindo o olho claro como ponto fixo a quem o observasse, fosse pessoa ou câmera. E, por mais que as feições exigissem o oposto (a ponta do nariz, curvada para o mesmo lado, dava a impressão de ser muito maior do que era de fato), Clóvis nunca deixava o olho direito em primeiro plano.

Estava certo de que a face oculta era mais harmônica, mas, no embate das vaidades, um olho azul valia muito mais do que um conjunto aprazível. Por isso, mantinha a postura indireta, um nobre diante de um retratista, eclipsando a parte que não interessava,

com a naturalidade de quem se esforçou a vida inteira para isso.

Hélen ergueu o braço e ajeitou uma mecha cor de cobre dos cabelos alisados, revelando a pele escurecida das axilas.

O que ela queria insinuar? Talvez ele tenha se inspirado nas ruas de Gramado, mas o que havia de mau?

— E o que há de mau em manter as árvores nativas? — ela disse.

As outras pessoas permaneciam em silêncio. Clóvis não reagiu e, quando fez menção de contestar, a síndica o amparou.

— Calma, Hélen — dona Sidete tomou a frente dele, que voltou a se sentar. — É só uma proposta, uma reforma. A ideia é boa, essas árvores dão um ar mais chique — a síndica gesticulava com ambas as mãos, fazendo círculos como lenços no ar. — E, se vamos ter que reformar de qualquer maneira...

— Eu tô calma, dona Sidete. Só quero entender por que é mais chique plantar um monte de árvores que não têm nada a ver com Porto Alegre.

— Como assim? — Clóvis interrompeu num impulso do qual quase se arrependeu, não fosse uma certa euforia, que brotava nas discussões insolúveis e lhe limava a sensatez. Nesses momentos, a razão valia menos que o efeito e Clóvis emaranhou-se num labirinto que não permitia meia-volta, num rumo falho e insuficiente,

o que ele mesmo admitia quando matutava em solidão e as faíscas não incendiavam o bom senso.

Hélen não tinha estudado História? Pois parecia que ela ignorava toda a tradição dos imigrantes europeus, toda a colonização do estado. Além disso, não tinha estudado Geografia, senão recordaria que o clima do Rio Grande do Sul é muito parecido com o clima da Europa. Por que não usar isso a favor do condomínio e construir algo que valorizaria aquele empreendimento, os próprios imóveis?

— Clima europeu, tá bom — Hélen se levantou. — E depois sou eu que não estudei Geografia. Nunca ouvi ninguém dizer quando faz quarenta graus que o nosso clima é africano.

Clóvis quis se levantar.

— Pode ficar — ela disse. — Eu não vou discutir. Por mim, que vocês decidam o que quiserem. Só que eu também vou ter que pagar por esse absurdo. Vocês têm ideia de quanto isso vai custar?

— Quanto a isso eu me proponho a pagar por todas as mudas — Clóvis respondeu. — Sem falar que o projeto é meu, não vai custar nada. A obra não vai ser mais cara do que se construíssemos um campo de futebol ou um jardim tropical.

Hélen soltou de uma só vez todo o ar que mantinha nos pulmões e sentou-se novamente, balançando a cabeça para um lado e para o outro.

As pessoas se olhavam e olhavam para dona Sidete, que sorria com a ata em mãos. Ninguém precisaria decidir naquele momento. Ela agendaria uma nova reunião para dali a duas ou três semanas. Mas um projeto desses, ela balançava o indicador como uma prefeita que pede atenção, eles nunca conseguiriam algo parecido. Não de graça.

— E porque é de graça nós temos que aceitar? — Hélen disse.

— Não falei isso — dona Sidete respondeu com impaciência, mas logo tentou amenizar, sorrindo de canto.

— Mas também não vamos ser ingratos.

Hélen soltou um “ah” alto e debochado.

— Como se tivéssemos alguma escolha — disse.

Clóvis suportava os nervos e até pensou em voltar atrás com a ideia. Mas dona Sidete não pareceu abalada.

— Bom — ela disse, jogando um tapete sobre a discussão —, acho que precisamos dar alguma chance pro Clóvis, não é? — ela olhava para Hélen. — Vamos pelo menos ver o projeto. Tu pode nos mostrar o projeto até a próxima reunião, Clóvis?

Era pouco tempo, mas poderia fazer um anteprojeto ou pelo menos um primeiro esboço com os principais detalhes. Dona Sidete não esperou resposta, já pedindo para que todos assinassem a ata e aguardassem a nova convocação.

Hélen foi a primeira a sair e logo todos a seguiram.

Só restaram Clóvis e dona Sidete na sala de reuniões, improvisada no saguão de entrada do condomínio, um residencial finalizado havia pouco mais de dois anos, com mais de cem apartamentos, embora quase vinte ainda estivessem desocupados.

— Que guria insuportável — dona Sidete cochi-chou.

Clóvis balançou a mão num *deixa pra lá*, a caminho do elevador. Dona Sidete o acompanhou e enquanto aguardavam:

— Mas não dá pra dar atenção — ela voltou ao assunto. — Ela que vá cuidar dos cachorros dela. Falando nisso, é bom a gente pensar nessa coisa de bicho dentro do prédio. Não é que eu não goste, não tenho nada contra. Mas os corredores viram uma pocilga.

As portas do elevador se abriram e dona Sidete foi a primeira a entrar. Pôs o braço no vão da porta, impedindo o fechamento. Qual era mesmo o andar de Clóvis?

— Treze? — ela espremeu os lábios entre os dentes. Era o mesmo andar de Hélen. — Que andarzinho tu foi escolher, hein?!

Clóvis quase não prestava atenção, ainda pensando na reação de Hélen.

As portas fecharam e o elevador começou a subir. O sistema de ventilação não funcionava havia uma semana e o ar logo se tornou abafado. Dona Sidete despe-

diu-se ao chegar no sétimo andar, dizendo que os técnicos arrumariam o problema no dia seguinte. Quando o elevador parou no décimo terceiro, uma gota de suor insinuava pingar da testa de Clóvis. Estavam na metade de junho e os termômetros beiravam os trinta graus.

Ao entrar em casa, a televisão ligada reprisava os gols da tarde de Copa do Mundo. Assistiu aos lances durante poucos segundos, até sentir a necessidade de abrir as janelas. Alguns relâmpagos se avistavam no horizonte. Clovis afastou-se do parapeito e retirou o celular do bolso. Um dos aplicativos de meteorologia indicava um alerta de queda brusca de temperatura na madrugada. Mínima de seis graus.

Clóvis sorriu.

3.

A chuva durava toda a madrugada e, àquela hora da manhã, restava apenas uma garoa inconstante, acompanhada de rajadas de vento quase secas pela massa de ar polar que avançava na cola da frente fria.

Ao acordar, o primeiro impulso de Clóvis foi abrir de uma só vez toda a persiana. A luz desbotada do meio da manhã invadiu o quarto e as gotas finas da chuva foram jogadas no mesmo instante contra o vidro descoberto. Não havia dúvida sobre a temperatura, mesmo assim, Clóvis repetiu o gesto que se acostumou a fazer entre o outono e o inverno, quando se mudou para Porto Alegre no início da graduação: afastou o batente da janela até ser capaz de pôr todo o braço para fora. Ali ficou durante alguns segundos, até se convencer de que o dia estava realmente frio, não tanto quanto havia imaginado, mas frio o suficiente para uma alegria inusitada levá-lo até a cozinha, apenas de cueca, para esquentar a água do café.

Voltou à sala, de onde podia ouvir o barulho da chaleira aquecendo. Sobre a escrivaninha, o monitor escuro do notebook e, do lado de fora da ampla janela envidraçada, como numa grande tela de um cinema em

preto e branco, se via a araucária que havia resistido ao ciclone no quintal aos fundos do condomínio.

A chuva se misturava a uma névoa suave. Na infância, em dias como esse, se esforçava para correr em meio ao excesso de casacos no antigo pátio da casa em Nova Petrópolis, chutando uma pinha de araucária como uma bola de futebol contra o tapete de folhas secas de um vigoroso plátano que crescia no jardim vizinho e estendia os galhos delgados sobre a propriedade dos pais, que volta e meia reclamavam da sujeira que a árvore produzia.

Ambos eram netos de imigrantes alemães, daqueles que desembarcaram no Brasil na segunda metade do século XIX e se estabeleceram na Colônia Provincial de Nova Petrópolis, ao norte da Colônia Alemã de São Leopoldo, trabalhando como agricultores e como madeireiros. As famílias eram prolíficas e, em geral, deram continuidade às atividades familiares, com exceção de um dos irmãos do avô materno de Clóvis, que se juntou às tropas de “bugreiros”, apesar das dificuldades com a língua portuguesa.

Clóvis não chegou a conhecê-lo, mas o avô costumava contar que um dos irmãos tinha caído em uma emboscada dos caingangues enquanto fazia a ronda nos limites da propriedade, numa baixada onde os pinhais se misturavam a uma mata densa. Foi vingado pelo irmão mais novo que, semanas depois, voltou com a cabeça do cacique pendurada pelos cabelos: feito suficiente

para que a tropa, formada quase em sua maioria por brasileiros que faziam o extermínio dos indígenas do lugar, o aceitasse como integrante.

Seguiu as tropas em direção ao Norte e nunca mais se soube nada a seu respeito. Clóvis cresceu ouvindo histórias sobre sua valentia, os mais de cem indígenas assassinados pelo tio-avô. Mas ninguém nunca soube o número exato e Clóvis tampouco dava maior importância ao fato, que com o tempo passou a considerar uma lenda.

Ouviu o chiado e correu à cozinha. Precisou acrescentar meio copo de água fria para evitar o café queimado. Depositou duas colheres bem cheias do pó escuro no filtro de papel, pegou a chaleira e a debruçou sobre o coador, derramando lentamente um fio muito fino de água sobre o pó, produzindo uma infusão que aromatizou toda a casa que permaneceria o dia inteiro com as janelas fechadas.

Esse era o cheiro do inverno, Clóvis pensou. Não o de pão torrado, de mate — bebida que nunca lhe agradou, talvez pela tradição familiar, que a considerava um chá de bugre —, nem mesmo o cheiro dos pinhões. Era o cheiro de café, e Clóvis não faz questão de entender, nem mesmo de questionar. O cheiro do café, presente em qualquer estação, em qualquer temperatura.

Voltou com a caneca até a sala, onde se sentou diante do computador, abriu sua caderneta e rabiscou

um círculo com a caneta azul, até que a tinta envolvesse toda a esfera, marcando o papel. Logo abaixo, bebendo um gole do café, escreveu “Árvores:” e, sem pensar muito, “Plátano”. Ficou um tempo parado, olhando para a caderneta.

Levantou-se e foi novamente até a janela. O cenário era o mesmo: os angicos se retorciam em galhos quebrados e os jacarandás estavam cada vez mais podres, um deles abria uma fenda desde a base e qualquer rajada mais potente seria capaz de fazê-lo desabar de vez. Os jerivás, por sua vez, se descabelavam na manhã fria e um par de folhas secas balançavam, presos por um fio de palha delicado, prestes a caírem como grandes e confusas folhas caducas. Pensou em Hélien e na natureza daquela cidade. Não havia nada de errado com as plantas nativas, e disso ele sabia mais do que ninguém. Mas o que ali restava era um desastre que, somado à luz cinzenta e ao frio, produzia uma incoerência que fosse ou não fosse estética (e naquele momento era, mas nem sempre tinha sido assim) chegava a machucar em algum lugar da memória e que Rocío Prada diria ser nostalgia ancestral: um espaço que começa a doer e que brota a qualquer momento no íntimo de um paisagista e então já não é mais possível ver outra coisa, até que tudo se remodele e uma nova paisagem tome forma no espaço que dói. Aquele lugar estava ferido e nada disso tinha a ver com Clóvis. Era a vontade da própria nature-

za e ele precisava derrubar aquelas árvores para cessar o sofrimento.

Só a araucária permanecia intacta, uma espécie de guarda-chuva com seus galhos radiais, recebendo as gotas finas da garoa. Talvez pudesse ficar ali mesmo. Não era sua intenção no início, mas, olhando bem, ela não incomodava.

Voltou à caderneta, pronto para acrescentar o nome da conífera, ajustando o próprio conceito estético a parâmetros que mais deviam ao imaginário do que ao lugar onde vivia de fato. Pois os fatos nunca bastaram se não justificavam suas expectativas. Quando terminou de escrever o nome da árvore, deu-se conta: logo acima, uma mancha recente de café secava, compondo um conjunto com o círculo azul do rabisco de caneta.

Mordeu a tampa plástica, vendo aquela figura tão comum: um olho azul e outro castanho.

4.

— Era tarde de camisas remangadas e moletons na cintura, balançando entre as pernas pouco adultas do grupo de estudantes da disciplina de Projeto Paisagístico que percorriam o Parque da Redenção comandados pelos passos e apontamentos no portunhol da professora Rocío Prada.

— Vejam o espaço — ela parou diante de um arco de figueiras. — O vazio, as demarcações, onde inicia um bosque e outro termina. Mas *atención* — levantava o dedo —, *escuchem* o lugar, sintam os aromas, os sabores, o toque das folhas, dos caules.

Clóvis seguia a professora quase lado a lado. Abriu a caderneta de capa dura e estampa de folhas mortas e anotou “pensar nos cinco sentidos”. Nem bem terminava de escrever, foi incapaz de segurar um espirro desavisado, borrando a página com um S de rabo comprido e rompendo o raciocínio de Rocío, que voltou a andar, atendo para o fato de os ipês estarem em plena floração.

Clóvis sentia a língua roçar o céu da boca, tentando atingir o epicentro de uma coceira interna e agri-doce. Bebeu os últimos goles da garrafa de água quase morna que trouxe de casa e o incômodo se acalmou por alguns instantes.

— Percebam as disputas — Rocío avançava pelo gramado em direção a uma palmeira imperial, convidando a turma a fazer o mesmo. Clóvis afundou a sola dos tênis na grama, amortecendo os passos que o conduziram até a planta, e ele pôde percebê-la enrolada por um tronco muito fino, como uma jovem serpente querendo estrangular um veado adulto. — É uma figueira, um mata-pau. Vejam aqui no cabinho — ela apontava para o látex saindo pelo pecíolo. — Em vinte anos, me digam quem venceu.

Logo em frente, um conjunto de ciprestes perfumava de limpeza a aula. A coceira retornava, desta vez nos olhos de Clóvis, que piscava com insistência. Rocío continuava a caminhar, avançando em direção ao espelho d'água.

— *Fijense!* — ela dizia. — Por cima de toda água, existe um vazio — erguia as mãos às nuvens.

A coceira não dava trégua e não restava água para que Clóvis pudesse ao menos jogar sobre as pálpebras.

— Pensem nas silhuetas, nos pontos focais, e, muito importante, *sí?* — a voz marcava as sílabas — percebam o que está escondido. O paisagismo é a arte de maquiar o espaço.

A coceira já virava ardência e Clóvis se inclinou sobre o espelho d'água.

— E de ressaltar as potencialidades — Rocío continuava. — Vejam como o reflexo faz parte da paisagem.

Ele viu os dois olhos azuis que carregava desde o primeiro dia de faculdade, quando finalmente testou as lentes de contato compradas com a economia das férias de verão.

Já quase não resistia ao impulso de coçar as pálpebras e, se pudesse, coçaria até mesmo a esclera.

Mas o braço não suportou a força dos dedos que alcançavam os cílios, alisando a pele com o cuidado de um peixe que beija a isca, esfregando com mais e mais pressão, até que nada pudesse evitar que ele coçasse os olhos por inteiro, ignorando a presença das lentes, que logo se desprenderam, embaçando a visão de Clóvis, sem parar de coçar os olhos quando começou a pedir água e, sem que ninguém entendesse, Rocío alcançou sua garrafa a Clóvis, que encheu um palmo gelado de água e jogou no olho direito e, logo depois, repetiu o movimento no olho esquerdo, piscando e piscando, para se certificar de que as lentes não haviam se perdido pelo globo.

A visão desembaçou e ele viu as duas lentes grudadas em si mesmas, entre os dedos molhados. Fechou o punho antes que notassem e devolveu a garrafa a Rocío.

Ela encarou cada um de seus olhos. Cada um de seus olhos, Clóvis teve certeza, sem conseguir esconder. Ela olhou cada um de seus olhos e constatou sorrindo:

— Melhorou, não foi?

5.

Clóvis foi o único, de toda a família, a nascer com heterocromia e, ainda bebê, os pais chegaram a crer que o filho era cego do olho esquerdo. Era tema comum das conversas entre parentes: o Clóvis que, apesar do olho de brasileiro, era muito inteligente, viraria doutor. Os primos faziam chacota e Clóvis aprendeu a deixar para lá. Mas parava todos os dias diante do espelho da sala, de costas para uma janela muito iluminada e, por mais de uma vez, teve a impressão de que seu olho estava ficando mais claro, quase verde. Devia ser verdade o que a mãe havia dito, que isso era porque não comia verduras. Passou a comer alface e rúcula e, nos dias mais claros, analisava toda a íris, as faixas marrons, como fios de tecido esticados do centro da pupila até o contorno escuro que separa a íris da esclera. Em alguns pontos, uma cor quase verde era visível e então ele se satisfazia, voltando a se sentir absolutamente alemão como todo o restante da família.

Diante da caderneta, quase trinta anos depois, não havia mais do que os nomes das duas árvores: Plátano e Araucária.

Em vinte anos de profissão poucas foram as vezes em que ele foi além dos arbustos de caliandra vermelha,

das topiarias de pingo de ouro, de palmeiras e mais palmeiras, em jardins, corredores, salas. Quando muito, a retirada do capão nativo, um portal de bambus, alguma parede de heras ou até um sem-fim de orquídeas suspensas em um muro sombrio alguns anos atrás.

Mas sua experiência com árvores, árvores mesmo, quase podia ser contada nos dedos: um pomar de frutíferas nativas num chalé em Nova Petrópolis, uma composição mista de camboins e extremosas no jardim de entrada de um prédio comercial, uma fileira de cinco ipês amarelos em um canteiro diante do Guaíba e, como esquecer o transtorno, o transplante de uma única figueira, que precisou de uma poda tão drástica que por pouco não acabou com a sua ramificação primária, sem falar no caminhão que precisou para ser levada à casa de um político aposentado que queria uma sombra espaçosa e aberta, por onde Clóvis passava quase todos os dias e nunca via mais do que a larga árvore, que demorou meia década para cumprir sua promessa de quinze metros de sombra, de um lado ao outro.

Não bastavam árvores caducas. Precisava de pinheiros, ele pensou. Mas que pinheiros? Afinal, a araucária também era um pinheiro. Aliás, sempre tinha se referido a ela como um pinheiro, pinheiro americano. Só mais tarde passou a dizer “araucária”. Não lembra o motivo, talvez durante o curso de arquitetura ou seria já em seu trabalho como paisagista?

De qualquer forma, faltavam pinheiros, mas queria evitar a obviedade dos pinheiros negros, nos quais nunca enxergou beleza e só serviam para madeira ou para tapar alguma vista ainda mais feia. No início da carreira, plantou uma fileira de pinheiros-de-cook numa pequena praça em frente a um shopping, num bairro de elite, onde os casais costumavam tirar fotos nos dias de inverno, até que a prefeitura leiloou o terreno e lá construíram um prédio espelhado de vinte andares e todos os pinheiros, que na verdade também eram araucárias, da espécie *columnaris*, foram substituídos por três conjuntos de palmeiras imperiais.

Mas não voltaria a plantar os pinheiros-de-cook, que eram mais tropicais do que ele gostaria. Precisava de pinheiros europeus. *Tannenbaum*. A palavra quase esquecida na infância agora retornava para a caderneta. Pouco restava da língua dos avós. Do que aprendeu na infância, resistiam substantivos e adjetivos soltos, quando muito alguma expressão ou interjeição. Entretanto, era incapaz de formar frases, de comunicar-se. Sentia-se em dívida com o passado, mas as desculpas eram satisfatórias e por isso adiava o curso de alemão que prometera iniciar já fazia quase dez anos. Mas, sim, *Tannenbaum*, não poderia esquecer da música cantada nos dias quentes de dezembro em Nova Petrópolis.

Digitou o nome da árvore e apareceram diversas páginas com referências à antiga música e, por alguns

momentos, Clóvis esqueceu-se do motivo pelo qual havia procurado pela palavra. Clicou em um site que mostrava a canção completa. Era capaz de relacionar as letras à pronúncia e, em alguns trechos, pôde até cantarolar. Mas, em outros, as palavras lhe soavam completamente estranhas, sem qualquer ligação com a música da infância.

Após alguns minutos, bebeu mais um gole do café já frio e cuspiu todo o líquido de volta para a caneca. Voltou para a página de busca e a rolou um pouco mais para baixo, onde um nome científico se destacava em itálico: *Abies alba*, abeto branco. Nunca tinha trabalhado com um abeto em sua vida, mas um amigo *luthier* vivia falando dos violões feitos da madeira. Procurou por imagens e encontrou coníferas cobertas pela neve em florestas de pinhais ou entre algumas árvores em colorações de outono. Logo abaixo de uma fotografia, leu que a árvore era nativa das regiões temperadas da Europa e resistente ao frio extremo. Um mapa cinzento mostrava a distribuição geográfica, a maior parte da área da Alemanha estava pintada de verde. Convenceu-se: o abeto poderia ser o seu *Tannenbaum*. Na caderneta, acrescentou: *Abies alba*.

Já era um bom início, mas ainda não tinha tentado nenhum esboço do bosque. Isso preocupava um pouco, não teria muito tempo livre para planejar até a próxima reunião. Talvez a escolha das árvores pudesse

esperar. Mas e se perguntassem na reunião? Era melhor ter alguma noção, se quisesse que a proposta fosse aceita. Voltou a olhar para a página aberta no notebook, tinha que continuar sua busca. Queria árvores de outono, caducas, e, principalmente, europeias. Se possível, alemãs.

Olhou para a caneca de café frio, a janela salpicada pelas gotas de chuva. Demorou alguns minutos, tentando resgatar alguma lembrança das conversas com os avós, a menção a qualquer árvore, mas, além do plátano de seus vizinhos, só pôde pensar em carvalhos.

Sua teimosia declarou derrota e ele digitou: “Árvores caducas Alemanha”. Pronto, pensou, agora bastaria anotar algumas delas. Umas quinze seriam suficientes. Ou dez, reavaliou. Precisava ter uma ideia mais ou menos exata de quantas árvores poderia plantar e nunca tinha planejado um projeto tão grande, quanto mais um bosque, quase uma pequena floresta.

Abriu a primeira gaveta da escrivaninha e dali retirou a planta baixa do condomínio. Conferiu novamente a área total do lote aos fundos do prédio e fez alguns cálculos de cabeça. De cem a cento e cinquenta árvores, concluiu. Talvez dez espécies fossem suficientes. Guardou a planta e voltou à pesquisa.

Já passava das nove da manhã e logo precisaria cruzar a cidade até a casa de um cliente que havia pedido o orçamento de um projeto de jardim com piscina.

Havia esquecido do deslocamento e da possibilidade de regiões alagadas, por isso tentou ser rápido. Por precaução, anotava o nome popular e científico das árvores, mas sem se aprofundar nas informações sobre as espécies.

Precisava sair em dez minutos, por isso voltou ao início das anotações e começou a contar. Excluindo a araucária, que seria única, contou doze espécies. Estava bem assim.

Levantou-se e voltou ao quarto, de onde saiu em cinco minutos, vestindo uma calça jeans e uma camisa azul um pouco amarrotada, mas que estaria bem escondida debaixo do casaco.

O inverno havia chegado, finalmente.

Enquanto ele descia pelo elevador até a garagem, revisava na mente as árvores que tinha anotado em sua caderneta. Das últimas, apenas lembrava de *bordo* e *faia*.

Na garagem, um vento gelado atingiu o seu rosto, vindo das grandes aberturas das paredes. A chuva era calma, mas contínua. Entrou no carro e posicionou o celular, como um GPS, sobre o painel. Demoraria uma hora até o destino, algumas pistas pareciam bloqueadas. Quem é que quer piscina com um tempo desses, Clóvis pensou irritado, calculando o atraso. Deu a ré com mais aceleração do que deveria e não chegou a notar a pancada, apenas o alarme e as luzes do carro de Hélien, logo atrás.

6.

Clóvis se deteve por alguns segundos diante do autorretrato de Frida Kahlo na parede frontal da sala de Hélen. Era novidade. Aliás, toda a sala estava diferente desde a última vez em que estivera ali. Um desconhecido cão idoso mal se interessou pela sua presença, enquanto a outra, uma estranha mistura entre *Dachshund* e Fila Brasileiro, analisava suas calças com o focinho comprido enquanto o tronco musculoso se mantinha firme e o lombo balançava junto com o rabo.

— Luna! — Clóvis chamou, inclinando a coluna até ser capaz de acariciar os pelos lisos e negros.

— Amassou muito? — Hélen perguntou, retornando do banheiro.

Ele retomou a postura. As raízes fofas dos cabelos de Hélen logo se tornavam fios lisos, úmidos e penteados para o lado esquerdo. Clóvis não sabia que Hélen tinha cabelos cacheados, mas respondeu apenas que parte da placa havia se dobrado, além de uma marca leve no para-choque. Ele poderia resolver isso na mesma tarde.

— Pode deixar que eu mesma vejo depois — ela disse, conferindo alguns livros dentro de uma mochila na mesa da sala. — Mas obrigado por avisar — disse, enquanto pendurava a mochila nas costas.

Clóvis deu alguns passos em direção à porta e o cão que permanecia deitado no sofá levantou-se num salto, ganindo baixinho.

— Chico... — Hélen acariciou a nuca do cão e andou até a estante onde abriu uma gaveta e, de lá, tirou dois biscoitos em formato de osso. O móvel continuava quase igual, com exceção de um canto restaurado com tanta habilidade que ninguém desconfiaria que alguma vez Luna a tivesse destruído.

— Demorei quase um sábado inteiro nisso — ela disse.

Ele estava admirado, deve ter sido um trabalho muito complexo.

Hélen chamava por Chico, que se manteve no sofá até ver o petisco nos dedos da tutora. Luna, por sua vez, já tinha engolido o seu.

— Com quantos anos ele tá? Uns cinco?

— Quase seis — ela respondeu, dando o biscoito a Chico. — Olha só, não tem problema mesmo essa coisa da batida no carro, acontece. Mas não precisa te fazer de preocupado e simpático — a entonação ganhava corpo e ela se levantava. — Eu acho essa ideia de praça uma bela idiotice. Sei que não vou te fazer mudar de opinião. E tu sabe que não vai mudar a minha — ela fez uma pausa breve. — Então é isso, entende? Não temos por que continuar.

Os cães já se sentavam novamente com os olhares voltados para a dona, esperando que a sorte se re-

petisse. Mas ela já abria a porta e ambos precisaram se contentar.

Hélen e Clóvis saíram calados pelo corredor. Clóvis chamou o elevador e a demora gerou um desconforto que não permitiu qualquer troca de olhares.

— Não quero te convencer de nada — ele disse —, mas não entendo tua raiva. Garanto que tu vai gostar.

Da irritação da reunião de condomínio não parecia ter sobrado muito. Hélen o encarava com indiferença quando o elevador parou no décimo terceiro andar. Clóvis entrou seguido da vizinha, que apertou o botão da garagem.

— E isso vai demorar quanto? Dez anos? Sabe-se lá onde vou estar daqui a dez anos.

— Não exagera — Clóvis comentou, mas se conteve assim que o elevador começou a se mover. Talvez o tempo fosse esse mesmo, pensou. Ainda não sabia quanto cada árvore demoraria para se desenvolver. Mas o plantio era rápido e as mudas não seriam tão jovens. O salão de festas era o de menos, mas precisava resolver isso. Fazia muitos anos que não projetava casas, desde que passou a se dedicar ao paisagismo, uma década antes. Mas não teria desaprendido e, afinal, era uma construção muito simples.

A parada brusca do elevador interrompeu seu pensamento e, um pouco desorientado, ele perguntou:

— Mas tu tá pretendendo te mudar?

Ela pareceu não entender a pergunta, mas tampouco teve oportunidade de responder. Na garagem, dona Sidete e seu Geraldo estavam em pé diante do carro que continuava a soar o alarme. Assim que se deu conta, Hélen revirou a bolsa em busca da chave. Desativou o alarme e um rápido silêncio envolveu a garagem,

— Os vizinhos já estavam reclamando, guria — dona Sidete disse num agudo que ressoou pela garagem.

Hélen estava pronta para responder.

— Desculpa — Clóvis a acudiu. — Foi culpa minha, dona Sidete. Eu que bati no carro da Hélen.

A síndica baixou as sobrancelhas e soltou um *huum*.

— Menos mal — ela disse, virando a cabeça ao porteiro. — Foi só barbearagem do Clóvis. Seu Geraldo sorria envergonhado, o bigode quadrado emoldurando os dentes largos manchados de café. Estava no banheiro quando ouviu o alarme e achou que pudesse ser algum ladrão. Deu meia-volta aliviado e desceu pelas escadas. Dona Sidete dirigiu-se ao

elevador e disse, antes que a porta fechasse:

— Vocês que se entendam agora.

Hélen caminhou até a frente do carro, se agachou e passou a mão pelo para-choque, até chegar na parte amassada ao lado da placa.

— Tá tranquilo — ela disse, dando uma batidinha sobre o capô. Abriu a porta, deixou a mochila sobre

o banco de passageiros. — Mas presta mais atenção em quem está ao redor.

Sentou-se na poltrona de motorista e saiu sem percalços da garagem. Clóvis permaneceu ali, diante do próprio carro estacionado sobre a linha que dividia a sua vaga da vaga de trás.

Olhou para o relógio e: merda, estava atrasadíssimo.

Sem o carro de Hélen, foi fácil manobrar. Saiu do prédio já preparando as desculpas para dar ao cliente. Mas, durante o trajeto, apenas conseguiu pensar no transtorno daquela manhã, sem saber quando teria tempo para passar numa mecânica.

7.

N a reunião seguinte, Clóvis apresentou, numa única folha de papel A4, a planta baixa de todo o lote, em que pequenos pontos coloridos representavam diferentes espécies de árvores, distribuídas sem maiores justificativas pela própria intuição. Ao centro, a indicação de um caminho seguia até uma bifurcação que levava ao salão de festas.

— É bem simples — dona Sidete disse com o papel em mãos. — Vou passar pra todo mundo dar uma olhada. Tu disse que tinha uma maquete, não era?

De dentro de uma pasta, Clovis tirou o notebook e o posicionou sobre os joelhos. Enquanto aguardavam, a planta circulava de mãos em mãos entre os poucos presentes na reunião, que olhavam para o papel e logo o passavam adiante, sem qualquer gesto de aprovação.

Um senhor de cabelos grisalhos se deteve nas informações logo abaixo do esquema.

— São essas árvores aqui?

Clóvis tinha elencado dez espécies, com exceção da araucária. Listava as plantas sem detalhes: abeto, abeto-falso, pinheiro silvestre, lariço, plátano, faia, álamo, carvalho, bordo e bétula. Por enquanto, essas eram

suficientes e Clóvis explicou seu cálculo ao homem que parecia não compreender.

— Não conheço quase nenhuma — o senhor disse. Bebia mate em uma cuia pequena, sem oferecê-lo a ninguém. — Só o plátano. Tinha uns quantos lá na estância, no pátio de casa. Mas era uma desgraça, fazia uma sujeira que só. Meu velho mandou cortar tudo. Só deixou os cinamomos, umas figueiras e um umbu — sorvia o líquido e logo voltava a encher o recipiente. — Esses também faziam sujeira, um pouco menos, mas faziam, mas meu pai não gostava dos plátanos porque dizia que eram coisa dos italianos — ele riu e tomou mais um gole do mate. — Acho que podia ter um umbu.

Clóvis abriu o arquivo com a maquete do salão. Enquanto isso, explicava mais uma vez sua ideia estética, as árvores alemãs, caducas, que ficam coloridas no outono. Infelizmente, o umbu não faria sentido no meio do bosque.

Entregou o notebook à dona Sidete, que disse, antes de olhar para a tela:

— É tipo aquela praça no Bela Vista, seu Danilo. Um pouco pra cima da Encol.

— Ah! — o homem traçou um longo movimento com a cabeça para trás e, em seguida, para frente. Clóvis, no entanto, semicerrrou os olhos. Era a praça em que ele estava pensando? Mas não perguntou nada. Dona Sidete agora olhava para a maquete no computador.

— Parece Gramado mesmo — ela gargalhou jogando o tronco para trás e tapando a boca. Hélen não estava na reunião e Clóvis também sorriu. A síndica pôs o computador sobre uma cadeira para que todos pudessem ver. As pessoas se reuniram ao redor da tela, inclinando-se entre alguns murmúrios.

— O que acharam? — dona Sidete perguntou. E, como se ninguém respondesse: — Eu gostei. Tu tem alguma noção do valor, Clóvis?

Ele abriu uma planilha. Havia detalhado os principais custos da obra.

— É mais ou menos isso — disse. — Não é tanto, se formos pensar na quantidade de apartamentos. Uma construção dessas fica pronta em questão de dias, é muito rápido. Só preciso encomendar a estrutura, que é a parte demorada da coisa. Mas depois é praticamente um lego. O que vai demorar mesmo são as árvores.

Dona Sidete mordeu levemente os lábios e rolou o cursor do mouse pela planilha. O piso seria de madeira?

— Quis manter a estética — Clóvis disse.

— Isso vai dar uma fortuna de manutenção — ela apalpava a cintura na região da lombar, como quem quer aliviar alguma dor.

Uma terceira moradora sugeriu um piso frio e dona Sidete balançou a cabeça em acordo. Era mais barato, mais fácil de limpar, não estragaria com facilidade. Clóvis não tentou argumentar. Embora contrariado, já

esperava a reação. Tudo bem, poderia ser um piso frio. Alguém tinha mais alguma ideia?

Os moradores se revezavam diante do computador, olhavam para a tela rapidamente e balançavam a cabeça, dando lugar para o vizinho seguinte, até que todos estivessem cientes dos valores. Após alguns segundos de silêncio, seu Danilo disse:

— Só senti falta de uma churrasqueira.

Clóvis voltou a pegar a planta e mostrou ao homem, apontando para um dos cantos que demarcavam a cozinha.

— Ah, sim, sim, não tinha visto — Danilo respondeu. — É isso, então.

— É, é isso mesmo — dona Sidete aproveitou a deixa. — Podemos bater o martelo?

Os moradores não disseram nada e pareciam satisfeitos. Na verdade, ninguém havia dado muita importância ao projeto, pois assim que a síndica abriu a ata, começaram a levantar-se para assinar. Antes que saíssem, no entanto, dona Sidete mencionou uma nova reunião.

— Eu sei que é chato — ela disse — mas um projeto desses precisa ser aprovado por todos os proprietários. Tu acha viável? — Olhava diretamente para Clóvis, que entendeu o recado. Teria um mês até a assembleia definitiva. Um mês para convencer Hélien. — Se a gente fizer essa obra sem a assinatura dela, pode dar problema, tu sabe bem.

Faria o possível, tentaria conversar com a vizinha. Mas não conseguia pensar em qualquer argumento. Além do problema que seria convencer Hélien, precisaria do projeto pronto, com orçamentos, cronograma, e não apenas um esboço.

Subiu para o décimo terceiro andar e eram quase oito da noite quando ele entrou em casa. Não costumava comer carne durante a semana, mas seu Danilo foi falar em churrasco.

Não achou nem sequer uma costela no freezer. Entre os ímãs da geladeira, no entanto, um panfleto quase desbotado mostrava o cardápio de um restaurante uruguaio onde havia encontrado Rocío Prada anos atrás.

Pediu um *entrecôte* ao ponto, que chegaria em meia hora. Enquanto isso, voltou à sala e ligou novamente o notebook. Pensava na praça que dona Sidete tinha mencionado mais cedo. Conheceu o lugar nos anos de faculdade, quando as árvores eram ainda tão imaturas que Clóvis não deu atenção. Aliás, tinha a impressão de ter achado o lugar um pouco tosco, talvez pelas aulas da faculdade, do contato com Rocío Prada e uma ilusão juvenil pelas plantas nativas, embora já sentisse naqueles tempos uma paixão embrionária pelas folhas dos plátanos. Por certo não vislumbrava a ideia tão parecida de vinte anos depois.

Nunca mais voltou ao lugar e, nas poucas vezes que cruzou pelas redondezas, sequer cogitou uma visita.

Agora, a praça ressurgia. Podia ser uma inspiração, mas como se chamava mesmo?

Abriu um mapa online da cidade e, em instantes, o terreno em formato de meia-lua já se centralizava na tela.

Surgiram algumas fotografias. De uma em uma, o tempo se comprimiu e o *entrecôte* já chegava ao prédio. Clóvis buscou a encomenda e jantou diante do computador, sem se dar conta de que a carne estava mal-passada. Ficou mais de uma hora perambulando entre fotografias da praça Gustavo Langsch, pasmo por tê-la esquecido durante tantos anos.

Naquela noite, tentou dormir apesar da ansiedade. Queria acordar cedo e ir pessoalmente até a praça.

Seria bom ler, ele pensou, mas teve preguiça de retornar à estante da sala. Em vez disso, ligou a televisão. O telejornal anunciava com eloquência a semifinal da Copa do Mundo para o próximo dia, no final da tarde. Alguns torcedores pintados de verde e amarelo dançavam quase nus nas ruas de Belo Horizonte. Em Porto Alegre, as temperaturas estavam mais baixas após a chuva que havia durado três dias. Clóvis pegou o celular sobre o criado-mudo e conferiu um dos aplicativos, que indicava 12°C. O frio não era extremo, mas certamente não estaria tão nu quanto aqueles torcedores nas ruas.

Já não gostava de futebol como na juventude. Mas a Copa do Mundo era diferente. Não costumava perder

os jogos da Seleção, ainda mais um jogo tão importante. Rolou na cama imaginando as possibilidades de resultado e, em alguns momentos, sonhou que ele mesmo estava em campo sem conseguir realizar nenhum dos movimentos desejados quando a bola chegava aos seus pés, enterrados até os tornozelos no gramado.

8.

C

lóvis saiu mais tarde do que planejava naquele oito de julho e desde que estacionou o carro na rua Arthur Rocha, o tempo adquiriu uma forma nublada e imprecisa, típica dos sonhos.

Caminhou pela calçada, ladeando uma coluna de árvores quase sem folhas e que não era capaz de identificar, embora tivesse a impressão de serem alguma variedade de carvalho. Caminhou até a esquina da praça, onde uma trilha de concreto permitia a entrada dos pedestres no terreno íngreme. Rumou ao centro do bosque e, a cada passo, sentia-se não mais em Porto Alegre e nem mesmo naquele ano, mas em algum momento qualquer de um passado remoto, como se entrasse não apenas em um bosque, mas em uma floresta de tempo e espaço próprios. Ao seu lado direito, uma encosta era coberta por folhas secas em formas de palmas e serras. A luz pálida penetrava nos galhos das árvores e por vezes a brisa carregava folhas em sua direção.

Deteve-se diante de uma árvore miúda cujas folhas lembravam o formato clássico estampado em cartazes e bandeiras das marchas da maconha. No entanto, a cor era de um vermelho escuro, como se alguém as tivesse embebido em vinho durante dias.

Com os dedos em pinça, agarrou uma delas pelo pecíolo e, sem exercer qualquer força, a folha se soltou. Analisou cada uma das nervuras das suas sete pontas palmadas e a atirou ao solo, onde se perderia junto às demais, já marrons.

Logo adiante, pôde distinguir um carvalho. Não tinha dúvidas, tanto pela estrutura robusta do tronco quanto pelo largo movimento dos galhos da copa, e principalmente pelo ondulado irregular da borda das folhas num tom entre o vermelho e o ocre. Ao seu lado, uma placa informava que era proibido pisar nas áreas em declive. Como não havia mais ninguém por ali, Clóvis apoiou com cuidado o pé direito sobre as folhas do lado de fora da trilha de concreto. O piso era firme e ele repetiu o movimento com a perna esquerda, seguindo em direção ao carvalho, entre os estalos secos produzidos a cada passo.

A árvore deveria ter quase dez metros de altura e, por um instante, foi atingido por uma abrupta vontade de chorar. E, de fato, algumas lágrimas chegaram a cair quando uma rajada mais forte de vento penetrou em seus olhos.

No início, sentiu-se frustrado, como se a sua ideia tivesse sido roubada, embora ele soubesse que a praça havia sido construída muito antes de qualquer intenção de sua parte. Mas logo a razão lhe domou os ânimos e o choro agora era esperançoso, afinal aque-

le carvalho comprovava não apenas a sua expectativa, mas o fato — e ali não restavam dúvidas disso — de que aquela terra era, sim, a terra prometida dos avós, uma porção da Europa num continente inexplorado do outro lado do Atlântico.

Nunca soube lidar com esse aspecto da própria identidade e a saída mais fácil foi incubar as angústias e acomodá-las num silêncio íntimo, boicotando todo escape, toda investida, deixando a si mesmo sem respostas por não ser capaz de suportar qualquer delas, pois doía tanto ser quanto não ser. Mas sentia-se profundamente alemão e disso não tinha dúvidas, pelo menos desde que existia memória de Clóvis como Clóvis. Era alemão quando convinha e não era na mesma medida. Talvez tenha sido mais fácil na infância, mas disso ele nunca esteve certo, pois por todos os lados o conheciam, por todos os lados o tinham visto crescer, meio estranho, meio escondido, meio envergonhado, aquele do olho castanho, do olho brasileiro, que virava a cara e espremia as pálpebras, olhando-se, olhando-se, olhando-se, até que alguém o chamasse para o almoço ou fosse hora de ir para a escola, ou mesmo quando ele se convencia que era completamente alemão ou completamente brasileiro, e então saía feliz de casa e mantinha a firmeza de sua essência, até que encontrasse os olhos azuis de Guido e já não bastasse a própria avaliação, já não bastasse o próprio convencimento, era incompleto

em tudo e sempre seria alemão e brasileiro, sempre os dois pela metade.

Mas sentia-se profundamente alemão, e disso não tinha dúvidas, mesmo quando se sentia plenamente brasileiro. E foi mais fácil na juventude, mas tampouco disso Clóvis esteve certo. Pois por todos os lados, na cidade onde começou a estudar arquitetura, era desconhecido e fazer-se conhecer exigia uma escolha. Resolveu-se pelo olho azul, mas poderia ser o castanho. O problema era a indecisão, era ser os dois ao mesmo tempo era ser quase um e quase outro, que era a mesma coisa que não ser nem um nem outro.

Por algum tempo, durante a faculdade, tentou se desvincular do germanismo. Mas sentia-se profundamente alemão e disso não tinha dúvidas. Restava esconder-se em discursos nacionalistas e críticas às correntes estrangeiras e ao Bauhaus e tudo mais que fizesse menção à Alemanha, criticando o nazismo e o marxismo na mesma medida. Só abria exceção à cerveja e se esforçava para que todos os trabalhos e projetos tivessem um ar brasileiro. Anos mais tarde, quando relatou tudo isso a Rocío Prada, a professora sorriu e disse que não havia nada mais brasileiro do que essa tentativa de parecer brasileiro. Ou alemão.

O fato é que bastava uma massa polar para o germanismo se sobressair, mesmo nos tempos em que Clóvis o escondia. Vestia um moletom, uma jaqueta ou saía

mesmo de mangas curtas para tatear a secura do inverno na pele e voltava a sentir-se profundamente alemão, mesmo que disso nunca tivesse dúvidas.

Contudo, evitava levar o assunto a sério, preferindo desconversar ou fazer alguma piada. Mas chegou até a entrar em uma ou outra discussão e, numa das vezes, menosprezou um colega que tinha voltado da Itália dizendo que tinha se sentido em casa e encontrado “vários de seus descendentes”. Clóvis perguntou se eles ainda comiam polenta e o colega respondeu que não, numa inocência que matou a conversa.

Mas muito muda em vinte anos e o que havia de brasilidade esmaeceu pouco a pouco. Muito muda em vinte anos e aquela praça confirmava: o carvalho diante de Clóvis era a evidência inequívoca de sua *Heimat*.

Secou as bochechas envergonhado e voltou à trilha. Percorreu mais alguns metros e, pelo caminho, estranhou a presença de jerivás. Sentou-se em um banco diante de um modesto parque de diversões, onde uma mulher empurrava uma menina que esticava e recolhia as pernas num balanço sustentado por correntes metálicas. Permaneceu ali alguns minutos imaginando seu próprio bosque e se alguém o acusaria de plágio ou de falta de criatividade.

Mas era uma besteira. Não importava que houvesse um lugar tão parecido na mesma cidade, o seu bosque seria único e, aliás, sem aqueles resquícios de vegetação nativa.

Seu bosque seria alemão, indiscutivelmente alemão.

Clóvis se distraiu a ponto de não perceber o nervosismo da mulher, que, havia algum tempo, dividia a atenção entre a brincadeira da filha e o homem estranho sentado ali perto. Deixou de embalar a menina, puxando-a pelos braços para a direção oposta. Clóvis se deu conta apenas quando a menina começou a chorar exigindo que a mãe voltasse ao parquinho.

Ele havia perdido a noção do horário e a luz havia caído desde que chegou à praça. O relógio marcava quatro e quarenta. Tinha vinte minutos até o início do jogo, certamente perderia os primeiros minutos. Fez o caminho oposto até o carro.

O trajeto ao condomínio demoraria pelo menos meia hora e Clóvis preferiu procurar um bar no centro da cidade. Rumava ao sul num trânsito quase vazio pelo jogo que iniciaria em instantes. Parou em uma rua coberta por jacarandás na Cidade Baixa e caminhou uma quadra até um antigo bar que costumava frequentar nos tempos de faculdade, e que não ia há pelo menos uma década. Por sorte ou pela própria dilatação do tempo, ele pôde não apenas ver o pontapé inicial, mas os jogadores cantarem o hino. Como não encontraria lugar para sentar-se por ali, manteve-se em pé, quase em uma posição de sentido observando os atletas lado a lado.

Dois rapazes vestidos com camisetas da seleção brasileira o espiavam e riam escondendo as cabeças entre os braços apoiados sobre a mesa de plástico. Clóvis fingiu que nada acontecia e ali permaneceu. Uma moça com as bochechas pintadas de verde e amarelo se aproximou perguntando se Clóvis iria querer algo. Ele pediu uma cerveja puro malte e um copo. Beberia ali mesmo, em pé. A mulher voltou com uma garrafa verde e Clóvis se satisfez com o azedo do lúpulo.

Não lembra em que momento perdeu o controle, se foi no terceiro ou no quarto gol, mas quando o primeiro tempo acabou e o placar indicava cinco gols a zero para a seleção alemã, Clóvis já estava embriagado a ponto de xingar os torcedores com expressões num alemão que nem ele mesmo tinha noção de saber.

Os dois rapazes já não riam. Em vez disso, esbravejavam vez ou outra para a televisão e um deles apontava o dedo em sua direção.

Nesse momento, um senhor deixou o caixa do bar e caminhou até Clóvis.

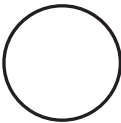
— Fazia tempo que não aparecia, alemão — o homem disse. Clóvis atentou para o homem e os traços demoraram apenas um instante para se encaixarem à imagem dez anos mais jovem daquele rosto em sua memória. — Os rapazes tão te incomodando? Se quiser, te arranjo um lugar lá dentro.

Por alguma razão, as palavras soaram como uma ofensa a Clóvis, que estava muito bem e ficaria ali mesmo. Se alguém quisesse se retirar, que fossem os rapazes. Falou alto e o senhor tentou acalmá-lo, mas um dos rapazes se levantou.

— Qualé, alemão? — ele disse, cutucando suas costas. Media vinte centímetros a menos, mas o encrava com tanta firmeza que Clóvis se obrigou a dar dois passos para trás antes de responder as palavras que fizeram o outro rapaz saltar da cadeira em direção ao amigo, que perguntava do que é que Clóvis o havia chamado.

E, sem qualquer bom senso, Clóvis repetiu a ofensa antes de receber o primeiro soco em meio às pessoas que o acusavam de algo que ele não entendeu bem e que só o acudiriam depois que mais seis socos atinxissem o seu rosto e ele apenas fosse capaz de devolver um, sem nenhuma intensidade, para logo ser expulso do lugar sem conseguir acompanhar o segundo tempo.

9.

s funcionários que limpavam o terreno já tiravam as máquinas quando Clóvis chegou. O trabalho tinha durado três dias e a antiga área de troncos podres espalhados pelo capim exibia, agora, uma ligeira planície de terra revolvida, onde uma única araucária continuava em pé, quase centralizada, como um ponto de foco natural no fim do futuro caminho de plátanos.

O supervisor ordenou que os funcionários tirassem as últimas ferramentas e caminhou ao encontro de Clóvis, que permanecia na porta dos fundos do prédio, admirando o terreno.

— Já estamos finalizando, seu Clóvis — o homem disse, tirando um cigarro do maço que fazia volume na camisa rosada.

Clóvis balançou a cabeça em acordo, descendo alguns centímetros no degrau que divisava o prédio do lote baldio. Caminhou de forma aleatória pelo lugar, sempre olhando para o chão e vez ou outra recolhia alguns gravetos.

— Me desculpe, seu Clóvis. Sempre acaba caindo um ou outro galho, mas em meia horinha está tudo limpo.

Clóvis disse que não tinha importância, mas o homem pôs dois dedos na boca e assoviou:

— Ô, Paulão, pega o carrinho que sobrou aí e recolhe esses gravetos.

O funcionário bebia água na sombra do edifício. Largou a garrafa sobre a terra e, num vigor repentino, pegou o carrinho de mão e começou a percorrer o terreno numa linha reta, juntando quaisquer restos de madeira que encontrava no chão. O supervisor fumava e mantinha a mão esquerda na cintura, acompanhando o trabalho do homem que agora voltava no mesmo sentido, um pouco mais à esquerda.

— Quando ele quer trabalhar, é melhor que boi de carga.

Clóvis se surpreendeu com a comparação. O funcionário ia e voltava num zigue-zague quando cruzou ao lado deles e Clóvis atirou os gravetos para dentro do carrinho.

Andou mais alguns metros até a araucária, ainda mais alta ali sozinha.

A tarde já avançava e a sombra se estendia até o lado de fora do terreno, onde a imagem distorcida dos galhos radiais da árvore se entrelaçava no muro vizinho. Clóvis demorou alguns segundos e o supervisor quis se retratar.

— Eu logo ia entrar nesse assunto — ele disse sem que Clóvis compreendesse. — A gente tentou de

todas as maneiras, mas a árvore estava tão pegada no muro que ele começou a rachar e aí eu mandei parar.

— Como é? — Clóvis arregalou o olho azul.

— Esse toco que o senhor estava olhando — ele continuou e Clóvis finalmente entendeu, ao ver um emaranhado de raízes que saíam do muro, logo abaixo da sombra da araucária. — Não teve jeito de tirar e se a gente continuasse era capaz de quebrar parte do muro. Mas é só esse pedacinho muito escondido, algumas pás de terra já resolvem o problema.

Clóvis cruzou pela araucária e seguiu a direção dos raios de sol até chegar ao muro. Era uma raiz muito grossa, cortada rente ao solo. Não era tão visível, mas Clóvis a agarrou por uma saliência mais fina e tentou puxá-la, sem que ela se movesse nenhum centímetro. Puxou de novo, com o mesmo resultado. Tentou mais algumas vezes, com ambas as mãos até quase cair para trás quando uma das mãos escorregou pela madeira.

— Não vai ter jeito, seu Clóvis — o homem se aproximou. — Só quebrando o muro.

— Por que não me avisaram antes? — Clóvis dava chutes na raiz que não saía do lugar.

— Não deu tempo, seu Clóvis. Eu achava que seria moleza, mas a gente nunca sabe direito onde uma raiz dessas acaba. Olha, se o senhor me permite uma opinião — o homem acendeu outro cigarro —, eu até acho bonito

assim, meio rústico. Melhor do que arranjar problema com o vizinho.

Clóvis bufou e deu as costas ao muro.

Paulão ainda andava para um lado e para o outro com o carrinho. Clóvis voltou a olhar para a raiz.

Era só essa ou havia mais surpresas?

— Não, não, seu Clóvis — o homem deu uma longa tragada. — O único problema foi esse.

Clóvis percorreu o terreno por precaução e se certificou de que não havia mais qualquer resquício do bosque nativo.

Paulão já tinha terminado o serviço e o supervisor perguntou se era preciso mais alguma coisa. Clóvis respondeu em negativo e o homem apagou a bituca de cigarro na terra e a arremessou do outro lado do muro, despedindo-se e desaparecendo junto com o funcionário. Da porta dos fundos, quase podia visualizar o projeto finalizado, o salão de festas à direita, o caminho de plátanos diante de si. Se não fosse aquela raiz, tudo seria perfeito, ele pensou, fazendo um bico com os lábios. Não lembrava que árvore teria sido a responsável por

raiz tão potente, mas pensou que pudesse ser um fícus ou uma aroeira.

Não importava.

No final das contas, o supervisor tinha razão, precisava apenas de algumas pás de terra. Ou de folhas secas.

Imaginou uma multidão delas espalhadas pelo solo nos outonos futuros e até se alegrou com a imagem das folhas ocres e serrilhadas dos carvalhos em um pequeno monte que podia ser ali mesmo, sobre a raiz insistente. Empolgava-se com a imagem enquanto a tarde se tornava amarelada e a sombra da araucária se arrastava ainda mais. Sim, um morrinho de folhas secas e tudo se resolveria. Seria quase como se aquela raiz nunca tivesse existido.

Clóvis fechou a porta e voltou para o edifício.

10.

Clóvis despertou com o som do interfone. Era a camionete, que chegava com as primeiras mudas.

Vestiu uma calça jeans acinzentada e velha e, pelo tempo nublado, julgou que uma camiseta grossa e um moletom seriam necessários. Calçou o par de botas de borracha que utilizava durante os trabalhos nos quintais de terra e saiu do apartamento logo depois de pegar uma maçã verde da fruteira sobre a mesa.

As plantas estavam dispostas em caixas ao ar livre sobre a caçamba do veículo. O entregador era o mesmo homem que o havia atendido um ano antes, quando Clóvis foi avisado de que não conseguiria todas as mudas naquela primavera e, se quisesse plantar todas ao mesmo tempo, teria que esperar até o ano seguinte. Ou seja: o terreno já estava limpo havia um ano quando Clóvis atirou o miolo da maçã no asfalto.

Ao sair pela portaria, fez um aceno e começou a retirar cada uma das vinte caixas com o afincio de quem reuniu forças durante doze meses para aquele ato. Elas continham cinco ou seis mudas, dependendo do tamanho das plantas. A maioria não passava de seu próprio tamanho, mas as últimas duas caixas comportavam

apenas quatro plantas finas e bastante desenvolvidas de plátanos, que formariam o portal de entrada do bosque. Eram as únicas que passavam dos três metros de altura, além de dois carvalhos um pouco menores, que Clóvis plantaria de cada lado do caminho central. Precisou carregá-las individualmente, indo e voltando do estacionamento para o terreno dos fundos, as plantas no colo como grandes crianças mal-acostumadas.

Levou quase meia hora para descarregar todas elas, tempo suficiente para que o suor marcasse o centro de suas escápulas com um largo círculo. Era início de setembro e fazia mais de vinte graus. Clóvis tirou o moletom e o deixou sobre um banco de madeira rústica ao lado da porta que dava para o terreno dos fundos. Remangou a camiseta e saiu.

Começou fazendo as marcações. Cravava estacas e abria covas onde cada muda seria plantada: o centro era reservado aos plátanos, que formariam um caminho de cinco metros de distância entre cada lado, onde as caducifólias seriam distribuídas à direita e à esquerda, numa desarmonia planejada. Não queria, para além do caminho central, uma uniformidade de espécies e nem de posicionamento, mas tampouco buscava uma aleatoriedade completa. As coníferas ficariam ao fundo, como grandes molduras e, de cada lado das fileiras de plátanos, as caducas seriam distribuídas apenas respeitando a distância de cerca de três metros entre si, sem formar colunas.

Já passava do meio-dia quando se deu por satisfeito. Era hora de iniciar os transplantes, mas o suor escorria debaixo da camiseta e uma fresta entre as nuvens fez o sol atingir sua cabeça em cheio. Tinha mais sede do que fome. Caminhou até a porta dos fundos onde uma faxineira havia parado para comer um sanduíche. Ele pediu um copo de água, mostrando as botas sujas. Ela largou o prato com o sanduíche sobre o banco onde Clóvis havia deixado o moletom e voltou instantes depois com uma garrafa plástica de dois litros e sem rótulo, cheia de água gelada. Clóvis tomou alguns goles demorados, sem tirar a garrafa da boca. Perguntou se poderia ficar com a água e a mulher fez um sinal de positivo com a mão, enquanto mastigava o almoço.

As caixas aguardavam no lado de fora e Clóvis bebeu um último gole antes de deixar a garrafa atrás delas. Assim que se agachou, no entanto, notou que não era apenas ele quem havia passado sede. Apalpou o substrato de uma muda de pinheiro silvestre e notou que estava quase seco. Conferiu outras mudas e quase todas estavam na mesma situação. Procurou o regador que havia deixado ali fora havia alguns dias, mas não encontrou em lado algum. A faxineira já havia saído e Clóvis não teve muito tempo para refletir. Pegou a garrafa com a água gelada e regou as plantas ainda dentro das caixas, posicionando a mão esquerda sob o gargalo, para que a água não atingisse com muita força o substrato. Encheu

a garrafa algumas vezes com a água morna e cheirando a cloro de uma torneira ao seu lado e, por fim, terminou de regar todas as plantas.

Não podia perder mais tempo e começou pelos plátanos grandes. Tentou carregá-los de dois em dois, segurando pelo tronco, de braços abertos, equilibrando as plantas que alcançavam quase o dobro de sua altura, mas desistiu ao tentar erguê-las. Então levou uma por uma até o início das marcações, alguns metros adiante.

Pegou a primeira muda, dando alguns chutes para que o substrato se separasse do vaso plástico. A água pingava pelos orifícios de drenagem e a planta teimava em se soltar. Clóvis se deu conta de que a rega havia atrapalhado o serviço, mas não podia correr o risco de alguma raiz secar e comprometer as mudas. Deu mais chutes e o vaso caiu sobre o chão, com parte do substrato grudado em suas paredes. O caule tinha a grossura e o aspecto de um bastão, de modo que sua mão fechava com perfeição milimétrica. Mantinha pouquíssimas folhas, secas pela metade, intercaladas com algumas gemas latentes, prontas para brotarem na galhada fina e podada rente ao tronco. Agachou-se e posicionou a planta dentro da cova, mas a superfície do substrato ainda sobrava alguns centímetros acima da terra. Retirou a muda e cavou com a própria mão, despejando mais punhados de terra sobre o morrinho que havia feito mais cedo ao lado do buraco. Voltou a posicionar a

planta e, agora sim, pôde cobrir o torrão com a mesma terra. Com um barbante, atou-a numa estaca da altura de seu peito, que marcava o lugar do transplante a um palmo de distância.

Repetiu os passos durante todo o caminho e se certificou de que todas as mudas estavam firmes em seu novo lar. Eram cerca de quarenta metros de terra em linha reta e o cuidado de Clóvis a cada transplante levou mais tempo do que o previsto. Quando finalmente olhou para trás, as plantas ainda jovens e baixas, pôde vislumbrar um futuro túnel amarelado em abril, de galhos secos em agosto e de um verde delicado e jovial, lá pelo final de setembro. O terreno pouco lembrava a devastação do ciclone e aquela tenra triilha de plátanos era a cicatriz da terra que doía cada vez menos.

Voltou pelo meio dos plátanos e imaginou um gramado onde as gotículas de orvalho congelariam em meados de julho. Com sorte, algum dia veria a neve sobre os galhos nus. Esteve imerso em expectativas durante alguns segundos, quando dona Sidete surgiu na porta com as mãos apoiadas na cintura.

— Achei que já estaria acabando — ela disse, soltando os braços e caminhando na direção de Clóvis. — Faz uma pausa, vai almoçar.

Ele não tinha fome, mas dona Sidete insistiu. Que comesse pelo menos algumas cuecas viradas que tinha

deixado na portaria. Clóvis desconversou, tinha bastante trabalho e não queria deixar para o dia seguinte.

Dona Sidete olhou para as caixas cheias de plantas e para a quantidade de estacas e covas vazias. Naquele ritmo, Clóvis terminaria no escuro.

— A parte difícil já foi — ele disse, buscando uma caixa de pinheiros.

— Bom, qualquer coisa as cuecas viradas estão lá — dona Sidete disse, entrando no caminho recém-formado. — O pessoal da construção ligou e está confirmado para semana que vem.

Clóvis já quase chegava às marcações das coníferas, onde deixou a caixa antes de agradecer. Era uma ótima notícia.

— Só fico pensando — dona Sidete olhava para um plátano, arrancando uma folha seca que se desprendia do caule —, será que não era melhor plantar as árvores depois do salão construído? Sabe como esses pedreiros são brutamontes, é capaz de eles largarem tudo por cima das plantas.

Clóvis riu e disse que ia supervisionar tudo. As plantas não podiam esperar, já estavam com as gemas muito inchadas. Caminhou até o plátano diante do qual dona Sidete permanecia e mostrou um pequeno broto. Mais uma semana e o risco seria maior.

— Ainda mais nesse calor — Clóvis disse. — É cedo pra estar tão quente.

— Nos últimos anos tem sido assim — dona Sidete concordou. — Já não faz tanto frio quanto fazia vinte anos atrás.

— Pois é — Clóvis voltou à caixa que tinha deixado no chão, tentando dar pouca importância à opinião da síndica. De qualquer forma, ela tinha muito o que fazer.

Clóvis a viu percorrer o caminho em direção ao prédio, enquanto ele transplantava a primeira muda de pinheiro silvestre.

As nuvens já eram escassas e as pernas fracas de Clóvis bambearam quando ele se levantou, tomado por uma vertigem acompanhada por auréolas.

Dona Sidete estava muito distante, mas a sensação de que Clóvis tinha fome talvez a tenha feito virar de novo, gritando, da porta dos fundos, que ela mesma tinha feito as cuecas viradas. Mas, do outro lado, Clóvis já estava caído sobre a terra, diante das mudas.

11.

Uma frente de *cumulonimbus* sobrevoava Porto Alegre. Clóvis sabia só de olhar o horizonte Sul de Nova Petrópolis, o cinza chumbo cortado pelo brilho roxo dos relâmpagos, como certa tarde ouviu do velho Hermann. Diante de si, no entanto, a cerca viva era quase dois palmos mais alta que sua cabeça: um labirinto de ciprestes, inaugurado havia poucos meses, suficientes para que Clóvis tivesse decorado seu caminho.

Podia ouvir as passadas de Guido sobre as britas. Ele corria pelo labirinto já havia mais de um minuto, como confirmava o cronômetro de Lúcia, responsável por formular as principais regras do duelo.

Contava apenas o percurso de ida e Guido e Clóvis deveriam correr um de cada vez, anunciando a chegada ao centro subindo no patamar. Só então Lúcia parava o cronômetro, o que levou um minuto e dezoito segundos no caso de Guido. Clóvis já havia completado o percurso inteiro em menos de um minuto na semana anterior. Minutos mais tarde, Guido surgiu na entrada do labirinto mostrando o joelho esquerdo ralado. Caiu quando tentava retornar de uma entrada equivocada, os pés derraparam e Guido só conseguiu apoiar o joe-

lho. Clóvis nem precisava entrar, pois Guido se dava por vencido, pressionando o ferimento com a palma da mão. Mas seria injusto e, além disso, Clóvis não cantava vitória antes da hora.

— Tô pronto — disse para Lúcia.

Ouviu a contagem regressiva e saiu para o lado direito na penumbra dos ciprestes, até enxergar apenas chão, plantas e céu. O brilho fraco do final de tarde o acompanhava pelo corredor verde, uma luz que caía ainda mais rápido, tanto pelo final do dia e como pelas nuvens que avançavam numa velocidade muito superior às pernadas de Clóvis, que entrou pela esquerda e ignorou a abertura seguinte para então virar à direita, e agora eram três esquerdas seguidas e um e dois e direita e direita, as plantas se moviam junto com seus passos e o fôlego era mais curto e cheirava a pinho, mas a luz caiu ainda mais e Clóvis só podia se localizar pela escuridão naquele sul que quase o alcançava e um som longo e distante de trovoadas o paralisou quando virou à direita mais uma vez e agora já estava quase lá, bastavam três passagens e ele pôde ver o centro entre as camadas de plantas, quando um relâmpago mais próximo iluminou o labirinto inteiro e Clóvis divisou o altar de concreto atrás das acículas dos ciprestes, o pódio a quem concluisse o caminho com sucesso, e Clóvis paralisava como perdido, mas era impossível, ele só precisava virar à esquerda, e depois à direita e então subiria para

anunciar a sua vitória e sua volta, erguendo os braços e gritando para avisar que estava ali, e um raio iluminaria seu rosto vitorioso, seria lindo do lado de fora, a luz limpa da eletricidade no rosto de Clóvis, que se esforçava para tirar os pés do chão a cada passo, até conseguir virar à esquerda, e à direita e enfim bastava contornar a última camada de ciprestes, apesar do peso das coxas, mas o esforço valeria a pena, eram poucos passos e Clóvis apenas precisava subir no patamar, seria lindo ver a admiração de Lúcia com o cronômetro em mãos, mostrando o novo recorde que Clóvis estava prestes a estabelecer, seria lindo, lindo, seu rosto iluminado pelos relâmpagos, e Clóvis estava diante do patamar, pronto para ser celebrado, pronto para ser louvado, mas nem tão pronto para um céu claro e o beijo de Guido e Lúcia, de costas para sua façanha.

12.

— Meu filho — Clóvis ouviu —, sorte que eu virei antes de entrar.

A voz de dona Sidete produzia notas agudas e firmes e ele se percebeu na poltrona da recepção. Seu Geraldo oferecia um copo de água e, antes de aceitar, Clóvis se acomodou no assento, secando o suor das sobrancelhas enquanto dona Sidete posicionava um ventilador na direção de seu rosto. Ela bem que o havia notado pálido lá fora. Não dava para ficar tanto tempo de barriga vazia.

Clóvis não se esforçou para reconhecer que dona Sidete tinha razão: ele havia comido apenas uma maçã durante todo o dia. Sentiu o estômago queimar conforme a síndica falava sobre os perigos do jejum, ela mesma não conseguia parar em pé se não comesse de duas em duas horas, uma bolachinha que fosse, e pegava uma das cuecas viradas de dentro do mesmo pote de plástico vermelho sob a bancada de imbuia da portaria.

Ela falava num ritmo cortado pela mastigação, não entendia a correria de todo mundo, as pessoas estavam tão apressadas — mordida mais um pedaço —, esqueciam até de comer. Clóvis ouvia como uma criança de castigo. Num intervalo da brisa do ventilador giratório, o aroma nauseante de noz-moscada veio de dona Sidete.

— ... ainda mais num calorão desses — ela disse.

Apesar da vertigem, a menção à temperatura o fez lembrar das plantas em pleno sol. Levantou-se apoiando os cotovelos nos braços da poltrona. Dona Sidete se precipitou em sua direção, como quem cuida um bebê nos primeiros passos. Era melhor descansar. Mas ele precisava terminar o serviço ainda naquele dia ou, pelo menos, regar bem as plantas e deixá-las em algum lugar sombreado. Dona Sidete o encarou, mordendo uma cueca virada. Que fizesse no dia seguinte. Agora ele precisava comer e descansar.

Mas Clóvis fazia pouco caso. Já estava acabando o serviço, não ia levar muito tempo.

— Quem é que tu quer enganar? — ela disse. Clóvis levou um susto, procurando o sentido da pergunta. — Tu não chegou nem na metade do serviço. Daqui a pouco escurece.

Ele nem tinha percebido. Já passava das quatro e a notícia veio como uma bufada de ar quente, que saiu de uma só vez de suas narinas. A expectativa de ver o bosque plantado não se cumpriria. Não naquele dia. E o problema, apesar de minúsculo diante dos conflitos gerais da sua existência, não era alheio a eles. Sentiu arderem as frustrações, com as quais nunca soube lidar, e penetrou com os dedos os próprios cabelos, para agarrá-los como se os quisesse arrancar pela raiz.

— Então vou tirar as plantas do sol.

Seu Geraldo faria isso. Que Clóvis não se preocupasse. Ele ouvia, tentando controlar a irritação. Mas, por mais que ele aceitasse as soluções, elas eram insuficientes. Não apagavam as ilusões fracassadas, mas alimentavam a raiva de Clóvis diante da própria incapacidade, diante das eventualidades, uma raiva lentamente fermentada durante os anos de solidão em Porto Alegre.

Nesses momentos, as ações de Clóvis eram imprevisíveis e sempre dependiam da intensidade da frustração, o que não era fácil de quantificar, dado que o motivo imediato quase nunca explicava as reações desproporcionais.

— Certo — disse, esforçando-se para modular a voz, dando a entender que se sentia agradecido, mas, ao mesmo tempo, impedido de solucionar ele mesmo o problema. Um problema criado por eles, o tom cínico de Clóvis reforçava.

Guido e Lúcia sentiram o mesmo tom quando Clóvis saiu do labirinto quase trinta anos antes, e só agora ele compreendia a fundo sua irritação, o que tampouco a resolvia.

Fazia anos que não os via e mesmo o contato virtual era escasso. Principalmente com Lúcia. Da última vez que teve notícias, soube que ela dava aulas em alguma capital nordestina, talvez Recife.

Quanto a Guido, Clóvis sabia bem do paradeiro. Mudou-se para a Alemanha havia dez anos, logo que

terminou a faculdade de jornalismo. Eram inseparáveis na infância e Clóvis não se surpreendeu quando o amigo contou da mudança, pois todo mundo sabia que, de alguma forma, esse era o destino de Guido. Falava alemão melhor que os próprios pais e não foram poucas as vezes que ele se passou por nascido na Alemanha para conseguir ou para se safar de algo (na verdade, Clóvis percebia que Guido só fazia isso para provar que era capaz).

Clóvis nunca esqueceu de quando os dois mataram aula para ir ao circo e Guido, além de entrar sem pagar por ser estrangeiro, ainda espalhou para todo o colégio que Clóvis foi chamado de David Bowie pelo palhaço.

A amizade se consolidou em uma estrutura pouco favorável a Clóvis, sempre alvo dos deboches e da esperteza de Guido, estrutura que colapsou ainda na adolescência, principalmente depois do beijo de Guido e Lúcia, mesmo depois de Clóvis ter revelado seu plano, horas antes de ambos entrarem no labirinto: como vencedor do duelo, declararia seu amor juvenil pela amiga.

Diante do elevador, dona Sidete olhava para Clóvis, aguardando uma resposta.

— Vamos lá? Te acompanho até o teu apartamento.

— Não precisa — ele se reestabelecia. — Eu consigo sozinho.

— Esses homens — ela alongava as sílabas tônicas — não aceitam ajuda pra nada. Seu Geraldo ria e Clóvis advertiu que ele não esquecesse de regar as plantas.

— Deixa comigo — o porteiro respondeu e dona Sidete já pressionava o botão do andar de Clóvis.

As portas fecharam e o cheiro da noz-moscada tomava conta do ambiente. Clóvis tentou prender a respiração, mas dona Sidete queria saber se ele tinha almoço em casa. Qualquer coisa, ela tinha um escondidinho pronto, daquele mesmo dia, era só esquentar — ela pressionou o número do próprio andar apressada. Mas a impaciência não deixava Clóvis raciocinar e, além disso, o cheiro da noz-moscada o enjoava a ponto de quase vomitar.

— Tá vendo — ela disse. — Isso é fome.

O elevador parou e ela pediu para segurar a porta. Buscaria um prato para ele. Não era necessário, ele tentava fazê-la desistir. O escondidinho estava uma delícia, ela passava a língua pelos lábios. Mas ela não precisava se preocupar, ele tinha comida em casa. Ela não parecia notar a impaciência de Clóvis. Por que ele não levava, ao menos, umas cuecas- viradas?

— Não gosto, dona Sidete! — ele disse, deixando escapar a irritação acumulada. Ela o encarou, jogando a cabeça para trás num susto.

— Bom. Então te vira, Clóvis — ela disse, indignada. — Nunca vi não gostar de cueca-virada — ela já

se movia em direção ao corredor. E a porta já fechava quando Clóvis ouviu:

— Nem parece alemão.

13.

Clóvis tentava dormir havia quase uma hora, quando os primeiros relâmpagos começaram a penetrar as frestas da persiana. O ar-condicionado mantinha a temperatura nos dezoito graus que Clóvis insistia às noites, apesar do cobertor ao qual recorria já ao deitar. Até aquele momento, só as luzes o perturbavam. Foi quando um estrondo duradouro estremeceu o prédio, instantes após um relâmpago. O tremor foi suficiente para despertar o alarme dos carros estacionados na rua. O ar-condicionado parou e o quarto estava completamente escuro sem as faixas das luzes da cidade brilhando na parede.

Clóvis esperou vários segundos deitado e podia agora perceber os relâmpagos com mais regularidade, como uma ambulância se aproximando aos poucos de seu quarto. Afastou o cobertor e levantou-se de lado na cama, tardando um pouco para localizar os chinelos de borracha ao lado do tapete. Calçou-os e foi até a sala, onde pôde apreciar a escuridão do lado de fora da vidraça, intercalada com as sombras dos prédios e da copa da araucária quando os relâmpagos se formavam.

Fazia um calor insalubre, trinta graus àquela hora da madrugada. Clóvis olhou para os trincos da janela,

bem presos. Não, ele aguentaria o calor, logo a energia havia de voltar. Caminhou até a cozinha de onde retornou com um copo de água gelada. Bebeu inteiro, sem tempo da condensação do lado de fora do vidro pingar sobre o piso da sala. As mãos agora estavam úmidas e as janelas pareciam ainda mais distantes. O calor sufocava e ele pensou em voltar para o quarto, onde o frescor do ar condicionado ainda poderia se manter durante alguns minutos, talvez suficientes até a energia retornar.

Deixou o copo sobre a mesa, sem baixar novamente a mão rente ao corpo. Em vez disso, a pôs com firmeza na nuca. Um arrepio o fez suspirar e ele repetiu o gesto sobre os pelos do peito, na barriga, nas coxas, mas a mão ganhava temperatura aos poucos e a sensação logo se desfez. Voltou a apertar o copo vazio e repetiu os passos anteriores algumas vezes, mas o copo também não demorou a esquentar. Como se aceitasse a derrota, voltou ao quarto que havia esquecido durante todo esse tempo com a porta aberta e, agora, quase não restava nada da climatização. Não via alternativas: passaria calor ou abriria uma das janelas.

Mas como faria isso? Não era a chuva nem mesmo o vento o que o impedia. O seu grande problema eram os raios. Lembra ainda hoje de um temporal durante uma das aulas de geografia da terceira série, o ruído repentino e o tremor tão forte quanto o daquela noite. Algumas crianças soltaram um longo “uuuuuhhh” e outras

foram à janela, ao que o velho Hermann pediu silêncio, mandando todos retornarem aos lugares. Mas o professor aproveitou a deixa para ensiná-los sobre as descargas elétricas e, por isso, contou da morte de uma prima muitos anos antes, quando tentava fechar uma janela de metal durante uma tempestade de raios. Ninguém mais se aproximou da janela naquela aula, embora a maioria hoje nem lembre mais daquela manhã. Clóvis talvez tenha sido o único a acreditar na história do professor, tanto que, na mesma tarde, contou a um amigo que, em compensação, o convidou para ver o buraco muito fundo, de uns dois metros, que havia aparecido no pátio de casa depois do raio. Mas Clóvis negou o convite. Não, não queria ver o buraco, era uma bobagem, que deixasse para lá.

Caminhou novamente pelo corredor até a mesa da sala de onde retirou o copo. Voltou à cozinha e o encheu com água e cubos de gelo que boiavam nas formas, até o copo quase transbordar. Dava passos curtos no escuro, evitando molhar o chão. Chegou ao sofá e sentou-se depressa, unindo as pernas como asas abertas sobre o estofado. Olhava intrigado para a janela, os relâmpagos traçavam desenhos luminosos no céu rosado.

Assistia com uma admiração que não podia explicar, mas que era inversamente proporcional ao seu medo. Bebia goles demorados de água gelada, repousando, entre cada um deles, o copo no meio das pernas

cruzadas. Sentia o frio úmido na virilha e nos calcanhares quando o ar se tornou mais denso por um instante, como uma pressão muito rápida, seguida de um forte barulho de vidro se despedaçando. Entre as pernas, o copo intacto ainda mantinha um resto de água. O ruído vinha do prédio, sem dúvidas. Mesmo assim, não teve coragem de deixar o apartamento. Ficou lá toda a noite, entre o temor e o prazer daquele concerto, um maestro frente a uma orquestra dissonante, mas que ainda assim estava sob seu controle. Bastava um rápido movimento com o indicador, ele imaginava, e todos os relâmpagos brilhariam numa harmonia que só ele compreendia por inteiro. Balançava o dedo e ria, apesar do pavor. Uma cena patética, mas que o acalmava.

O humor, no entanto, não era o mesmo quando uma tempestade o surpreendia na rua — o que não era comum, já que Clóvis se acostumou a conferir as previsões do tempo não apenas em aplicativos, mas por meio dos próprios mapas de satélite. Vez ou outra contrariava as previsões dos próprios meteorologistas — e sentia um orgulho muito particular quando o tempo confirmava a sua razão. De qualquer maneira, Clóvis acumulava um extenso conhecimento sobre as formas de proteção em caso de descargas elétricas. Por precaução, evitava até mesmo tomar banho durante tempestades muito fortes. Mais de uma vez, inventou desculpas para não participar de atividades ao ar livre, apenas pela possi-

bilidade de raios. Pensava conhecer profundamente o lugar onde vivia, o estado com o maior índice de descargas elétricas tocando o chão. Mas agora, a mais de cinco metros da janela da sala, sentia-se imune, regendo a orquestra de relâmpagos num *diminuendo* lento, quase imperceptível, criando uma atmosfera de modorra que o fazia esquecer a temperatura intolerável em qualquer outra situação.

Não se deu conta de ter dormido até ver a luz opaca do início da manhã. Restavam algumas nuvens claras, entre as quais o brilho do sol era visível. O suor lhe escorria pela espinha e a almofada em que recostava a cabeça estava ensopada. Levantou como se o aguardasse um compromisso inadiável e caminhou desorientado pela sala até a cozinha. Abriu a geladeira, de onde retirou a jarra com água pela metade. Só quando bebeu o primeiro gole e sentiu a água quase morna é que notou que a energia ainda não havia voltado.

Foi quando algo o fez quase correr pelo apartamento até a janela da sala. Não era possível, como havia esquecido, ele agora se perguntava, enquanto vestia bermuda e camiseta, preparando-se para descer treze andares pelas escadas. Certamente tinha sido o medo. O medo de chegar perto de qualquer janela durante uma tempestade. Aquele medo o transportou ao passado, apagando a maior das preocupações. Não fosse o medo, teria visto. E ver seria suficiente para ter-se preparado.

Mas, entre o brilho dos relâmpagos, o medo o impediu de ver suas mudas sendo arrancadas como brotos pelo vento. Não fosse o medo, o cenário do lado de fora não seria tão desolador. Não podia ser, ele pensava enquanto corria pelos degraus. Queria estar enganado. Abriu a porta corta-fogo do térreo sem prestar atenção nas faxineiras que ainda limpavam os cacos da vidraça do saguão do prédio, estilhaçada pelo vento. Ao sair pela porta dos fundos, sentiu uma raiva tão intensa que foi incapaz de exprimir e talvez a isso se deva o tamanho de seu abatimento. Quase todas as mudas haviam sumido. Além da araucária, restavam apenas os plátanos grandes, dispersos na fileira que acompanhava o caminho de brita. Onde antes estavam as outras plantas, não sobrava nada além de alguns buracos e fragmentos de galhos e troncos finos.

Caminhou pela terra molhada e agachou-se diante de um dos destroços, como se fosse chorar sobre a terra. Mas logo pôs-se em pé, com um pedaço de madeira ainda verde em mãos. Então olhou novamente para as árvores que restavam, sentindo a dor renovada e aguda daquela terra, sem saber em que momento havia perdido o controle de sua orquestra.

segunda parte: caule

14.

A chuva ganha força e, da porta dos fundos do condomínio, Clóvis enxerga a água marrom acumulada entre as demarcações das mudas menores. Não passam de um metro de altura e as copas escassas deixam a luz penetrar o solo no início das manhãs e no final das tardes, apesar das trajetórias curtas do sol durante o outono e o inverno. Mesmo assim, a grama teima desde o início de setembro para vingar debaixo das folhas ainda verdes das plantas.

Da porta, o caminho de brita segue entre os plátanos maiores e mais antigos, seguidos dos mais recentes em tamanhos irregulares. Clóvis preferiu manter as poucas que resistiram àquele temporal de janeiro de 2016. Nem mesmo os meteorologistas concluíram o que pôde ter causado uma destruição tão massiva. Alguns falam em tornado, outros persistem na hipótese de um *downburst*. O fato é que a noite dificultou qualquer visibilidade e, por isso, as análises só puderam considerar imagens de satélite e as consequências em vários pontos da cidade, já no dia seguinte.

As expectativas só atrapalharam e, três anos mais tarde, pouco há de Alemanha no cenário. Os abetos e os lariços definharam nos verões ardentes e as cadu-

cas quase se comportam como perenes. Os outonos não ofereceram qualquer matiz além da cor opaca das folhas queimadas pelo sol do paralelo trinta, muitos graus a menos do que as latitudes europeias às quais todas aquelas espécies estão acostumadas.

Essa é parte dos fatos que Clóvis talvez não ignore, mas, pelo menos, se esforça para esquecer. Está convencido de ter se apressado e que a pressa atrasou o bosque. Mas não culpa o conceito, não culpa a escolha das espécies. As plantas eram as ideais, as mesmas plantas cultivadas desde os primórdios da antiga Germânia, e ele chega a imaginar um ancestral corpulento lutando contra imensos bisões entre carvalhos robustos, uma imagem rústica e amplificada pela megalomania que herdou do pai, o passado romântico que alimenta a cada vez que olha para a fragilidade das mudas de carvalho de seu bosque anão.

Ao fundo, os pinheiros silvestres parecem ter se acomodado acima do jardim de hortênsias que Clóvis aproveitou para esconder a raiz nativa junto ao muro por onde sobem trepadeiras demarcando o terreno. No centro do caminho, a alameda de plátanos se abre para a direita, onde uma trilha de bordos desemboca no salão de festas: uma construção em enxaimel de cem metros quadrados, com os ângulos pronunciados do telhado vermelho sobre as hastes de madeira em tom escuro, contrastando com as paredes pálidas de tijolos maciços.

A construção foi encomendada por Clóvis a uma família de carpinteiros de Blumenau, que trouxeram o arcabouço, montado e preenchido com tijolos e cimento em menos de uma semana em que a família trabalhava quase sem parar, todos vestidos a caráter, com o rigor romantizado dos alemães imigrantes do século XIX.

Por dentro, o assoalho de madeira rústica deu lugar ao piso frio de uma cerâmica áspera imitando pequenas tábuas. O salão é amplo, quase um galpão aberto, apenas com divisórias para banheiros masculino e feminino e uma cozinha completa, com geladeira, fogão e churrasqueira. No centro da grande sala, uma extensa mesa de madeira escura de jacarandá é acompanhada por dois bancos de mesmo comprimento e material. Num dos cantos, um forno de tijolos sustenta uma chaleira vazia sobre a chapa de metal.

Clóvis se equilibra entre os passos na trilha embarrada. Aos seus pés, duas folhas alaranjadas lhe arrancam um sorriso inesperado. Ele se agacha e analisa os filamentos das folhas. Será o outono, finalmente? Assim espera, porque não planeja tratar novos casos de *verticillium*. Mas nas plantas ao redor não há indícios de pragas. São duas folhas secas pelo outono, definitivamente, ele se levanta alegre, dando passos ligeiros segurando as folhas da cor da brasa. Finalmente, finalmente, ele se empolga e avança no bosque, ansioso para mostrar o triunfo a quem quer que seja e, apressando o ritmo ao

ver a luz acesa dentro do salão, ele resvala e é obrigado a voltar três passos desastrados para não cair de costas no barro.

Quando consegue se equilibrar, nota uma muda de folhinhas brilhantes da altura de suas coxas. Não lembra de tê-la plantado. Arranca uma folha e a espreme nos dedos, levando até o nariz: uma pitangueira?

Não pode entender. Como parou aí?

Agacha-se. A água empoça ao redor da muda. Agarra a planta pelo caule e puxa com força. Ela sai inteira, expondo as raízes curtas, sem sinal de pivotante. Alguém a plantou ali.

Ergue-se e caminha para o salão de festas com a pequena pitangueira na mão. Atira a muda na lixeira ao lado da porta e entra.

O salão está vazio.

Apaga a luz e sai.

15.

Clóvis mudou-se para o apartamento poucos dias depois de completar trinta e oito anos. Acostumado à rotina do centro de Porto Alegre, onde se estabelecera desde a época da faculdade nos anos noventa, ele já havia poupado dinheiro suficiente para quitar a compra do apartamento recém-construído num bairro calmo da Zona Sul, onde passou a viver na solidão do décimo terceiro andar, de imóveis inabitados e cheiro de gesso recente. Um cheiro que ainda traz à memória a morte da mãe, antes do terceiro mês no novo lar.

Não voltava a nova Petrópolis havia meses, e só o fez pelo infortúnio, porque ainda antes, nos anos que sucederam a morte do pai, a cidade já empalidecia num desgosto inabalável: era terra enterrada e os poucos amigos e familiares que restaram padeciam dia após dia de um luto e de uma desesperança cada vez maiores.

O pai faleceu quase uma década antes, e desde então Clóvis fazia visitas periódicas à mãe: todas as semanas durante o primeiro ano, de quinze em quinze dias no segundo e, a partir do terceiro, suas viagens a Nova Petrópolis costumavam ter um intervalo de mais de um mês. Quando a mãe faleceu, Clóvis não a encon-

trava desde o aniversário dele, quando ela foi até Porto Alegre para comemorar.

Quis responsabilizar-se por todo o funeral, mas viu-se obrigado a aceitar a ajuda dos parentes. Logo sentiu-se aliviado. Não saberia como agir sozinho quando a capela começou a lotar antes mesmo da chegada do caixão. Numa salinha quadrada e sem janelas aos fundos, uma das tias havia providenciado porções de pastéis, bolachas, cucas, croquetes, refrigerantes, café, chás e mate. O lugar era reservado aos familiares e aos amigos mais próximos e Clóvis, por um instante, pensou que um velório podia lembrar muito uma festa infantil.

Dos lados do caixão, foram distribuídas filas de cadeiras, das quais as mais próximas à defunta eram implicitamente reservadas a Clóvis e aos outros familiares. Ele quase não chorou naquela noite, mais preocupado em agradecer a presença das pessoas que mal conhecia ou que sequer sabia da existência.

Na fileira do outro lado do caixão, mulheres idosas repetiam orações, num tom de lamento quase tão insuportável quanto o cheiro dos crisântemos. Olhou para todo o ambiente e começou a pensar na disposição dos elementos. Logo concluiu que nenhuma faculdade de arquitetura poderia ter ensinado a compor uma sala como aquela, constituída por uma tradição que fugia ao seu alcance. Não bastava a simples ordenação de objetos, a própria posição de cada pessoa era imprescindível.

dível. Havia uma artificialidade orgânica, quase biofílica, e mesmo os lábios colados da mãe não lhe pareciam mórbidos senão necessários. Em que momento havia se distanciado tanto assim daquela tradição?

Quis visitar a casa logo depois do enterro, embora alguns tios tenham tentado convencê-lo do contrário. Por fim, o acompanharam até lá, uma construção de três andares sob um telhado em formato de palácio japonês. Foi toda projetada pelo pai, dono de uma das maiores lojas de materiais de construção da cidade. Talvez por isso, ou por pura teimosia, a casa tenha se tornado um aglomerado de puxadinhos e reformas, uma aberração que Clóvis apenas suportava, mais pelo saudosismo do que por qualquer outro sentimento.

Andava pelos corredores largos — precisaria de mais um par de braços para alcançar ambas as paredes ao mesmo tempo — e os pés descalços sobre o assoalho podiam ter trazido memórias mais felizes. Mas só conseguia pensar naqueles cômodos excessivos para o tamanho da família. A casa estava limpa da mesma maneira que sempre a encontrou e não parecia fruto de uma faxina posterior ao falecimento da mãe. O fato é que ela sempre prezou pela limpeza e precisava se revirar para manter a casa no seu padrão inalcançável, nunca suficientemente limpa, culpa que atribuía à própria extensão do imóvel e que vez ou outra reclamava do marido pela ideia de cons-

truir algo tão grande, como se fosse uma punição à esposa, que precisava se dividir entre o trabalho na loja e o serviço sempre incompleto das empregadas domésticas.

Não tocou mais no assunto depois de viúva, acabando por resignar-se de tal forma que parecia uma afronta qualquer sugestão de que se mudasse para uma casa menor. Clóvis contentou-se quando a convenceu de vender a loja, um ano antes de ela falecer.

A casa era, por fim, inútil. Percorreu os cantos onde acostumou-se à solidão da infância, tantas vezes reformados que mal podia saber quais eram as lembranças reais e quais eram versões criadas por si mesmo. Da janela dos fundos, via o pátio de lajotas brancas e uma pequena fonte vazia, na qual o pai alguma vez planejou criar carpas *Koi*, mas que a mãe terminou por usar como um depósito de plantas.

A casa prescindia de qualquer padrão e o que Clóvis faria com aquilo tudo era um problema que não esperava ter. O ideal, ele pensava, seria pôr tudo abaixo e construir um prédio novo no lugar.

Era o que deveria ser feito, mas não se atreveria. Ele se negava a ser o algoz da própria história. Que o fizesse outro. Mas quem iria comprar aquela mansão assim como estava? Valia uma fortuna e ninguém com uma fortuna a gastaria com uma casa como aquela. Precisaria vender por um preço muito mais baixo.

Surpreendeu-se diante de um retrato dos avós na sala de estar, as cores artificiais das roupas em contraste com as peles acinzentadas. Ali, Clóvis perdia a chance de perceber: ao seu redor, quase nada era legítimo. O mundo onde Clóvis fora criado era um lugar em que o sofrimento se amenizou com o tempo, em que as reformas suavizaram os erros. Um lugar de tinta fresca sobre as roupas simples de um passado que se reestruturou aos poucos. Mas, diante da foto dos avós, Clóvis não conseguiu mais do que concluir que lhe restava uma grande dívida.

Chegou cansado de volta a Porto Alegre no final da noite. Na entrada do prédio, um novo porteiro o perguntou o nome e o apartamento para onde Clóvis ia, mas já se desculpava, não sabia que Clóvis era um morador, estava cobrindo a folga do outro rapaz. Entregou alguns envelopes e Clóvis agradeceu, caminhando ao elevador enquanto o porteiro conferia alguns papéis para logo dar a informação de uma mudança para o próximo dia. Era melhor dormir cedo, o porteiro recomendou com humor. Ninguém merecia acordar com barulho de vaivém, móveis arrastados, portas batendo. Clóvis concordou até sorrindo um pouco. Entrou no elevador e só podia ouvir o som das engrenagens, levando-o para cima até o andar vazio. Seria a última noite de completo silêncio, pensou.

Dentro do apartamento, um vaso de flores mortas havia caído sobre a mesa central, espalhando pelo

chão algumas das pedras que sustentavam o recipiente em pé. A janela aberta da sala revelava a culpa, mas a temperatura era agradável e Clóvis não quis fechá-la. Do parapeito, podia ver o lote aos fundos do prédio praticamente intocado. Árvores que cresceram desordenadas sobre um capim nativo, cortado rente ao solo como se fosse grama. Voltou a pensar na casa em Nova Petrópolis, na mãe, na foto dos avós. Mas o pensamento seguiu adiante no passado e Clóvis imaginou os bisavós chegando ao Rio Grande do Sul em meio a uma mata ainda mais densa do que aquela.

Uma linha cronológica passou diante de si: as árvores davam lugar a casas, estradas, praças. As comunidades se formavam e, com elas, igrejas, cemitérios. Novas plantas cresciam no lugar das antigas e um labirinto verde foi construído. Viu a própria casa da infância em suas múltiplas versões até chegar àquela última memória, a da casa vazia de horas antes.

No entanto, estava distante não só do lugar aonde chegaram seus ancestrais, mas também daquele passado. Pouco a pouco, um sentimento de culpa se manifestava. Traçou mentalmente uma árvore genealógica, dos bisavós até ele, a última ponta de seu ramo, uma ponta seca e descontinuada. Clóvis, o responsável pela morte de uma tradição. Seria tarde para retroceder?

Deu alguns passos para trás e caminhou ao banheiro. Diante do espelho, teve vergonha dos próprios

traços. A esclera avermelhada destacava ainda mais a heterocromia e gotas de lágrima escorreram pelo contorno suave de seu nariz. Clóvis abriu a torneira e lavou o rosto com alguns punhados de água. Mas seu rosto permanecia igual, a pele pálida não reagia e por isso ele jogou mais água, cada vez com mais força, e esfregava a mão pelo rosto como se procurasse dor, escavasse a terra ou tentasse remover o casco de uma árvore muito velha, em busca de um resquício de seiva viva.

Foi tomado por uma repentina alegria quando viu as primeiras marcas vermelhas na testa, um sinal de vida que aos poucos preencheu seu rosto. Saiu do banheiro decidido a dar continuidade àquela genealogia. Continuava a ser tão alemão quando foram os bisavós. E, aliás, estava tão sozinho quanto eles.

Finalmente entendeu a sua missão. Sob sua pele, corria o mesmo sangue, ele pensava, enquanto um ânimo crescia em si. Voltou a olhar pela janela e tudo fez sentido: a sequência lógica da imigração, a transformação de um lugar inóspito em um novo lar. Se os primeiros foram responsáveis pela limpeza, seu trabalho seria mais sofisticado. Não era um lenhador, era um arquiteto. E tinha sido criado para isso. Criado, ele se convenciu, para reconstruir o lar que os bisavós abdicaram: sua *Heimat*, aprenderia mais tarde.

Permaneceu quase toda a noite refletindo e sentia-se, cada vez mais, não como um estrangeiro, mas

como um alemão dentro de um território legitimamente alemão.

Um último resquício de brasilidade se esfacelava e Clóvis lembrou-se das aulas de história e de geografia, dos longos períodos de frio da infância e do velho Hermann falando sobre o clima temperado onde os imigrantes construíram suas novas casas, o mesmo clima ao qual se acostumaram numa Alemanha aos pedaços. Clima europeu, Clóvis pensou, lembrando da geada das manhãs. E, como se a noite não permitisse um maior discernimento, lembrou de dias de neve.

Dormiu um sono entrecortado, mas esperançoso. Tanto que não se importou com as primeiras movimentações do outro dia, nem mesmo quando decidiu sair pelo corredor para dar boas-vindas à nova vizinha, uma moça de traços nada alemães, desorientada pelo corredor do prédio como uma estrangeira tentando compreender uma geografia inteiramente nova. E, como um anfitrião, ele a ajudou como pôde, acolhendo a nova moradora em sua *Heimat* redescoberta.

16.

Poucos meses mais tarde, Clóvis viajava pela primeira e única vez com Hélen para a Serra, durante aquela intensa e afamada onda polar de julho, quando os jornais do Rio Grande do Sul ressaltavam a condição do estado como o lugar mais frio do mundo naquela semana. À exceção dos polos, complementavam logo que alguém abria a matéria.

De todos os modos, a massa de ar teria força suficiente para resfriar áreas do Norte e do Nordeste. No Sul, a geada atingiria até mesmo as áreas litorâneas e de baixa altitude e, é claro, houve um grande alvoroço quando os meteorologistas confirmaram a grande probabilidade de neve para os três estados da região.

Era, portanto, uma daquelas semanas típicas dos meses de inverno no Rio Grande do Sul, lembrada durante anos a fio, celebrada com matérias especiais, num dos raros momentos em que o quadro meteorológico dos telejornais é mais aguardado do que o esportivo. Uma semana típica não pelo frio — que, é preciso fazer justiça, surge com alguma frequência até em anos mais quentes —, mas uma semana típica pela expectativa desse frio. Uma das peculiaridades que Clóvis dividia com mais alguns milhões de pessoas e, dentre elas, Hélen.

Havia um mês que os dois se encontravam, primeiro como bons vizinhos, Clóvis ajudando com a mudança e, inclusive, na ordenação dos móveis, gentileza acompanhada de uma autoridade da qual Hélen não fazia questão. O que não incomodou a princípio, embora preferisse inverter o sofá e a estante — e Clóvis respondesse que isso criaria um espaço inutilizado —, mas que ela o faria assim que ele se afastasse de sua vida um mês mais tarde.

Nas semanas seguintes, a relação se tornou amigável até o ponto em que Clóvis foi convidado para dormir pela primeira vez na sua cama. Foi a curta fase amorosa, que durou ainda mais algumas noites em que revezavam o uso das camas dos dois apartamentos, localizados em orientação oposta no décimo terceiro andar.

Numa daquelas manhãs, Clóvis se deteve em frente à estante de Hélen, em sua maioria composta por livros jurídicos, dentre os quais chamou a atenção uma obra com folhas amareladas e quebradiças, cujo autor era um quase homônimo chamado Clóvis Beviláqua.

— Revivendo o passado — ele disse, com o livro em mãos.

Hélen atentava para o celular e revezava goles de café e carinhos no cão escorado em suas pernas cruzadas sobre o sofá. Guardou o aparelho e olhou para Clóvis.

— Não, não — ela disse. — Era uma mensagem do chefe.

Clóvis a encarou por um instante, até que ela mesma reparasse o engano:

— Ah, esse livro. Faz horas que tô querendo vender pra algum sebo.

Ele o devolveu à prateleira e caminhou até a janela que dava à rua já barulhenta àquele horário. Não ficou mais do que cinco segundos ali, como se ganhasse tempo para a sua proposta.

— Vão até sexta as tuas férias?

Hélen respondeu em afirmativo com a cabeça, novamente com o celular nas mãos.

— Tava pensando em ir pra Gramado nessa semana — ele disse. Ela continuou atenta ao celular, e demorou um momento para que respondesse:

— Gramado? — Deixou o aparelho sobre o braço do sofá. Ela havia conhecido a cidade numa viagem da escola e nunca mais voltou. Por que ele teve essa ideia agora?

— Não sei se tu tá acompanhando as notícias — ele caminhou até o centro da sala —, mas é pra nevar nessa semana.

— Ah! — ela fez um gesto largo com os braços e Luna ergueu a cabeça no sofá. Todo ano era isso, o Rio Grande abaixo de zero, as belezas do frio. Ela achava graça, mas tinha pena das pessoas que iam até a Serra esperando um mísero floco de neve. Ele chegou a rir, um pouco desajeitado.

Caminhou até conseguir acariciar o focinho do cão. Clóvis não estava mentindo, as chances eram grandes. Tirou o celular do bolso e mostrou um dos aplicativos que, de fato, marcava neve para dali a dois dias.

— Quer ir comigo?

Num primeiro momento, ela riu, mas como se Clóvis não revelasse a brincadeira, ela perguntou se ele falava sério.

Sim, era sério, três dias em Gramado. Um amigo era dono de uma pousada e ele tinha só mais um quarto disponível para aquelas datas. Hélen parecia procurar desculpas, tinha que estudar, afinal um concurso para magistratura não permitia tanto tempo de descanso, nem mesmo nas férias. Mas eram apenas três dias e, bem, poderia estudar em Gramado.

Mas ela deixou os livros em casa. Talvez tenha se arrependido dois dias depois, mas não naquela tarde de domingo quando chegaram à pousada e Clóvis a convenceu a permanecerem nas ruas durante a noite, num frio que seria evitado em qualquer parte do mundo, até que o estômago os fez entrar no primeiro bar sugerido por Clóvis. Hélen agradeceu nem tanto pela comida, mas pelo ar-condicionado funcionando em uma temperatura muito mais sã. Sentaram-se ao lado da janela e Clóvis pendurou o casaco no espaldar da cadeira, sob o olhar esbugalhado de Hélen, que mantinha todos os agasalhos no corpo.

— Vocês... — ele balançava a cabeça de um lado para o outro. — Qualquer friozinho e já tremem o queixo.

— Bem que te vi de bermuda e regata lá fora.

Ele esbaforiu antes de revelar um sorriso mais largo e iniciou um breve discurso sobre o frio e as casas despreparadas para o inverno em todo o Rio Grande do Sul, que, à diferença dos platinos, não utilizam calefação, além da própria constituição das construções com paredes finas, o que fazia todo mundo congelar na própria sala de estar.

Hélen já tirava a touca e as luvas, dizendo que talvez isso não valesse a pena, já que o frio não era tão frequente como nos países vizinhos. Mas Clóvis insistia na semelhança entre os climas e que, à exceção de alguns veranicos, o inverno sempre foi frio, bastava lembrar dos longos períodos de temperaturas que não passavam dos dez graus.

Ela finalmente parecia convencida, mas, na verdade, cedia mais pela veemência do discurso de Clóvis do que por qualquer outro fator. Não entendia tanto sobre meteorologia, afinal. Mas aquelas pessoas lá fora só podiam estar muito bêbadas ou serem alguma espécie de guerreiras, ela apontava para um grupo de jovens sentados nos degraus de uma casa, passando de mão em mão um garrafão de vinho. Clóvis concordou enquanto o garçom se aproximava e nenhum dos dois tinha pensado no que comer.

Voltaram à pousada logo depois do jantar e aquela seria a melhor parte da viagem.

Despertaram antes das oito da manhã para o café e Clóvis não queria perder tempo na pousada. A neve poderia cair a qualquer hora. Saíram a pé no meio da manhã e caminharam até o centro da cidade. Em algum ponto do meio do trajeto, Clóvis quis segurar a mão de Hélen, mas fazia muito frio e ela voltou a enfiar a mão no bolso do casaco, preferia que ele enganchasse o braço no dela, ao que ele obedeceu, e assim eles continuaram até chegar no Lago Negro. Havia muitas pessoas por lá e eles andaram alguns minutos ao redor do lago até se sentarem sobre um tronco que fazia as vezes de banco, debaixo de algumas araucárias. Além do frio, o vento piorava ainda mais a sensação e, diante do lago, Hélen não podia entender como tanta gente formava fila para andar de pedalinho naquele cenário.

— Muitos vêm de fora — Clóvis dizia, e Hélen compreendia que ele falava de outras regiões do país.

— Eles querem ver frio.

— Tu também — ela respondeu a Clóvis, que brincava com um pedaço de grimba.

— Eu também venho de fora?

— Não — ela disse. — Tu também quer ver frio.

Clóvis atirou a grimba para trás. Estava contrariado e Hélen talvez não entendesse o motivo. Ele explicou que gostava do frio e estava acostumado àquela tempe-

ratura. Falou da infância, dos dias gelados ao redor de um fogão à lenha, da grama quebradiça, coberta pela geada onde ele gostava de pisar e provocar o cheiro de pasto recém-cortado quando tudo derretia. Falou da neve e de como aquilo tudo era comum a ele e ao seu passado. Mas entendia que para Hélen podia ser diferente, o gosto pelo inverno vinha de casa e até mesmo, ele ousava dizer, era algo de sangue.

— Tu prefere o frio porque teus bisavós eram alemães?

— Não é que prefira — ele disse —, mas é que nós somos mais acostumados, mais resistentes.

Hélen não respondeu. Levantou-se e caminhou ao lago onde parou ao lado de duas palmeiras. Clóvis permaneceu sentado, acompanhando com o olhar os seus passos. Ela vestia um sobretudo cinza, fechado das coxas até o pescoço enrolado em um cachecol vermelho. A toca estava completamente preenchida pelos cabelos longos e uma mecha lisa caía pela linha das orelhas, balançando com as rajadas de vento. Diante de Clóvis, algo estava fora do lugar. Assistia a uma cena em que nem a mulher e nem as plantas se encaixavam ao palco invernal daquela manhã. Levantou-se e foi ao encontro de Hélen, que olhava para um casal rindo no meio do lago, sem conseguir mover o pedalinho.

— Como as pessoas gostam de palmeiras — ele disse, dando tapinhas no caule da planta. Ela continuou

olhando para o casal, o rosto sério e frustrado, embora Clóvis não percebesse esse último aspecto.

— As pessoas têm gostos estranhos — ela respondeu. — Nunca tinha conhecido alguém que não gostasse de palmeiras, por exemplo.

Ele não chegava a detestá-las, mas elas tinham mais a ver com lugares quentes, uma praia ou até mesmo uma piscina. Mas não ali, ao lado das araucárias, dos pinheiros. Não faziam sentido.

— Não dá pra exigir muito sentido de um lugar como esse — ela disse.

Clóvis olhou ao redor e foi incapaz de compreender o ponto de vista de Hélen. O lugar era quase impecável. O dia cinzento, a névoa entre as coníferas ao fundo, as pessoas encasacadas, o estilo das construções. Por vezes, sentia-se em alguma cidadezinha da Europa.

— E isso é bom? — ela perguntou.

Voltaram ao centro para almoçar, e por lá flanaram sem que Hélen se interessasse por qualquer coisa. Antes de escurecer, Clóvis a convenceu de entraram em uma fábrica de chocolates, de onde ela saiu com uma pequena barra branca e negra, mas que achou doce demais.

Permaneciam o menor tempo possível dentro de qualquer lugar e, até o início da noite, não havia registro de um floco de neve sequer. Hélen entrava nas lojas, de onde saía sem comprar nada e Clóvis entendeu que ela

sentia frio. Mas ele preferia ficar do lado de fora. Avisaria caso comesse a nevar, mas para ela tanto fazia.

Ele se angustiava aos poucos. Tinha conferido a previsão do dia e as chances de neve eram altíssimas para toda a região. Seria muito azar, ele pensava, mas insistiria até que não houvesse qualquer probabilidade. Quando Hélien saía de uma loja, andavam mais um pouco, até que ela entrasse em outra. Às vezes, ele ia junto, mas saía em poucos minutos. A cada loja, ele estava mais nervoso e, embora ela não tivesse nada a ver com o clima, ele passou a ser grosseiro.

Andava cabisbaixo, com os lábios retraídos. Uma criança derrotada em sua brincadeira, que ignorava ou respondia com impaciência qualquer tentativa de comunicação de Hélien, que sugeria o retorno à pousada. Mas era só mais um pouco: ele já sentia a umidade aumentando e a qualquer momento nevaria.

Hélien tentou mais duas vezes, com o mesmo resultado. Clóvis olhava para o céu, conferia o casaco, procurando algum floco branco destacado no tecido negro. Ela tinha fome. Claro, quase não tinha comido no almoço.

— É que a gente almoçou oito horas atrás — ela disse. — E desde aquela hora a gente tá caminhando feito dois idiotas esperando a neve.

Já não andavam de braços dados havia algum tempo. Ele se virou para Hélien, que tremia com as mãos escondidas debaixo das axilas.

— É cedo — ele disse, tirando o celular do bolso. O aplicativo indicava menos um grau. — Já era pra ter nevado.

— Foda-se a neve!

Ele se assustou e ela tremia cada vez mais. Ele não sabia se era frio ou irritação, mas tentou acalmá-la. Agora, ela é que estava impaciente e disse que voltaria para a pousada com ou sem ele. Retornaram calados e dormiram de costas sem qualquer intuito de reconciliação.

Clóvis despertou aos cutucões de Hélen no dia seguinte. Ela apontava à televisão que mostrava imagens da nevasca que havia atingido e ainda atingia partes da região Sul. Quando se deu conta, ele se levantou e caminhou até a janela. Abriu uma fresta e um vento congelante o fez abri-la ainda mais. Mas não enxergava qualquer resquício de gelo. Fechou a janela e voltou à cama. A moça do tempo falava sobre as localidades atingidas e citava apenas seis cidades gaúchas, sem que Gramado fizesse parte delas. Em compensação, mais de cem municípios de Santa Catarina. O ciclone se afastava do estado e a probabilidade de neve para o Rio Grande do Sul diminuía consideravelmente para aquele dia. Clóvis foi tomado por um abatimento tão grande que voltou a se cobrir, dizendo para Hélen acordá-lo depois do café da manhã.

Ele despertou apenas ao meio-dia, sem sinal dela. Na portaria, a haviam visto sair uma hora antes, com uma mala de mão.

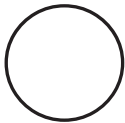
Clóvis permaneceu todo aquele dia na cidade onde quase nevou.

Hélen não respondeu suas mensagens e não abriu a porta do apartamento quando ele voltou a Porto Alegre no outro dia. Encontraram-se algumas vezes no corredor, mas não trocaram qualquer palavra.

Um mês mais tarde, uma forte nevasca atingiu a Serra pela manhã e Clóvis acordou com fotos de Gramado, o que o fez rir da própria desgraça. No entanto, teve uma ideia: imprimiu uma das fotos em que as palmeiras do Lago Negro eram cobertas por alguns centímetros de neve. Atrás da foto, a mensagem: *assim elas até parecem simpáticas.*

Antes de sair de casa, jogou a foto por debaixo da porta do apartamento de Hélen, que nunca respondeu.

17.

 que mais incomoda é a cor das folhas. Clóvis não se queixa dos carvalhos, das faias e das novas caducas que precisou plantar após o *down-burst*. Sabia que o verão não era a melhor época, ainda mais para plantas delicadas. Mesmo assim, voltou ao viveiro e escolheu mudas das mesmas espécies devastadas. As chances de sucesso eram poucas, disse o dono do estabelecimento. Era melhor esperar até a primavera. Mas entre perder mais mudas e esperar até setembro, ele preferiu arriscar. Passou uma manhã inteira no bosque, percorrendo as marcações que ainda restavam das mudas antigas, onde as novas plantas as substituiriam.

Mas já se passaram três anos e é quase junho. Os plátanos, no entanto, nem sequer amarelaram. Os maiores, ainda da primeira leva, já alcançam mais de cinco metros e, por algum motivo, mantêm as folhas como se estivessem em pleno verão. Decerto é culpa do frio que não chegou com a força esperada. Mas é natural, ele argumenta para si mesmo, não dá para ter pressa, logo a cor do outono dá as caras.

Anda mais alguns metros pelo caminho de brita e chega às coníferas. O aspecto é ainda pior do que o das caducas. Se agacha diante de um abeto de um metro

de altura. As folhas estão marrons, quase por completo. Com um canivete, faz uma marca no caule da planta. Precisa cavar muito fundo até encontrar um sinal de seiva verde, que surge acompanhado do odor refrescante da madeira. Resta algum veio ainda vivo, mas ele não tem muitas esperanças de que a planta vingue, assim como aconteceu com os pinheiros silvestres. A maioria começou a secar no início do mês, quando uma onda de calor permaneceu sobre o estado durante quase duas semanas, fazendo as máximas se aproximarem dos quarenta graus. Clóvis não sabe o motivo, mas relaciona ao veranico, embora o calor do verão jamais tenha dado qualquer trégua que justificasse o diminutivo.

Qual for a causa, Clóvis está certo de que as temperaturas são anormais para a época. Se apegava a uma série de lembranças dos anos da infância e da adolescência em que, sim, eram comuns alguns dias de calor durante os meses de abril ou maio, mas nunca desse jeito. Não cogita a possibilidade de estar errado, embora no fundo ele talvez saiba que está. Mas há algo mais forte, quem sabe uma necessidade de afirmação que ele não entende, mas que está ligada ao clima. Clóvis entra num ciclo vicioso em que as memórias imprecisas se reforçam em si mesmas e a recordação de fortes geadas e de temperaturas negativas compõem um imaginário pouco confiável, mas que resolve as angústias da própria identidade.

E talvez Clóvis jamais admita a derrota. Jamais admita que o frio, essa característica imprescindível de sua origem, exista mais como exceção do que como regra. E por isso ainda é tão difícil convencê-lo de desistir dos abetos e dos pinheiros silvestres. Pois as plantas logo secarão por completo, como secaram tantas outras. Ou serão alvo de pragas às quais não estão adaptadas. A falta de frio, de geada, de neve e a abundância das chuvas do inverno da cidade não parecem se solidarizar com a pretensão de Clóvis. E uma tarde como esta, de temperaturas próximas aos dez graus, só serve de amparo à sua ilusão. Esse resquício de frio é combustível suficiente para sua teimosia. E para a crença de que a terra onde pisa é a extensão da terra de onde saíram os bisavós, mais de um século atrás.

Guarda o canivete no bolso do casaco e se põe outra vez em pé. O caminho de brita se estende por mais alguns passos, onde uma muda de dois palmos de altura se exhibe entre dois plátanos.

De novo?

Se aproxima, mas desta vez não parece uma pitangueira. Arranca uma folha e a seiva leitosa goteja.

Perfeito, um ficus agora.

Puxa a planta, mas ela resiste. Puxa de novo e a planta se mexe. Se agacha e puxa uma última vez. A planta sai inteira, levantando um torrão com ela. As raízes já tinham quase o dobro do tamanho da muda.

Paralisa com a figueira em mãos, tentando compreender o que estava acontecendo.

Volta a pegar o canivete e corta todas as raízes que mantinham o torrão, que cai no solo.

Clóvis segue até o salão de festas. O frio não dá trégua e ele teme a necessidade de pelo menos um ar-condicionado ali dentro. Caminha até o forno, e deixa a muda de fícus recém-colhida ao lado de um baú de lenha. Reúne alguns gravetos e posiciona em forma circular dentro da fornalha, preenchendo as lacunas com pedaços de jornal enrolado.

Ateia fogo e tampa o fogão. Das aberturas metálicas, consegue ver as chamas se espalhando aos poucos. Logo, ouve o estalo dos gravetos, e uma fumaça negra começa a retornar da fornalha. Clóvis puxa a alavanca que controla a abertura no cano da chaminé, até que a fumaça diminui e o fogo volte a ganhar força. Pega um toco de madeira e posiciona sobre os gravetos em combustão.

Basta esperar. Retira a chaleira de cima da chapa e vai com ela até a cozinha. Quando a põe novamente sobre o metal, algumas gotas escapam do bico do recipiente e se dividem em pequenas esferas que entram em ebulição, saltitando até se extinguirem sobre o metal quente.

— Sentiu frio, vizinho? — dona Sidete se aproxima de Clóvis, esfregando as palmas das mãos. Veste um

casaco bege, calças negras e botas e segura uma sacola de pano pendurada no antebraço. — Não sabia que tu já tinha voltado. Senti um cheirinho de fumaça e resolvi trazer uns pinhões que comprei na feira.

Clóvis acompanha a vizinha jogar um punhado de pinhões sobre a chapa.

— Dona Sidete — ele diz — por acaso a senhora viu alguém plantando alguma muda no bosque nos últimos dias?

Ela se vira para Clóvis com a expressão de quem não sabe de nada.

— Encontrei essa figueira hoje — ele aponta para a planta. — Umas duas semanas atrás, tinha uma mudinha de pitanga quase aqui na entrada.

— Nossa! — ela diz. — Faz tempo que não como pitanga.

A resposta desorienta Clóvis, e ele tem que se esforçar para retomar o raciocínio. De qualquer maneira, se ela souber do responsável, que o avise.

Claro, ele pode ficar tranquilo. Ela dá uma palma-da-rápida sobre a chapa, ainda não estava tão quente.

Clóvis puxa a alavanca e uma chama se amplia dentro da fornalha. O cano da chaminé está um pouco entupido.

— Isso é coisa daquele pessoal na semana passada — dona Sidete comenta. — Queria que tu visse como ficou isso aqui.

— Na semana passada?

— A tua vizinha.

Clóvis sente vontade de rir quando compreende. Claro que Hélien usou o salão. E esperou que ele estivesse fora da cidade. Quanto orgulho, ele pensa, mas isso não o surpreende.

— Não ficou sabendo? — dona Sidete diz, revirando alguns dos pinhões. — Teve vestido de noiva e tudo.

— Ah — ele solta como num suspiro e isso é o som que pode emitir. Não, não ficou sabendo, ela casou com aquele cara? Mas ele não pergunta. Quanto orgulho, ele poderia pensar. Mas — claro, claro — ele diz, por fim, pegando um dos pinhões. No entanto, está tão distraído com a notícia que esquece da temperatura do pinhão e só se dá conta quando a mão abre instintivamente, derrubando o pinhão que deixa uma marca vermelha no seu dedo anelar.

— Filha da puta — ele diz. — Filha da puta — repete com mais força, olhando para a mão que arde, enquanto dona Sidete corre até a cozinha e volta com uma forma de gelo.

— Filha da puta — ele quase grita, fazendo círculos com o cubo de gelo na mão. E sente vontade de continuar dizendo aquilo até que o gelo cure a dor, até que a bolha surja na pele e exploda num líquido translúcido, até que, da ferida, só reste uma coceira impertinente.

18.

Se há isolamento, basta que o tempo faça seu serviço e uma nova espécie se desenvolva. Cladogênese e anagênese. Clóvis entende mais do que imagina, o homem garante. Sabe, por exemplo, que a língua dos imigrantes se modificou de uma forma diferente da língua dos que permaneceram no país de origem. Apesar disso, ainda lhe custa aceitar a influência do português no idioma dos avós. Mas é a própria evolução. E nenhum botânico negaria a importância do hibridismo para o processo.

E sempre estive tão certo das origens que jamais questionou a mais comum das árvores que escolhia. O plátano, aquele mesmo plátano do quintal dos vizinhos, o mesmo plátano da estância de Danilo, tão comum nas ruas de Porto Alegre, trazidos pelos imigrantes, esse plátano nunca foi mais do que um híbrido.

E só agora, anos mais tarde, ele descobre que esses mesmos plátanos, uma variedade híbrida originada do cruzamento entre o *platanus orientalis* e o *platanus occidentalis*, esses mesmos plátanos, nem europeus nem americanos, mas uma nova espécie, esses mesmos plátanos parecem ser as únicas árvores que conseguiram, realmente, se adaptar ao seu bosque.

Ainda há esperança na demora dos carvalhos, presos numa infância que aparenta ser tão longa quanto a sua tão afamada virtude para a velhice. Também não há por que desistir dos bordos, que não apresentaram as cores prometidas, mas que seguem vívidos. Restaram ainda os pinheiros silvestres, de beleza tão ordinária que Clóvis pouco sentiria as suas mortes. Mas os plátanos, esses sim vingaram. A esta altura, só os perderia por uma catástrofe.

E o que essa descoberta poderia ser senão uma catástrofe? Descobrir, a essa altura, que seu conceito esteve errado desde o início, que foi enganado pela memória, pela idealização. Uma tragédia que não faz o plátano (que é, sim, o plátano que sujava o quintal dos pais) deixar de existir, mas que tira algo de seu encanto e, de repente, ele se torna apenas o que era: a árvore que sujava o quintal dos pais.

O que quer que isso diga, Clóvis se nega a aceitar.

Se nega a ponto de pretender arrancar planta por planta. Mas isso significaria uma derrota diante da natureza. E, como a derrota é inaceitável, ele volta a se iludir. Ilude-se facilmente com seus propósitos.

Então, a simples elaboração de um argumento frágil — que diz respeito ao fato de a hibridação ter ocorrido, provavelmente, na Europa — é suficiente para ele aceitar a planta não como um engano, mas como uma espécie legitimamente europeia. E a própria adap-

tação ao clima temperado (sempre abominou o termo *subtropical*) do lugar onde nasceu, é evidência satisfatória de não haver qualquer equívoco em sua escolha.

Diante de um aglomerado de mudas de meio metro de altura, Clóvis já se perde no discurso do viveirista que explica o processo de hibridação. Tem uma pequena lista em mãos, entregue por Clóvis mais cedo. Mas ele não parece contente:

— Os carvalhos e os bordos, dependendo da variedade, até se adaptam bem se forem bem cuidados — o homem comenta com um dos braços na cintura. — Mas principalmente se o clima ajudar.

Clóvis o encara e apenas quer que o homem entregue as plantas solicitadas. Mas ele segue:

— Só que essas coníferas, os abetos e esses lariços, olha... — ele espreme os lábios — é muito difícil. Mesmo as bétulas, com esses invernos quentes que tem feito em Porto Alegre nos últimos anos...

— Mas não dá pra se apegar à exceção — Clóvis responde ameno, tentando demonstrar conhecimento sobre o clima da cidade. — Faz muito frio também. Três anos atrás nevou aqui do lado.

— Claro que faz frio, mas essas plantas precisam de vários dias de temperaturas muito baixas. Falo de temperaturas abaixo de zero.

E desde quando essas temperaturas haviam deixado de existir é o que Clóvis deseja perguntar. Mas não

vai discutir com o homem, que parece bem-intencionado.

— Por que tu não tenta plantar liquidâmbar? — o homem pergunta. — Esse eu garanto, vai crescer que é uma beleza. E rápido.

Clóvis não se surpreende. Ele mesmo chegou a pensar na espécie enquanto projetava, mas não lembra o motivo de ter desistido.

Pois deveria reconsiderar. O homem retira o celular do bolso, digita algo e aí está, não é mesmo um espetáculo? Clóvis olha para a tela, que mostra uma árvore com folhas cor de brasa.

Sem dúvidas, é muito bonita, Clóvis coça o olho castanho. Por que desistiu dela? O homem mostra mais imagens e os tons das folhas ganham outros matizes. Essas árvores não devem nada para os bordos ou para os carvalhos. Pelo menos em coloração. Sem contar que são muito mais duras, resistem bem ao calor de Porto Alegre.

— Ah, é isso — Clóvis volta a si.

— Decidiu levar algumas, então? — se anima.

— Não, não — o indicador de Clóvis acompanha a negativa da fala. — Lembrei o motivo de ter descartado. Tenho quase certeza que essa espécie é americana.

O homem interrompe o sorriso, espremendo os olhos como um míope diante de uma placa de trânsito. Que é uma árvore americana não há dúvida. Não sabia,

porém, que era uma questão importante. Clóvis não comentou de uma araucária?

— É a única exceção — ele responde. — Todas as outras são europeias.

— Mas veja bem — o homem insiste — essas árvores são a cara do teu bosque. Leva algumas e planta no lugar dos lariços, que esses eu duvido que vinguem. Me ouve: tu vai economizar tempo e dinheiro.

— Não tenho pressa — Clóvis arrepende-se ao ouvir as próprias palavras.

— Tu não é o primeiro que chega aqui sem pressa e volta um ano depois reclamando das plantas mortas.

— Tem toda a coerência estética...

— Justamente — o homem quase derruba o celular, agitando os braços, falando num tom alto e impaciente. — E a estética depende da saúde das tuas plantas. Ninguém vai ligar pra origem delas, desde que estejam vivas.

— Eu vou — Clóvis responde, quase ofendido.

— Só tu — o homem caminha alguns passos até a bancada da loja e enche uma xícara de café e oferece a Clóvis, que recusa.

— Tu tem certeza que os lariços não vingam?

— Veja bem — o homem toma um gole. — Até podem vingar, mas vão ser plantas fracas, instáveis. Infelizmente nosso clima não favorece.

— E o clima na Alemanha favorece?

— Claro — os olhos se arregalam atrás da xícara. — Não dá pra comparar.

— Óbvio que dá — a voz de Clóvis se torna manhosa, alargando as vogais. — São dois ou três graus de diferença.

O homem bebe todo o líquido de uma só vez e devolve a xícara para a bancada, soltando bufadas de riso. Clóvis conhece a Alemanha?

19.

São quatro da manhã e Clóvis está em frente à janela da sala. Mantém as luzes apagadas e bebe a quinta ou sexta lata de cerveja enquanto analisa o bosque desde o alto. Até alguns instantes atrás, uma turma de adolescentes gritava e dançava no salão. Clóvis acompanhou quase toda a festa, os parabéns, os primeiros casais a caminharem pelo bosque raso. Cuidava dali de cima para que ninguém tentasse arrancar as plantas. Mas, principalmente, acompanhou a festa para se certificar que nenhum dos presentes era o responsável pelas mudas nativas que surgem a todo instante e que Clóvis precisa eliminar antes que estejam enraizadas demais.

Apesar das baixas no bosque, a primavera tem dificultado a espionagem. Dali de cima, já não consegue enxergar boa parte das plantas menores, escondidas pelas folhas vigorosas dos plátanos ao centro, mas também dos carvalhos e bordos que sobraram do verão e nem sequer perderam a folhagem completa no inverno, brotando ainda em agosto. Mas a brotação é uma notícia animadora, mesmo que Clóvis precise caminhar cada vez mais atento pelo bosque que já lhe ultrapassa a cabeça em mais de metro, tanto do lado direito quanto do lado esquerdo dos primeiros plátanos,

ainda mais altos e já formando uma espécie de pórtico.

Clóvis vai até a geladeira e pega uma nova cerveja. Abre a lata mas derrama parte do líquido pela janela no movimento instintivo de salvar o copo que cambaleia no parapeito e quase cai para o lado de fora quando Clóvis só queria enchê-lo.

Lá embaixo, ao fim da parábola virtual do copo em queda-livre, Clóvis vê um rapaz sozinho. O vidro está firme em sua mão e ele se sente aliviado. O rapaz fuma e conversa com alguém que Clóvis não enxerga.

O cigarro vai ao chão e o rapaz abre os braços. Avança entre os plátanos. Vez ou outra, aparece entre as faias. Transita durante alguns minutos pelas coníferas. Segue para o salão e volta com uma caixa nos braços. Não dá para enxergar o conteúdo, mas parece pesado, tanto que ele começa a correr.

Clóvis bebe a lata toda e ninguém retorna ao bosque nesse tempo. Só então se dá conta: e se a caixa não estivesse tão pesada? Àquela altura da noite, ninguém mais estava acordado e um ladrão infiltrado poderia passar despercebido pela portaria.

Busca outra cerveja. Do lado da geladeira, vê o interfone e conclui que não custa nada perguntar ao porteiro se ele não viu ninguém estranho saindo.

Robson atende e avisa, com o erre preso, que ninguém sai faz mais de uma hora. Clóvis volta para a janela. Nenhum sinal do rapaz.

E se ele ainda estivesse no prédio? Talvez tenha visto o porteiro acordado e tenha se escondido com medo.

Mais alguns goles de cerveja e parece que há algo lá embaixo. É o rapaz, que olha para cima como quem quer se esconder e, só de enxergar as feições de longe, Clóvis confirma: não se trata de um vizinho intruso, plantando mudas nativas em seu bosque europeu. Não. É um ladrão.

Apesar da sala escura, Clóvis afasta o rosto da janela. O rapaz entra pelos plátanos chamando alguém. Um homem o segue segundos depois.

Clóvis não sabe o que fazer. Chamar a polícia pode não ser uma boa ideia, os rapazes não devem estar armados.

Pensa ter matado a charada: um caso de convidados mal-intencionados e oportunistas, que fingiram deixar a festa e aguardaram escondidos até que todos saíssem e eles pudessem roubar sem levantar suspeitas. Clóvis até consegue lembrar de dois sujeitos que caminhavam colados um no outro para lá e para cá no início da noite.

Cogita ligar para a portaria de novo. Em vez disso, veste uma calça de ginástica, um moletom e procura qualquer sapato fechado. É uma noite fria de primavera e o corredor está tão gelado quanto nos piores dias de julho. Clóvis pisca repetidas vezes para firmar o foco no botão do elevador, parado no próprio andar.

Entra e o elevador fecha.

Tem treze andares para formular um plano de flagrante. Confere se o celular está no bolso e percebe que já são quase quatro e meia. No canto superior direito da tela do aparelho, um borrão demora a enfocar, mas Clóvis finalmente lê: cinco graus.

Como as plantas reagem numa temperatura dessas em plena primavera? Precisa de concentração. Os ladrões não podem fugir.

Pronto, está decidido. Ele vai avisar Robson assim que chegar ao térreo e vai direto para o salão, dando a volta pela lateral do bosque. Eles só escapam se alguém fizer barulho.

Faltam dois andares e Clóvis reconstitui as etapas em sua cabeça: avisar o porteiro, sair pelos fundos para o lado direito, ignorando o caminho de britas e, em vez disso, seguir sobre o gramado, sem ruído. Uma tarefa simples, mas que ele quase põe em xeque assim que sai do elevador e diz para Robson, numa entonação mais assustada do que pretendia, que há dois ladrões no salão de festas.

Robson se agita e diz que vai verificar, mas Clóvis diz para ele não se preocupar porque já está tudo planejado. Aponta para a testa, caminhando pelo corredor até a porta dos fundos, apoiando-se nas paredes.

É melhor Clóvis voltar para seu apartamento, mas ele não presta atenção ao aviso de Robson e já está do

lado de fora, diante de uma alameda de plátanos mais alta do que se lembrava. Segue confiante sobre o gramado escasso, entre passadas pensadas e repensadas no seu delírio ébrio, tomando todo o cuidado para ninguém ouvir.

Robson chama do corredor. É perigoso. Mas Clóvis se vira para a porta, colocando o indicador sobre os lábios.

Do canto direito do prédio, o bosque é mais rústico e Clóvis é tomado por um orgulho que o faz seguir em direção ao salão. Cruza pelos carvalhos, se apoia em um tronco magro e alto de um álamo e continua bosque adentro. Já não consegue ver os plátanos. As luzes do salão estão apagadas e o prédio já está muito distante, de modo que precisa se certificar de que não há mudas baixas que possa danificar por descuido.

Chega à lateral da construção e decide cruzar pelo meio das hortênsias para ver pela janela. Amassa parte da folhagem e não enxerga nada pelo vidro embaçado. Ouve talheres caírem.

Agachado sobre as janelas, Clóvis dá a volta pelo lado esquerdo e chega na porta, apenas encostada. Ele a abre sem barulho. Não há ninguém no salão principal, mas o som de talheres continua. Os passos de Clóvis são miúdos e ele se sente mais bêbado, tomando cuidado para não cair na penumbra do caminho da cozinha.

— Rápido — dizem. O barulho não para.

— Coloca mais — dizem. Estão encaixotando talheres?

A porta da cozinha está aberta pela metade. Só quando Clóvis a abre inteira entende: encurralado na pia, um dos rapazes está completamente nu, de costas para o outro que o segura por trás e o pressiona contra o armário, fazendo os talheres dançarem nas gavetas.

Clóvis está em choque.

Assiste ao ato durante quase vinte segundos, paralisado. Quando finalmente percebe o equívoco e ameaça sair, ouve Robson chamar na entrada do salão.

Os rapazes se viram como em coreografia e encontram os olhos constrangidos de Clóvis, pego em flagrante.

20.

Clóvis desperta com a chamada de um cliente. É um dos poucos trabalhos que aceitou nos últimos tempos, dedicados quase exclusivamente ao bosque. Ele ligou para resolver o problema do gramado, e Clóvis tenta explicar que é falha na irrigação. Mas o cliente insiste, acha que aquele gramado de clima frio é o problema.

Clóvis diz que dentro de duas horas estará na casa do cliente para ver como o gramado está. Desliga o telefone e bufa de leve. Grama gosta de encrencar, ele pensa.

Nisso, lembra-se de Rocío Prada. Há muito que não conversa com a ex-professora. No celular, procura o contato e digita uma mensagem:

A grama de um cliente não vingou e lembrei de ti. Está livre amanhã? Estou com alguns problemas no bosque e acho que tu pode me ajudar.

Envia a mensagem e, no buscador, procura por liquidâmbar. Está indeciso, apesar das imagens que mostram exatamente o que ele deseja: uma planta robusta, colorida e caduca.

O celular vibra e uma notificação mostra o nome de Rocío.

Eu avisei para não inventar modas com o pasto. Quanto ao bosque, falamos amanhã, às 19h. ¿Qué tal? O endereço é o mesmo. No te pierdas.

Clóvis balança a cabeça, rindo em silêncio. Sai da cama, joga o celular sobre o colchão e vai ao banheiro. Diante do espelho, analisa seu corpo nu. Como estará Rocío Prada?

21.

A dureza do asfalto se torna aveludada assim que o táxi cruza o túnel de bambus. Uma clareira se abre, revelando o lago costeado pela estrada, onde, do lado oposto, Clóvis enxerga a varanda da casa. O trajeto é planejadamente melódico, algo sequer imaginado pelo motorista quando Clóvis pede para que ele mantenha a velocidade do automóvel e, segundos depois, começa a assoviar “Danúbio Azul”.

— O pior é que fecha bem certinho — o taxista bate os dedos no volante, seguindo a percussão dos pneus, surpreso com a revelação, nova para si, mas que Clóvis percebeu há mais de vinte anos, quando visitou a chácara de Rocío Prada pela primeira vez a convite da própria professora. Ela mesma criou os padrões de texturas distribuídas pelo caminho: uma combinação de vegetação, concreto e pedregulhos que se distribuem pela estrada às margens do lago, produzindo um ritmo de valsa para quem percorre o caminho dentro de um veículo em velocidade constante.

— Nem sabia que dava pra fazer uma coisa dessas — diz o taxista. — Só falta o gaiteiro — sua gargalhada quebra o ritmo de Clóvis.

Estão a poucos metros da casa, onde um largo umbu faz as vezes de rotatória. O carro para. Clóvis deixa duas notas com o homem que agradece pelo dinheiro e pela descoberta, antes de dar a volta ao redor das raízes da árvore e seguir valseando pelo caminho contrário.

Um cheiro distante de ciprestes se dissipa quando Clóvis avista os curtíssimos cabelos cinzentos de Rocío, que caminha em sua direção com tamanho vigor. Será ele o único a ter envelhecido desde o último encontro?

— Então são essas as tuas desculpas depois de tanto tempo? — ela diz, parando diante de Clóvis com a expressão simpática de quem finge rancor, um carisma potencializado pelo sotaque argentino, ainda mais imutável do que a própria aparência da ex-professora.

— E quais são as desculpas da senhora? — Clóvis entra no drama, forçando uma expressão quase militar.

— E tenho eu tempo para desculpas? — ela se aproxima em pose de abraço e Clóvis a acolhe imediatamente. — Vamos entrando, vamos. — Ela se afasta, indicando o caminho da porta.

Com exceção do exterior — o capim nativo entrecortado por fileiras de lavanda, uma planície extensa e campestre, que ocupou o lugar de um pequeno bosque de eucaliptos aos fundos do terreno — a casa também não parece ter mudado. Uma construção térrea, tão plana como a própria paisagem, suficientemente grande para as necessidades de Rocío, que se estabeleceu no lu-

gar no final dos anos oitenta, quando se tornou a jovem professora do curso de arquitetura após completar seu mestrado em Buenos Aires. Clóvis sempre se surpreendeu com a naturalidade de todo o projeto: as massas verdes, a amplitude do horizonte, a precisão dos pontos focais. A cada visita, no entanto, ele tem a impressão de que o lugar é mais virgem e a ação humana nunca foi vista por ali.

— Essa casa parece brotar do solo — ele diz diante da porta aberta, emoldurada por barbas-de-bode.

— Ah, agora sim — ela se vangloria. — Desculpas aceitas. *Adelante*, senhor — ela enfatiza a última palavra, conduzindo Clóvis pelo braço.

22.

Sobre a bancada maciça de cedro, uma garrafa de Malbec aguarda aberta. Rocío repousa duas longas taças de vidro na madeira e enche um terço de uma delas.

— O importante é oxigenar o vinho — ela diz, fazendo movimentos circulares com a haste de vidro antes de oferecer a taça a Clóvis. — Ou prefere a cerveja de sempre?

Ele aceita e agradece.

— Ah! — ela diz, aliviada. — Os gostos também amadurecem — e estende sua taça. Ele brinda e sorri.

— Ou as exigências se moderam.

— Os teimosos também se amansam — ela retruca. — E que tal o bosque, falando nisso?

— Teimando — ele bebe um gole do vinho. — Perdi umas vinte plantas esse ano.

— Falta frio? — ela aponta para duas poltronas.

— Não sei se é o caso.

— Te avisei — ela caminha até uma estante em frente às poltronas e se agacha num movimento plástico, sem qualquer apoio além das próprias coxas que se descobrem até a metade no vestido de cetim, revelando uma fina ramificação de estrias. — *Ahí* está! — ela

se levanta em um único movimento, aspirando o “S” e segurando um livro de lombada verde.

Ele recebe o livro e só entende as palavras *Bäume* e *Heimat*.

— Prefiro gastar duas horas correndo ao redor do lago do que aprender essa língua — ela diz —, mas acho que pode te ajudar.

Clóvis folheia as primeiras páginas e se depara com o carmesim de uma caducifólia outonal: *Amerikanischer Amberbaum*, aponta a legenda. Um liquidâmbar? Ainda terá exemplares coloridos desse jeito. Mas, até agora, só folhas secas e pálidas.

— E tu já tentou mudar o projeto?

Clóvis fecha o livro, ergue a cabeça e encontra o sorriso suspenso da antiga professora, esperando a resposta para a mesma pergunta de vinte anos antes, após o final da aula.

— O bosque? — Clóvis sente o aroma leitoso do Malbec.

— *Sí*, claro — ela diz. — Perdeu plantas e insistiu nas mesmas?

— Foram casualidades.

— *No te prendas* ao bosque ideal — ela diz. — Esse fica no papel. Agora tu deve executar o bosque possível.

— Não sei se é o caso, Ro — ele a vê sorrir ao ouvir o nome abreviado.

— Claro que sabe. Os obsessivos também fazem

concessões. Ou tu acha que as lavandas nascem livres por *la pampa*?

Clóvis afasta o olhar, que percorre a sala até encontrar uma gravura em preto e branco, emoldurada numa parede em tom de marfim, onde, pela distância, ele só pode distinguir duas figuras humanas e nuas.

— Também não nasciam maçãs no Paraíso — ela segue.

Ele retorna o olhar, sem entender.

— Esse quadro — ela aponta para a gravura. — Dürer desenhou uma maçã nas mãos de Eva. Mas nunca houve nenhuma maçã.

Clóvis ainda não compreende. Rocío não acredita em Paraíso? Virou cética a essa altura? Ele solta gargalhadas curtas. Ela quer dizer que nunca houve um fruto proibido?

— Não é isso! — ela o convida para se aproximar do quadro. — Mas a Bíblia não fala em maçãs.

Clóvis se levanta e caminha até Rocío, parada com uma das pernas cruzadas diante da outra, a ponta dos dedos apenas tocando o chão como uma nobre medieval, a mão esquerda na cintura e a taça de vinho em posição de microfone abaixo do queixo. A pressão do punho sobre o quadril comprime o vestido, marcando a silhueta da lombar de Rocío, onde Clóvis detém o olhar ao ouvir:

— Atenção no quadro — ela finge balançar uma régua e o rosto de Clóvis ganha vida. — É conteúdo para prova — ela solta a mão do quadril e o tecido ameniza seu contorno.

A gravura representava Adão e Eva diante de uma densa floresta e entre animais mansos repousando sobre a serrapilheira. Eva segura duas maçãs e oferece uma delas a Adão, com a ajuda da Serpente. São duas maçãs, não restam dúvidas. Mas seria impossível haver maçãs no Paraíso, porque as maçãs que conhecemos, as maçãs ali representadas, as maçãs são frutos híbridos, derivados da ação humana. Clóvis coça o nariz e lembra que a Bíblia não segue os manuais de botânica, é só uma representação, questão de crença.

— *No te engañes* — ela continua. — O Paraíso pode não ter existido de fato, mas culturalmente ele tinha até mesmo uma localização, longe de qualquer bosque de maçãs, entre os rios Tigre e Eufrates.

— Um erro de Dürer? — Clóvis pergunta.

— Quero dizer que não importa o que foi o Paraíso. Importa o que disseram dele. Deus não pôs maçãs no Éden, mas Dürer sim.

— Mas não havia fotos do Paraíso.

— E nem há fotos das antigas florestas alemãs. Elas não foram devastadas?

— Nem todas... — ele diz sem confiança. — Mas o que isso tem a ver?

— Que tu quer ser Deus quando basta ser Albrecht Dürer.

— Que ambição — ele tenta beber um gole da taça vazia.

Rocío se vira para ele e dá dois passos até ter os olhos rentes ao queixo do aluno.

— E quando tu deixou de ser ambicioso? — Ela penetra os dedos de Clóvis, tomando-lhe a taça. — Mais um?

Ele sente a boca secar e uma palpitação intensa que logo se acalma, antes de endireitar o rosto e incliná-lo na direção de Rocío, revelando por inteiro o olho castanho, e dizendo que, para a sorte dela, ele não costumava trabalhar aos sábados.

— Sempre me agradaram.

— O quê? — Clóvis pergunta.

— Os teus olhos temperados — ela quase encosta o queixo em seu peito e ele sente o ar azedado dos lábios de Rocío. — Por que tu esconde?

Clóvis não escuta. Talvez o vinho o tenha relaxado demais e, por precaução, ele enlaça o tronco de Rocío, que pressiona o ventre contra sua cintura como num passo de tango, e ele sente a panturrilha roçar o meio de suas pernas num *gancho* da dama que dá meia-volta serpenteando em direção à adega, escondida sob a bancada de cedro.

— Tu vem? — ela diz. — Ou eu vou provar esse vinho sozinha?

E olha uma última vez para a maçã nas mãos de
Eva e aceita a oferta.

23.

A luz cruza o violeta profundo do resto de Tannat balançando na taça em frente ao abajur de Rocío e o teto de carvalho é pincelado com finos feixes que ondulam e se atraem ao ritual das galáxias em colisão. Clóvis ajeita uma mecha de cabelo que adere à testa ensopada. O cheiro da madeira úmida de um quarto regado a vinho e suor o faz sentir-se recém-depositado em um imenso barril de onde só poderá sair ao atingir alguma maturidade.

Rocío pega a taça e as ondas cessam no teto enquanto ela bebe o último gole, montada sobre o ventre de Clóvis no centro de um colchão amplo e quadrado, separado do chão apenas por um tapete felpudo, solução prática ao sonambulismo que vez ou outra lhe rendia joelhos e cotovelos ralados.

Ela devolve a taça vazia ao chão e volta a se equilibrar sobre Clóvis. Toma fôlego. Um sorriso conhecido precede o movimento lento e contínuo de sua cintura que se enverga como quem dá um bote, e ela se debruça sobre do tórax dele, acariciando suavemente a ponta de seus seios sobre a pele lisa e recheada de pintas escuras do peito de Clóvis.

Ele sabe que será devorado desde que cruzou o túnel de bambus e nada poderia mudar seu destino.

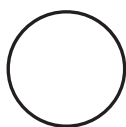
Agarra as coxas de Rocío, o relevo radicular das estrias das nádegas à virilha, e ela se ergue em posição de flor-de-lótus para se apossar das mãos de Clóvis e levá-las aos seios.

As texturas não são as mesmas de quase vinte cinco anos atrás. Também não são a estridência dos lábios, o sal das pontas dos dedos, a fragrância acre do suor. Nem mesmo o quarto, a cama, o vigor da mulher que dança sobre seu corpo. Não lembra de tê-la desejado tanto quanto deseja agora, mesmo naquela única ocasião no final da faculdade, quando sua versão de “Missa do Galo” teve outro desfecho: o constrangimento mútuo, resolvido em uma noite de amenas filosofias regadas a cerveja, no antigo apartamento de Clóvis, entre incansáveis bares na Rua da Praia quase dez anos mais tarde.

Ele quer percorrer o corpo de Rocío, mas ela o impede, segurando seus braços pelos punhos e aproveitando o apoio para aumentar a intensidade de seus movimentos de quadril. Ela parece ganhar membros enquanto Clóvis petrifica ao encarar as ferozes pupilas de Rocío que ondeia ao ritmo de todo o quarto, um diapasão espaço-temporal, afinando tudo o que há em sua volta e afinando-se ela mesma em tudo que há ao redor de si: uma ondulada e anacrônica malha de pasto, a singularidade destes vastos vazios, o horizonte de eventos de onde nada escapa.

Rocío vibra e retorce os compassos do quarto e Clóvis ressoa na frequência da mulher que ondula, que se desenlaça, que enrola a língua em um tufo de pelos em seu peito, que faz círculos com a língua em seu umbigo, dá meia-volta com a habilidade de um demiurgo e ele apenas percebe quando todo o quarto já está de cabeça para baixo e os círculos se tornaram espirais que se afundam e desbravam os espaços que Clóvis ainda teima em desconhecer e que Rocío lhe apresenta com a perícia de quem é, naquele instante, a própria força da natureza.

24.



sol reflete sua coroa oblíqua na superfície do lago. Clóvis aguarda na varanda, onde a copa descabelada do umbu interrompe os raios solares.

Rocío surge atrás dele, com uma cuia de cabaça envolta num couro da cor de café torrado, dando um aspecto de torpedó rústico.

— Mate? — ela oferece.

— Obrigado — ele diz. — Não sou muito de chimarrão.

— Mesmo? É *uruguayo*.

Ele a encara admirado. E o patriotismo argentino, onde fica?

— *Mi patria es la pampa* — ela ri e começa a beber o mate que termina em um par de goles.

— *Me salió corto* — ela constata, preenchendo a cuia com mais água. — Anda, prova. — Ela põe a cuia nas mãos de Clóvis, que bebe dois tragos de um amargor seco e inusitado. Dá um último gole e ouve um ronco fofo, abafado pelas folhinhas secas da erva maturada.

— *Buena, sí?* — Rocío sorri e, sem aguardar uma resposta, acrescenta:

— *Yerba brasileira*.

Ele devolve o mate. Não era uruguaia?

— O estilo sim, mas a erva é brasileira — ela gargalha como quem não resiste à própria piada. Clóvis a assiste e se alegra junto. Ela toma fôlego.

— É a melhor erva do mundo — ela comenta.

Clóvis cruza os braços e se faz de irônico. Estava feliz em saber que bebia o melhor chimarrão do mundo, com o selo de qualidade de Rocío Prada, a maior paisagista dos pagos pampeanos.

Ela ri e dá tapinhas nas costas de Clóvis, que põe as mãos na cintura. E o que dirão os compatriotas de Rocío ao saber que a melhor erva é a nossa?

— Vão sentir raiva — ela bebe mais alguns goles.

— Y vos?

— Eu?

— É, tu — ceva um novo mate e entrega a Clóvis.

— Tu te orgulha?

O bocal da bomba é morno entre seus lábios e ele passa a língua pela pequena abertura por onde suga a água. Rocío continua ali e, por todos os lados, resta a reverberação aplainada da noite anterior. Os olhos dela estão mansos e ele sente vontade de abraçá-la e de beijar suas têmporas. Uma brisa fresca balança os galhos do umbu e as folhas se triscam e farfalham. Ele dá alguns passos e sente o ar seco que nada mantém do mormaço da madrugada. Termina o mate e se vira do lado contrário para Rocío, que só

pode enxergar o olho castanho de Clóvis quando ele devolve a cuia e diz:

— *Gracias*.

25.

Duas massas redondas e infladas estão dispostas como pequenas coxilhas sobre a bancada. Rocío pega um punhado de farinha branca e polvilha a superfície onde acomoda a primeira delas. Em poucos segundos, abre um disco fino e irregular com as próprias mãos e repete o mesmo com a outra massa. Põe a primeira sobre uma pá de madeira e leva para fora, onde Clóvis bebe numa caneca metálica diante de uma *parilla* acesa.

— *Te gustó el Fernet?* — Rocío pergunta, acomodando a massa sobre a grelha.

O sabor não era estranho. Lembrava algum remédio antigo para digestão ou até mesmo um *drink* de Underberg menos doce e sem o sabor persistente de funcho.

— Underberg, claro — ela diz entrando novamente. — Fernet de alemão — grita de dentro, voltando com a segunda massa. — *Pero no se compara.*

Acomoda a segunda massa ao lado da primeira, que já levanta algumas bolhas. Inverte o disco como uma panqueca. De uma cumbuca de pomodoro, retira duas conchas vermelhas e as distribui do centro às bordas

da massa, formando uma moldura dourada ao redor do molho sobre a qual Rocío espalha pedaços de muçarela.

— Estive pensando em teu *proyecto* — ela comenta tapando a primeira das pizzas com uma forma vazia virada para baixo. — Qual é a tua expectativa?

Clóvis passa a língua pela espuma grudada no bígode áspero. Queria tons quentes no outono e galhos nus no inverno. Oferece a caneca a Rocío, que aceita e bebe um gole demorado. O que Clóvis entende por tons quentes?

— Laranja, vermelho.

Ela deixa o copo sobre uma mesa quadrada de madeira. Volta para a grelha e vira a segunda massa. Monta a pizza conforme a primeira, que ela confere, retirando a forma quente com a ajuda de um pano seco e cobrindo a outra pizza. Mas Clóvis não quer um bosque Europeu?

Ele responde que sim e Rocío caminha até um arbusto de manjerição a poucos passos dali, cortando pela metade um galho florido que escapava da silhueta de macega da planta.

Então Clóvis tem um problema: ele busca o tom do outono da América do Norte ou da Ásia. Na Europa os tons predominantes são os amarelados e ocres e não os avermelhados.

A expressão de Clóvis se apaga enquanto Rocío finaliza a primeira pizza com as folhas frescas de manjerição. Ela tem certeza?

Rocío balança a cabeça. Soube, por um artigo, que se tratava de um processo de adaptação a predadores. Põe a primeira pizza sobre uma grade fria e faz um sinal para que Clóvis prove.

Ele não se move. Durante todo esse tempo, esperou por algo em vão?

Não há motivos para drama. Ela corta a pizza em quatro pedaços e retira a segunda que se encheu de bolhas tostadas sobre a brasa. O estudo fala das plantas nativas de cada continente, mas quem se depara com um carvalho vermelho numa praça em Amsterdã jamais vai imaginar que a árvore não é nativa.

— Afinal, o que é nativo hoje?

Clóvis se ajeita na cadeira e pega um dos pedaços de pizza, que fica preso durante alguns instantes por um fio de queijo que se alonga até romper e cair sobre a mesa.

— Por acaso tu conhece a Alemanha? — Rocío pergunta.

— Eu pesquisei, vi fotos — ele responde.

— Ah! — ela diz antes de morder um pedaço crocante da borda da pizza. — Que tal?

— *Muy buena* — Clóvis diz com vogais brasileiras, terminando o seu pedaço e já avançando sobre a mesa para pegar outro.

— E o que tu tá esperando? — ela pergunta.

Ele não entende.

— Para conhecer a Alemanha — ela explica. — Ou vai esperar o bosque amadurecer?

Clóvis se envergonha. Sabe que é uma falha, mas se convenceu de que a viagem não é mais que um luxo, desnecessária e trabalhosa. O que fazer por lá, onde ficará, como se comunicar?

Rocío ergue o dedo, como a professora que sempre tem a solução para o aluno tímido. Ela conheceu durante uma expedição, há alguns anos, um jardim botânico em Weinheim que poderia ser um bom início para Clóvis.

— Tenho o contato de um dos administradores — ela diz.

Clóvis larga o pedaço de pizza pela metade sobre a mesa. Não sabe o que fazer. Só de pensar em tentar falar alemão já se sente culpado por não ter levado a língua a sério na infância. E o próprio inglês, tão enferrujado.

— A língua não é desculpa — ela fala em português perfeito. — O que importa é o lugar.

Clóvis não sabe, precisa refletir. Bebe um gole do Fernet amornado ao lado da pizza. Nunca tinha ouvido falar em Weinheim.

— E *tampoco* eles de Nova Petrópolis — ela diz, cortando a segunda pizza. — *Unos* quilômetros ao sul de Frankfurt, *algumas* horas da Floresta Negra.

Clóvis lembra de uma aula do velho Hermann: o mapa da Alemanha desenhado a punho no quadro negro, a *Schwarzwald* marcada em giz verde no Sudoes-

te, num formato de indicador em riste apontando para Berlim, do lado oposto.

Ele se empolga. Pode ser mesmo interessante. Dá uma última mordida na pizza e só consegue lembrar de Guido. Não pode ignorar: sabe, faz alguns meses, que Guido vive em Frankfurt e que será impossível se esconder caso viaje mesmo para a Alemanha.

Precisa caminhar e por isso se levanta de um salto. Pega a caneca e termina de beber o que resta do líquido já sem gás. Tira o celular do bolso e percebe que já passa das duas. Olha para Rocío em pé diante da cadeira desocupada.

— Já? — ela pergunta.

Ele diz que ainda tem tempo para uma última pizza. Caminha até a mesa e enrola uma fatia em si mesma. Enquanto come, procura por um carro no celular. Três minutos de distância.

— Vejo que te convenci — Rocío diz.

— E eu vejo que a senhora continua convencida.

— *No me vengas otra vez* com essa de senhora.

Clóvis ri com a boca cheia.

— Foi a melhor pizza que eu já comi — ele exagera.

— *Que un italiano no te escuche* — ela diz.

— E que te importam os italianos?

— *Tanto cuanto los alemanes.*

Clovis se aproxima e a abraça. A cabeça dela se acomoda em seu peito e ele sente cheiro de babosa. Que

ele não fique tanto tempo sem dar notícias. Ela vai passar o contato do jardim em Weinheim.

Clóvis agradece, mas ainda precisa pensar. Do outro lado do lago, um carro surge do túnel de bambus.

— Não pense muito — ela diz, dando um beijo na bochecha dele. — Logo começa o inverno por lá.

Ele não responde, distraído com um par de beija-flores sobrevoando um ramo florido do manjerição.

O carro contorna o umbu e estaciona. Clóvis beija a testa de Rocío e se desvencilha. Talvez envie um postal da Alemanha.

— Ah! — ela diz. — *No te olvides.*

Faz um sinal para o motorista e corre para dentro de casa.

— *Acá está* — ela retorna com o livro que deu a Clóvis na noite anterior. — Talvez na volta tu saiba ler.

— É meu dever de casa — ele pisca o olho azul e caminha em direção ao carro.

26.

Mesmo as plantas nativas podem sofrer quando transplantadas do vaso para o chão.

Muitas não sobrevivem e nunca há total garantia de sucesso.

Clóvis já sabe e por isso foi pessoalmente ao viveiro para conferir sua encomenda: quinze mudas de liquidâmbar, duas da altura dos maiores plátanos da primeira leva, que agora quase uniam as copas separadas pelos cinco metros de distância do caminho central. Também pediu uma caixa de olmos que, da base ao ápice, lhe atingem o peito e que o dono do viveiro garantiu que seriam árvores de dez metros em dez anos.

É outubro e as brotações já estão bastante avançadas. Clóvis não pode perder tempo, mas o caminhão só chega ao condomínio à tarde.

Clóvis pede ajuda a seu Geraldo. Levam as plantas direto para os fundos, onde as covas já foram abertas. Seu Geraldo diz que precisa voltar à portaria e Clóvis agradece. O sol alto da primavera atinge em cheio o tom leitoso da pele de Clóvis, que tapa os olhos com o braço. Ainda é cedo para que o edifício produza

sombra, mas os plátanos já servem para amenizar a insolação.

O trabalho será rápido, entretanto.

Planta as mudas altas de liquidâmbar no lugar de duas bétulas apodrecidas durante o inverno. As novas árvores ocupam a vista diagonal do salão de festas para o caminho de plátanos, onde os raios do final da tarde acentuarão ainda mais o alaranjado das folhas no outono.

Para as mudas pequenas, que são vinte incluindo os olmos, não leva mais do que duas horas de serviço. Quando todas já estão plantadas, vai até o salão de festas, de onde retorna com um regador. Molha abundantemente as plantas e já não há mais o que possa fazer naquele instante.

Caminha até o final do bosque, onde não tem certeza se os abetos sobrevivem ou são zumbis. Talvez tenha de abandoná-los como os lariços. Do lado esquerdo, a araucária continua soberana, muitos metros acima de todas as outras plantas.

Olha para trás: as mudas estão lá, um pouco diferentes do projeto inicial, mas Rocío tinha razão e ele só atrasaria ainda mais o bosque se insistisse nas mesmas árvores. Cuidará muito bem delas, disso está certo. Como também está certo de que o clima ajudará e nenhuma grande tempestade vai derrubá-las tão cedo.

Sai das britas e começa a caminhar sobre as folhas que já se acumulam em meio a porções de terra. Na divisa entre os pinheiros e as caducas, um caule da grossura de seu indicador sobe até a sua cintura, dividindo-se em duas compridas folhas tropicais e compostas por folíolos minúsculos: um guapuruvu que foi arrancado num puxão impaciente de Clóvis, que voltou ao saguão com a planta entre os dedos.

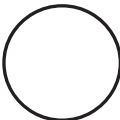
Guarapuru? Seu Geraldo não viu ninguém plantando nenhuma árvore e Clóvis agradece a ajuda de mais cedo.

Nisso, um angico florido entra pelo hall, cobrindo o rosto do vizinho que o carrega sobre os dois braços e que Clóvis só consegue identificar, quando para diante de si: é Ernesto, o marido de Hélien, que o cumprimenta, sorrindo menos com a boca do que com os olhos azuis. Dois olhos muito azuis que acompanham a entrada de Clóvis no elevador para fazer o mesmo em seguida.

Sobem treze andares: a planta de Ernesto em um vaso de bonsai e Clóvis com seu guapuruvu de raízes no ar. Apenas se despedem, Clóvis entra em casa, parte a planta em três pedaços e os atira na churrasqueira ao lado da janela.

Terceira Parte: Raízes

27.

 inglês agressivo do comandante avisa que os procedimentos de aterrissagem iniciarão.

Do alto, Clóvis enxerga a monotonia de uma floresta anônima e acinzentada pela proximidade do inverno.

Do pouco que sabe da Alemanha, quase tudo é fruto do que os pais contaram. Mas os pais também sabiam pouco da Alemanha e por isso também perguntaram aos avós de Clóvis, que sabiam um pouco mais, visto que os bisavós, esses sim, tinham vivido na Alemanha no século XIX e puderam relatar os pormenores de suas adolescências de miséria.

Soube de boca em boca, pelo telefone sem fio que só aumentou a distância entre a Serra e o Hunsrück durante os anos.

O que Clóvis sabe da Alemanha, portanto, além de palavras soltas e pouco confiáveis, da localização precária das principais cidades no mapa, do nome das suas plantas nativas em português ou num latim científico (e Clóvis nunca pensou que isso pudesse ferir sua ancestralidade germânica), além disso e de outros fatos atrozes, o que Clóvis sabe da Alemanha não é mais do que um livro de História, de Antropologia ou até mes-

mo Geografia podem definir como, simplesmente, Nova Petrópolis.

Mas isso nunca foi uma questão relevante, uma vez que ele jamais duvidou de sua origem alemã, de seu dever com uma tradição, de sua constituição linear e natural, que se fundou e sustentou em concomitância com a cidadania brasileira, conquistada pelos antepassados junto com seus blocos de mata virgem.

No horizonte, Frankfurt não é menos cinza do que as árvores e Clóvis já não pode retroceder.

O avião perde velocidade e tudo desacelera junto, num lapso da Relatividade Geral dentro da grande máquina aérea de nome inexistente no idioma que cruzou o Atlântico com os ancestrais.

Retorna, agora, à pátria desconhecida: o ser é estranho ao lar e o lar é estranho ao ser.

Die unheimliche Heimat.

— *Wie spät ist es, bitte?*

A mulher que viaja ao seu lado desde a escala em Londres aguarda sorrindo. Vendo que Clóvis não responde, ela aponta para o próprio pulso.

— *Sorry* — ele diz — *It's...* — pensa durante alguns segundos e decide apenas mostrar o relógio, já ajustado ao horário alemão.

— *Ja, danke* — ela diz, emendando:

— *Woher kommen Sie?*

Mas Clóvis não sabe.

28.

Clóvis espera num café da praça de alimentação do Frankfurt Hauptbahnhof.

O trem sai em meia hora e o estabelecimento poderia ser um típico café de shopping em Porto Alegre ou mesmo um dos modernos e descaracterizados de Nova Petrópolis.

Gostaria de um pingado, mas, com algum esforço, pede um *Käsebröt* e um capuccino, recebendo uma xícara quente e espumada e um pedaço rústico de pão coberto por uma única fatia de queijo processado. Acha curioso, mas conclui que o lanche condiz exatamente com aquela estação de trem de fachada neorrenascentista e interior metálico.

Termina e decide aguardar na plataforma. Faz onze graus e o meio da tarde é escuro cinco dias antes do solstício. Clóvis carrega uma mala de rodas gorda e quadrada e uma pasta de couro, de alça cruzada no tronco. A camisa gruda em seu peito debaixo de um suéter pesado, e Clóvis tira o cachecol de lã piniquenta. Uma brisa atrapalhada não se decide, afetada pelo movimento dos vagões. Numa lufada mais forte, o outono atinge o pescoço úmido de Clóvis e ele sorri.

Guido não pode recebê-lo no aeroporto, mas Heidelberg fica a apenas uma hora de distância.

Clóvis não sabe se isso é bom.

Não o encontra desde o casamento de Lúcia, na virada do milênio — também a última vez em que viu a amiga, que se mudou para o Nordeste na outra semana.

Guido foi mais ambicioso, como Clóvis disse embriagado no casamento, ao que Lúcia respondeu com um banho de espumante gelado: veio sozinho para Frankfurt, onde trabalhou como jornalista nos primeiros anos, mas logo os investimentos na bolsa de valores permitiram o abandono das redações.

O próprio Guido sugeriu Heidelberg, de fama arquitetônica e científica. Ou melhor, como descreveu numa mensagem: “Tem um teatro no meio da floresta e um castelo top”.

Clóvis confiou no amigo, mas não sem antes passar uma noite lendo sobre a cidade poupada dos bombardeios da Segunda Guerra, salvando assim suas edificações medievais. Era rodeada por matas de caducas e, para melhorar, ficava a poucos minutos de Weinheim, cidade do Hermannshof, o jardim botânico de que Rócio falou.

Além disso, a mesma distância de Frankfurt, mas na direção contrária, conhecer a Floresta Negra seria inevitável.

O trem chega e Clóvis enrola o cachecol na pasta.

Compartilha o vagão com gente agasalhada em excesso, mas isso deve ser culpa do conforto da infraestrutura alemã, que acaba afastando as pessoas das intempéries, tornando-as friorentas.

Uma voz masculina informa a próxima estação. Por segurança, Clóvis mantém um aplicativo que monitora a viagem por GPS e informa onde deve descer. Mas deixa o celular no bolso na maior parte da viagem, analisando um mapa que pegou no hall de entrada da estação mais cedo.

Do lado de fora, as árvores caducam também nos subúrbios. Consegue ver ainda em uma ou outra massa de vegetação pardacenta, os primores de um outono exausto: as folhas amarelas dos álamos e das faias.

A flora é meticulosamente ordenada na maior parte do trajeto. Só nas proximidades das estações os horizontes se mostram mais amplos e vazios.

Em vinte minutos, uma parede de cerros baixos assoma do lado esquerdo, como num trajeto anacrônico pelo caminho de ferro de Santa Maria a Porto Alegre, costeando a borda do planalto na Depressão Central. Algumas casinhas em enxaimel brotam entre os capões. Vez ou outra, algumas lavouras revelam extensas planícies e ele se sente em casa.

29.

São oito e quinze e as luzes da cidade são ainda mais fortes do que a manhã que custa em dar as caras.

Na recepção da pousada na noite anterior, aguardavam pelo brasileiro que queria um quarto para todo o inverno. No fim, foi convencido de que era mais sensato reservar para apenas um mês, estendendo as diárias caso achasse pertinente mais tarde.

Uma moça de testa oleosa e cabelo escuro dividido ao meio o recebeu no início da noite e Clóvis mal prestou atenção ao *tannenbaum* da entrada, enfeitado com bolas lustras e vermelhas como carne fresca.

Só foi capaz de escovar os dentes antes de deitar-se sem condições de desfazer a mala para dormir doze horas a fio.

Clóvis sai da cama e desce para a recepção depois de tomar banho. Um rapaz com bigode de Dalí diz *guten Morgen* e Clóvis retribui. Sobre a cabeça do rapaz um relógio o apressa: passam das oito e meia e Clóvis precisa estar às nove na Haspelgasse, para a primeira aula do curso de alemão.

Clóvis chega ao buffet de café da manhã saltando de dois em dois degraus pela escada abaixo que aces-

sou por uma porta corta-fogo na recepção. Numa mesa comprida de aço há comida suficiente para Clóvis se alimentar pelo resto do dia, mas sua boca está ressecada e ele sente necessidade de frutas. Enche um prato raso de porcelana com rodela recém-cortadas de laranjas, alguns cubos de kiwis maduros demais, e fatias fibrosas de manga azeda. Bebe dois copos cheios de água fresca como se saísse de uma maratona e um fôlego a mais o faz percorrer o buffet para voltar com um pão e uma linguiça que ia de uma borda a outra do prato.

Corta o pão pela metade e faz um cachorro-quente pitoresco, como se tivesse saído de um desenho animado. Come a linguiça pelas beiradas, até encontrar o pão, ao centro.

Bebe mais um copo de água e sobe para a recepção. Percebe que esqueceu sua pasta e tem que voltar ao quarto.

O rapaz com bigode de Dalí o vê descer e diz *guten Morgen*. Ele sorri como manequim e Clóvis percebe que só tem dez minutos. Se despede e sai.

Uma corrente gelada de vento sopra da direção do rio e algumas gotas violentas molham sua cabeça. Não há flocos de neve e o ruído estridente da água caindo de uma calha sobre a marquise de lona faz com que ele caminhe aborrecido, se apressando pelo pedaço asfaltado de rua que cede lugar aos paralelepípedos nas proximidades do Marktplatz, onde barracas iluminadas e orna-

das com estrelas e guirlandas divertem duas crianças encapuzadas que pulam e se caçam, sem ligar para a chuva ou para o frio.

Correr se torna perigoso sobre as pedras lisas e Clóvis caminha rente às paredes até uma banca de souvenirs onde só encontra guarda-chuvas temáticos.

Escolhe um de faixas pretas, vermelhas e amarelas.

Aproveita e pega um mapa da cidade. Localiza o Marktplatz, gira o dedo sobre o mapa e a Haspeltgasse está logo ali, deve dar menos de cinco minutos de distância. Não sabe onde deixou o relógio e o celular marca três para as nove.

Se sente um pouco ridículo com o guarda-chuva, mas não vai perder a aula por isso. Imagina o trajeto numa diagonal até a sala de aula que não sabe bem onde fica. As barracas de Natal e a própria Heiliggeistkirche impedem o atalho, mas Clóvis confia no senso de localização consolidado pela experiência como arquiteto e nenhum novo mapa será mais do que uma planta baixa.

A chuva escorre pelas folhas em formato de leque de duas palmeiras que tremem de frio em seus vasos, diante de uma pirâmide natalina brilhante de hélices preguiçosas. Clóvis confere a hora e faltam só dois minutos. Tenta encontrar o horizonte, mas a praça está completamente tomada pelos enfeites, muito diferente do que mostravam as fotografias ensolaradas. Con-

torna um abeto alto, sustentado por uma estrutura de madeira e enfeitado com pisca-piscas e consegue ver parte de uma torre na encosta de um morro ao fundo, coberto por galhos vazios.

Clóvis dá a volta na igreja e precisa se espremer para passar por um beco cheio de mesas de madeira nas calçadas. Segue na rua perpendicular, andando em zigue-zague, cortando o caminho entre turistas.

O ar cheira a canela e vinho morno, alguém fala *guten Morgen* e Clóvis pensa no recepcionista com o bigode de Dalí.

Um cuco adiantado soa numa loja. Clóvis se afofa para pegar o celular que resvala em sua mão e cai de frente sobre a calçada. Uma ramificação de cacos se desdobra do centro até a parte superior da tela e os algarismos mostram um horário quebrado em múltiplos trincos, numa interferência cromática quase surrealista.

Não pode se atrasar para a sua primeira aula de alemão, mas só agora é que chega na Haspelgasse. Levará pelo menos um minuto para alcançar o final da rua, onde fica a escola de idiomas. Tem um minuto, pensa, para elaborar uma explicação em inglês, como se chegar atrasado em sua primeira aula de alemão não fosse vergonha suficiente.

Imagina uma professora loira e idosa como a de seu primário, que gostava de chacoalhar um colega que demorava muito para ler as palavras no próprio caderno.

Rápido, criatura, rápido, ela dizia, e o menino começava a chorar e quanto mais ele chorava mais ela chacoalhava, como se quisesse tirar todo o choro de dentro do menino, que se mudou com os pais meses depois.

Um arrepio na espinha se torna agudo quando Clóvis chega ao prédio. Tem pressa, mas vê alguns plântanos de folhas atrasadas no final da rua.

Quer vê-los de perto, mas decide aguardar a aula. Entra no edifício. Como se desculpar em alemão?

Algumas vozes repetem palavras em coro atrás de uma porta. Clóvis quase treme e antecipa dois olhos azuis rabugentos.

Bate na porta, toma coragem e entra, preparando suas desculpas em inglês. Mas, diante do quadro, sorri uma mulher de olhos escuros e cabelos do formato de um kokedama de suculentas. Ela confere um papel em seu birô:

— Clóvis?

30.

— *Willkommen!*

— *Wie geht es du?* — Clóvis pergunta como se chegasse à casa da avó. Escolhe uma carteira para se sentar, entre outras sete pessoas, numa sala um pouco maior do que seu quarto em Porto Alegre.

— *Wie geht es dir, mein Schatz* — ela corrige. — *Danke, sehr gut, und dir?*

Clóvis já se acomoda no semicírculo de mesas, ao lado de um homem calvo e de narinas peludas, e fica algum instante sem entender que ela perguntava de volta.

— *Where are you from?*

— Nova Petrópolis — responde em português, tirando um Moleskine vermelho de páginas lisas de dentro de sua pasta.

Ele toma alguns segundos para traduzir a explicação. É uma cidade no Sul do Brasil, um lugar muito parecido com Heidelberg.

— Super! — Ela vai até um quadro branco e escreve uma frase com caneta verde. Olha para a turma e diz em voz alta:

— *Clóvis kommt aus Brasilien.*

Uma adolescente de olhos arregalados e orientais anota a frase em seu caderno. A professora pede para

que todos repitam e Clóvis sente as orelhas arderem. O coro repete:

— *Clóvis kommt aus Brasilien.*

Sehr gut! A professora também é brasileira, e todos entendem o que ela fala, mas vem do outro lado do país, de um lugar chamado Japaratinga, no Nordeste. Logo abaixo, escreve em azul:

Maria José kommt auch aus Brasilien.

Ela lê num alemão pausado e perfeito e Clóvis tem a nuca cheia de suor. O homem de nariz cabeludo repete sozinho depois de todos, em uma espécie de inglês britânico mal pronunciado, ignorando as correções de Maria José.

Ela se satisfaz e entrega uma folha a Clóvis. Uma azia ganha corpo em seu estômago e ele se remexe na cadeira, pensando na linguiça do café da manhã e culpando as frutas. Finge coçar o olho e se dá conta que seu hálito cheira a vinagre.

Acha que vai vomitar e aguarda por algum silêncio numa longa frase incompreensível de Maria José para perguntar onde fica o banheiro, em português arisco. Ela aponta para o corredor e ele sai, dando de cara com o banheiro ao lado da sala.

Vomita todo o café da manhã em três jatos descontrolados. Dá a descarga e espera aliviado sobre o vaso. O celular treme e a tela trincada faz com que Clóvis tenha que subir e descer pelo *display* para ler uma

mensagem de dona Sidete convocando para a próxima reunião de condomínio.

Ele pensa no bosque. Responde que já está na Alemanha e bem. E dona Sidete? De olho nas árvores? Se encontrar algo estranho, que avise.

Guarda o celular e decide voltar à sala de aula. Quer confiar em dona Sidete, mas teme que seu bosque se torne um jardim híbrido e ele tenha que passar dias arrancando mudas invasoras.

Entra na sala e Maria José pergunta se ele está bem. Está ótimo.

Ela retoma a aula e Clóvis acompanha. Preferia uma professora alemã e isso o chateia. Quer mudar de turma, talvez explicar para Maria José, afinal é uma oportunidade para aprender com falantes nativos. Fará isso, está decidido. Mas ela fala alemão melhor até que Guido, como se esse fosse o mais alto grau de comparação.

Ela vai e vem pela sala, lendo um texto. Se só contasse a voz, ele pensa, ela seria alemã, sem dúvidas.

Ao redor, todos prestam atenção e ninguém parece duvidar da autoridade da professora, a não ser o inglês narigudo que, na verdade, só não duvida de si próprio.

Clóvis parecerá grosseiro? É melhor evitar qualquer conflito e ele volta atrás em sua decisão. Vai dar uma chance para Maria José. É isto: ele está confian-

do nela e ela é quem vai ter que aproveitar a oportunidade.

No quadro, no entanto, abaixo das duas primeiras frases, ele nota uma terceira, provavelmente escrita quando estava no banheiro, mas que consumirá sua atenção pelo resto da manhã:

Clóvis und Maria José sind Brazilianer.

31.

Uma fileira de plátanos acompanha a margem do rio Neckar. Clóvis quase alcança um dos galhos, mas precisa dar um salto para conseguir agarrar uma folha murcha e sem cor e que ele guarda no bolso do sobretudo.

Não há mais a chuva da manhã e o frio só amenizou, como uma tarde típica de junho em Nova Petrópolis.

Caminha na direção da ponte antiga, onde as pessoas tiram fotos e alisam a escultura de um macaco que segura um espelho redondo. Clóvis quer vê-lo de perto e se aproxima tateando a estrutura de concreto da mureta que separa a passarela da orla e a pista de trânsito, alguns metros abaixo. A poucos passos de distância do macaco, esbarra os dedos em dois minúsculos ratos de bronze, um patamar abaixo da estátua. Duas mulheres desejam boa sorte em inglês e também acariciam os ratinhos metálicos.

Ele solta um risinho e entra na ponte. O céu já perde luz, mas ele caminha até o lado oposto.

Nada mais atrapalha a vista do castelo: um monumento medieval, que resistiu à invasão dos franceses no final do século XVII.

Clóvis tira uma foto, posicionando o castelo ao alto da parte rachada do monitor do celular, que funciona como um ponto áureo. Envia a fotografia a Rocío e retorna para a cidade antes que escureça.

Funcionários entram com caixas de pimentões em um restaurante chinês na Haspelgasse. Clóvis mal almoçou, ainda um pouco enjoado, mas agora parece reestabelecido e decide comer alguma coisa na Marktplatz.

Rocío responde dizendo para Clóvis não provar o *Glühwein*, que era um pecado com o vinho. Mas Clóvis não tem o costume de beber quentão em dezembro e ela pode se tranquilizar com isso.

Heidelberg é uma cidade tão preservada que às vezes Clóvis não acredita. Parece saída de um filme da Disney, ou até mesmo uma cidade montada num parque da Disney, onde o dedo humano faz parte da paisagem sem borrar o passado, como uma Gramado mais natural e utópica.

Quase nada resta das raízes góticas: a invasão dos franceses destruiu quase toda a cidade, que foi reconstruída num estilo barroco muito mais familiar a Clóvis.

Diante dele, no entanto, a Heiliggeistkirche é uma expressão absolutamente gótica: uma versão gorda e encapuzada da Catedral de Pedra em Canela.

Um senhor toca uma valsa num acordeon e uma névoa mais úmida começa a baixar. Clóvis quer dançar

e sente-se tão alegre que deixa uma nota de cinco euros para o homem, que agradece com um uma reverência curta.

Um rapaz quase albino tem uma folha de cartolina em branco diante de um cavalete montado do lado oposto à igreja. Percebe o interesse de Clóvis e chama com os dois braços espalmados.

Clóvis se aproxima, assinalando para a placa que indica o preço de dez euros e o rapaz se levanta animado, posicionando o seu modelo no melhor ângulo. Senta-se outra vez, olha para o papel e aponta para o guarda-chuva fechado de Clóvis. As faixas coloridas se entrelaçam e Clóvis o ergue na direção do rapaz que mostra os polegares.

Clóvis abre o guarda-chuva e recosta o cabo inclinado sobre o ombro direito. O rapaz espalma as mãos para que Clóvis aguarde.

A neblina aumenta e cinco minutos mais tarde ele recebe o desenho: um plano fechado e um tanto grotesco, emoldurado no canto esquerdo pela aba tricolor e bastante realista de um guarda-chuva pontilhado por gotículas brilhantes, ressaltando as expressões exageradas do rosto de Clóvis, a heterocromia saturada, o nariz ainda mais torto, as entradas que quase se uniam no topo da cabeça, e o queixo finíssimo com relação à testa.

Clóvis entrega os dez euros e agradece. É uma caricatura perfeita.

32.

N a saída da terceira aula, Clóvis pergunta a Maria José onde pode comprar *Eiswein* e ela o convida para uma cerveja, sugerindo que caminhem algumas quadras até uma *Kneipe*.

Ele não sabe o que é um *Kneipe*, mas aceita.

No caminho, Maria José pergunta o que Clóvis veio fazer em Heidelberg e ouve a explicação pelo resto do trajeto.

Ele conta sobre a pousada que não aceitou a reserva por três meses e ela responde que três meses é bastante tempo mesmo e que Clóvis deveria aproveitar para conhecer outros lugares. Clóvis acha que essa coisa de ir de um lugar para outro a cada dois dias é um desperdício de tempo, mas não descarta a possibilidade de uma viagem ou outra, nos últimos dias.

Maria José caminha com passos curtos e precisos, num balanço de ginasta sobre um tatame. Sorri com o rosto todo: as bochechas reluzindo esticadas, os olhos ainda mais estreitos, o nariz espalhado e meio sardento, os incisivos pronunciados como teclas largas de um piano.

Não entende nada de plantas, mas sempre gostou da paisagem natural de Heidelberg, que não tinha nada

de parecido com os coqueiros um do lado do outro, enfileirados por quilômetros no litoral de Alagoas.

Os coqueiros são plantas exóticas nas praias brasileiras, Clóvis descobriu surpreso alguns anos atrás. Nunca viajou para o Nordeste e o máximo de Norte que conhece do Brasil é São Paulo. Maria José diz que se a mãe dela souber dessa história dos coqueiros vai cobrar o dobro pelas cocadas para os turistas de Japaratinga e que o máximo que conhecia do Sul era Brasília.

— Aqui — ela aponta para um bar de paredes pixadas. — É o mais parecido com um boteco que vamos encontrar em Heidelberg.

Faz um frio úmido e a garoa não tem força para molhar mais do que as pontas dos cabelos de Maria José. Escolhem uma mesa ao lado da janela e Clóvis se lembra da viagem a Gramado com Hélen.

Não cita Hélen e Maria José diz que conhecer Gramado é o sonho de uma tia que vive em Piranhas, no sertão de Alagoas, uma cidadezinha histórica na beira do rio São Francisco para onde viajava nas festas juninas da adolescência e que Maria José acha a cara de Heidelberg, mas não sabe explicar bem os motivos, algo da arquitetura, das ruas estreitas, da cor do rio.

Um garçom de cabelo raspado e avental de couro os atende e, em alemão, Clóvis pede uma pilsen. Maria José fecha os olhos, dizendo *sehr gut*, como se estivessem em sala de aula, e pede uma dunkel grande.

As cidades barrocas se parecem, mas Piranhas deve ser muito mais quente que Heidelberg. Ela arregala os olhos, revelando uma esclera com pontinhos marrons quase ocultos pelo epicanto suave das pálpebras:

— Oxe! — ela diz. — Um inferno, meu filho. E Gramado é muito fria?

— Bastante — ele responde rápido. Depois, acrescenta — Tipo aqui.

— Ah — a vogal se alarga e se espreme. — Mas o frio ainda nem chegou direito.

O garçom entrega uma caneca grossa e pesada a Clóvis e Maria José recebe um copo que, apoiado na mesa, alcança a altura dos seus lábios marrons.

Brindam e ela fala dos invernos terríveis que passou em Dresden nos dois primeiros anos, trabalhando como babá, quando carregava o violoncelo de uma menina vermelha e preguiçosa, três vezes por semana até a escola de música, oito quadras no gelo fresco a menos dez graus, o estojo pesado nas costas e as narinas ardendo, como quem come sushi e exagera na raiz forte, a maior das rotinas de atividades físicas que Maria José já teve em quinze anos na Alemanha.

Chegou aos vinte anos de idade, depois de ter convivido durante uns três anos com uma senhora alemã, deslumbrada e amorosa, apaixonada pelas águas quentes de Japaratinga e que contava histórias cinzentas de sua *Deutschland* fantástica. Morou praticamente todo

esse tempo na pousada que a mãe mantém até hoje e depois comprou uma casinha a duzentos metros de distância. Ensinau alemão e inglês nas folgas de Maria José, que lavava todas as louças da pousada e, mais tarde, até chegou a ser a guia dos passeios dos gringos pelas piscinas naturais.

Foi ela quem arranhou o primeiro emprego de Maria José na Alemanha, até a sua mãe (que também se chama Maria José, mas todos chamam de Zezina) fala alemão suficiente para não cair na lãbia de um ou outro turista mão de vaca.

Clóvis já bebeu metade de seu chope e se diverte mais do que esperava com as histórias tropicais dela.

Ela bebe alguns goles longos da sua cerveja ainda intacta e Clóvis aproveita para contar dos invernos no Sul, os dias chuvosos e de banhos sofríveis, onde precisava de jaqueta até mesmo na sala de casa.

Explica seu bosque e ela acha muito interessante. Se Clóvis quiser, podem ir ao jardim do castelo no final de semana, vai ser divertido praticar seus dotes como guia de turismo.

Ele acha uma boa ideia e aceita. Bebe os últimos goles do chope e Maria José oferece seu copo.

Clóvis aceita e logo pede também uma dunkel grande ao garçom.

Maria José fala de Alagoas, das cores imponentes das águas, um verde quase azul nos dias secos e das on-

das da cor do mel nos dias chuvosos de junho. Quase nem lembra como é passar um Natal no Brasil, num calorão, de biquíni na praia. Hoje em dia, isso parece uma doideira.

— Acho que virei alemã — ela diz.

Mas Clóvis se atrasou na conversa e ainda imagina as águas de Japaratinga, de cores tão familiares. Demora como uma onda atrasada, mas rebenta em gargalhadas assim que compreende. Maria José ri junto dele.

33.

Do alto do jardim do castelo, Heidelberg é vermelha.

Clóvis está ofegante da subida e Maria José oferece uma garrafa de água. Ele se escora com os cotovelos no parapeito, a garrafa sobre o precipício.

É solstício de inverno e, do outro lado do Neckar, algumas árvores perenes mantêm o vigor. Faz dez graus e a garoa às vezes aparece para tornar a tarde um pouco mais fria.

Clóvis imaginava um cenário branco, as nuvens da altura das montanhas, as acículas dos abetos sustentando a neve de dezembro.

O clima está estranho, mas Clóvis não tem por que se preocupar. Janeiro é o mês mais frio e Maria José nunca viu um inverno sem neve por ali. Fala dos primeiros anos e de como ela se impressionou com as variações de temperatura, a descoberta de que a neve é lisa quando derrete.

Clóvis lembra de uma tarde, nos anos oitenta, quando escorregou em um punhado de neve derretida e acabou levando umas palmadas da mãe que recém tinha lavado as roupas para aproveitar o sol.

Maria José não sabia que nevava a tal ponto no Sul.

Clóvis diz que quase nunca é em grande quantidade, mas que todo ano neva em alguma cidadezinha pelo menos.

Ela acha aquilo muito interessante, fazendo um breve discurso sobre o tamanho do Brasil, as tantas diferenças de um canto a outro. Mas os brasileiros se enganam e vêm para Alemanha achando que é um lugar uniforme, todos loiros e brancos como Clóvis.

— Tipo essas árvores — ela diz e Clóvis a encara de frente, sorrindo. — Quer dizer, eu imagino, porque tu já sabe que de árvore eu entendo é nada.

A cabeça de Clóvis parece sustentada por cordões de marionete, pulsando e caindo a cada palavra de Maria José.

— Não é verdade? — ela continua. — Essas árvores ali, por exemplo, parecem todas iguaizinhas, mas deve ter de todo o tipo, não é não?

Apesar do bosque, das ameaças do tempo, dos anos de mudas mortas e de constantes replantios, das pesquisas, dos projetos, das mudanças de ideia, das decepções, da teimosia, apesar de tudo isso, Clóvis não é um *expert*. Sabe, contudo, que as florestas europeias são muito mais monótonas do que as brasileiras.

— Mas tem razão — ele diz — cada indivíduo tem suas próprias características.

Do outro lado do castelo, a chuva cai sobre Heidelberg. Mas ali o sol resiste, iluminando as ruínas de arenito da torre, a alguns metros de distância.

Maria José quer saber se Clóvis conhece as plantas do jardim e ele se empolga, chamando-a para o meio das árvores. Não tem certeza de todas elas. Quando estão sem folhas o trabalho se torna mais complexo e Clóvis ainda não decorou os padrões de texturas, as ranhuras, as cortiças, o modo como ramificam.

— Mas esse, por exemplo, é um bordo — ele a convida até um arbusto mais baixo e mostra os brotos adormecidos e alternados de um galho — provavelmente tridente. Os japoneses chamam de *kaede* e os botânicos de *acer buergerianum*.

Kaede — ela repete como oxítona. — Bonito. Parece guarani.

Ela pergunta se Clóvis tinha plantado algum desses em seu bosque, mas ele explica que não, apesar de ser uma árvore muito bonita e que se adaptaria bem. Ela não entende. O que há de errado com o *kaede*?

— Escaparia ao conceito — ele responde. Ela parece esperar algo e ele complementa: — Escolhi só plantas europeias e essa é asiática.

— E um *kaede* no castelo de Heidelberg não conta não, é?

Mesmo que conte, já tem muitas árvores no bosque. Aponta para um plátano de uns trinta metros de altura e conta que plantou uma fileira deles no centro do bosque. Dos dois lados da fileira, outras árvores caducas estão misturadas, como algumas das que encon-

tram por ali: bétulas, faias, álamos compridos e cheios de ramos.

Aquilo soa latim para Maria José e Clóvis não sabe os nomes em alemão. Ele a conduz pelo meio das árvores, fingindo percorrer o próprio bosque em Porto Alegre. Caminha entre carvalhos e diz que sonha em ter plantas assim, robustas e velhas, mas que provavelmente não estará vivo para ver.

Numa encruzilhada, entra à direita e fala da trilha de bordos-da-Noruega, esse sim, europeu, mas que provocou alguma dor de cabeça com os fungos apesar de ter revelado as primeiras cores outonais no último ano.

Ela não vê folha nenhuma e Clóvis explica que se trata de uma planta parecida com um plátano. Mas não é um plátano. A folha é quase igual àquela da bandeira do Canadá, mas também não é a mesma árvore.

Maria José sabe exatamente de qual árvore Clóvis fala, tem muitas delas por Heidelberg e já catou muitas folhas pelo chão para tirar fotos. Deve ser lindo ver o bosque da janela de casa.

Clóvis sorri e diz que vai ser cada vez mais bonito. Se aproxima de Maria José e põe as mãos sobre os olhos dela, caminhando atrás.

— Tu tá no meu bosque — ele diz com os ês abertos da infância. — Imagina. Ouve o ruído dos passos, os pássaros, sente os aromas, a temperatura.

Maria José sorri e a venda pálida dos dedos de Clóvis faz conjunto com os dentes de marfim dela. Caminham mais alguns passos e ele tira as mãos. O bosque acabou?

— Não — ele dá dois passos para trás, colocando as mãos nos bolsos. — Chegamos no salão de festas.

Ela finge buscar algo entre as árvores. E quando os convidados chegam?

Clóvis acha graça e conta do episódio da madrugada quando encontrou dois sujeitos transando no salão alguns meses antes da viagem.

Ela tem um ataque de riso e algumas pessoas olham na direção dos dois. Ri por quase dez segundos, dizendo algo que Clóvis não compreende no meio das gargalhadas. Até que respira e pergunta com serenidade:

— E por que é que você achou que o menino era um ladrão?

Clóvis está constrangido. Repara no rosto de Maria José. Os olhos, o nariz, a boca, o cabelo, a pele. Não sabe. O rapaz devia ter uns dezoito, Clóvis gagueja, talvez dezesete. Nunca o tinha visto por lá.

A expressão de Maria José se torna mais contida. Não ri.

Ele bebe alguns goles de água e ganha algum tempo para justificar que estava bêbado e com medo de encontrar outras plantas nativas no bosque. Ainda

não encontrou o responsável e pensou que tinha pego o desgraçado. Suspira e modula o tom, mostrando-se sensato: foi um erro de avaliação.

— Que misterioso — ela diz.

Clóvis tem certeza de que é alguém do condomínio, logo vai descobrir.

— E se for a própria natureza? — ela pergunta.

Clóvis não compreende e Maria José conta sobre o cemitério clandestino no povoado Bitingui em Japaratinga, construído no início do século passado, mas que foi tomado pelas altas das marés. Virou uma espécie de ponto turístico, mas sempre aparecem umas coisas estranhas, já teve até pescador que chegou a ver um pé boiando com meia e tudo depois de uma maré mais forte.

— A natureza não quer saber — ela diz.

— Quer dizer que as plantas estão revoltadas comigo?

— Quem sabe? — ela quebra a ponta de um ramo de *ginkgo biloba*. — Ou talvez não se importem, só isso.

Clóvis tem os olhos fixos numa raiz que salta à superfície numa clareira entre as árvores, como se não pertencesse a nenhuma delas.

— Uma floresta é uma espécie de cemitério — ela diz. — Não é não?

34.

A dois dias do Natal, o celular de Clóvis para de funcionar e ele vai a uma loja de departamentos na *Hauptstraße*.

No primeiro andar da loja, ao lado de uma escada encaracolada e estreita, vê pendurado um par de luvas estampadas com folhas vermelhas de bordos e decide dar de presente a Maria José.

Sobe alguns andares caminhando e encontra o setor de eletrônicos. Tem pressa e quer aproveitar a tarde ensolarada para conhecer o *Philosophenweg*.

Uma mulher baixa com touca de Papai Noel o atende em inglês e ele toma fôlego para dizer que procura um celular. O suor só aumenta desde que ele parou de caminhar e a calefação piora o abafamento. Ela mostra algumas opções e Clóvis retira o sobretudo, enrolando como um cobertor sustentado pelo braço esquerdo.

Analisa os preços, faz contas e pede o celular que tem a melhor câmera. É também o mais caro e, infelizmente, só sobra o aparelho que usam para expor na vitrine e que não pode ser vendido. Clóvis se sente contrariado e quer ver outra vez todos os modelos.

Escuta todas as especificações e não se decide. Quer mesmo é o modelo que promete qualidade foto-

gráfica profissional. Já está convencido a sair e buscar outra loja quando a mulher pede para ele esperar.

Caminha até uma sala do outro lado da loja e cada cinco minutos ela ergue a palma da mão direita na direção de Clóvis. Um segurança se aproxima quando Clóvis começa a mexer em um aparelho no balcão vazio.

Depois de quase meia hora, a mulher chega com uma caixa plastificada, dando alguma explicação sobre o estoque. Ele sai agradecido com a caixa do seu novo celular de câmera revolucionária.

Já são três da tarde e Clóvis tem poucas horas de luz. Mas a possibilidade de ver Heidelberg ao pôr do sol empolga e ele imagina as sombras largas dos galhos, o castelo nos raios dourados, e vai com pressa para o caixa.

Desce pelas escadas rolantes, mas se depara com uma fila de dez metros de turistas empacotados (ele ri do adjetivo que repetirá sempre que falar deste dia). No final da fila, um segurança careca e largo o encara e anda alguns passos, antes de falar algo em seu rádio.

Clóvis se considera um bom fotógrafo, pelo menos tem boa noção de enquadramento. Mal vê a hora de fotografar a cidade, talvez possa pendurar uma fotografia de Heidelberg na sua sala, do lado oposto à janela e ao bosque.

A fila é mais rápida do que parece e, em dez minutos, ele está diante de um rapaz que passa a caixa do

celular sobre um desmagnetizador e diz o preço em inglês. Clóvis entrega um cartão e sai com uma nota fiscal.

Maria José vai gostar das fotos, sem dúvida.

Caminha para a saída e, de uma vidraça, vê o sol se aproximando do horizonte.

Avança animado para fora e, assim que seus pés tocam o exterior, o alarme soa.

Na calçada, as pessoas olham para Clóvis e o segurança da fila se aproxima quase correndo, a mão em um cacetete. Clóvis tenta dizer que é um engano e mostra a nota fiscal. O homem pega a nota e diz para Clóvis desenrolar o sobretudo do braço esquerdo.

É quando Clóvis percebe o par de luvas esquecido e começa a se desculpar, que foi um engano.

O segurança pede as luvas e o seu passaporte. Outro segurança, o mesmo que o acompanhou no setor dos eletrônicos, aparece perguntando algo ao careca, que pega o passaporte de Clóvis e responde num alemão claro:

— Mais um latino.

35.

Subindo o *Philosophenweg*, Clóvis decide não comentar nada do incidente para Maria José. Aliás, se havia qualquer expectativa de encontrá-la no Natal, nada sobrou após ser liberado pelos seguranças, que voltaram cochichando para a loja, satisfeitos com as luvas.

Nem mesmo comprará outro presente. Que ideia, afinal de contas. Mal conhece a mulher, sua professora de alemão há uma semana. E um par de luvas não é presente que se dê a uma professora, escrever de luvas é horrível. Uma maçã é presente para uma professora, ele ri de si mesmo e até cogita contar toda a história para Maria José só para receber um sorriso como recompensa. Mas a maçã o faz lembrar da gravura de Dürer e de Rocío Prada.

Será melhor começar a fazer suas pesquisas, aproveitar a temperatura e sair pela cidade, subir o *Königstuhl*, caminhar pela floresta, como Rocío teria sugerido. Não foi para isso que veio, para ver brotar e evoluir a estação fria em um lugar fossilizado de sua *Heimat*? Mas ali se intensifica o problema. Porque a sua intenção é sim fazer suas observações, mas quer que suas observações estejam cobertas por uma camada de neve, da neve mais fina que seja.

Pode ser ansiedade e isso talvez atrapalhe. Não quer observações apressadas, mas um inverno seco, por outro lado, pode dar uma boa noção do que pode ser o outono por ali, basta imaginar algumas folhas amareladas nos galhos e aí está: a imaginação restaurando as frustrações.

Aproveitará os próximos dias para caminhar, talvez até mesmo alugue uma bicicleta e pedale até lugares menos habitados. O importante é não se enganar com o argumento fácil de seu sedentarismo, de que todo lugar tem a mesma validade de experiência, dentro do quarto da pousada ou sobre um penhasco nevado. Não, o importante é estar do lado de fora, sentindo o ar natural de Heidelberg.

Clóvis sente arderem as panturrilhas e precisa tomar fôlego. Para em um mirante na metade do caminho, onde já é possível ter uma visão aberta da cidade do outro lado do rio. Alguns galhos cruzam sua vista, mas até nisso o inverno é bem-vindo: sem as folhas, os ramos apenas enfeitam a paisagem ao fundo. Tira do bolso o celular recém-inaugurado e fotografa Heidelberg pela segunda vez. Na nova versão, os galhos diante da cidade fazem o papel natural da imagem estilhaçada na tela do celular antigo, o que só pode ser um sinal de que a natureza está do seu lado.

Dessa vez, encaminha a foto a Maria José, mas se arrepende em seguida. O sol quase se põe e Clóvis volta ao caminho.

Três meninas bronzeadas descem a ladeira e Clóvis as encara quando ouve o sotaque carioca.

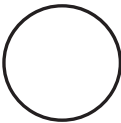
— Que horror — uma delas diz. — Vocês viram os olhos desse alemão?

Clóvis nem tem tempo para se ofender, a frase soa como o maior dos elogios. Um alemão de olhos temperados, pensa em Rocío outra vez.

Numa das curvas da subida, os últimos raios do dia encontram a sombra da única árvore que mantém suas folhas ali. Se aproxima e, não, só pode estar enganado.

Uma aroeira?

36.

 achado era mau presságio e, naquela noite, Clóvis teve o pesadelo de que seu bosque se transformava em uma mata de aroeiras que lhe rendiam coceiras intermináveis.

Acorda assustado com o som do telefone antes de o sol nascer.

Chamam com urgência e Clóvis teme que tenha algo a ver com a loja de departamentos.

A pele da barriga arde. Tira a camiseta do pijama e descobre recentes marcas avermelhadas de unhas.

Veste um jeans e uma camiseta branca e desce angustiado. Antes que todo o seu corpo apareça na escada, ouve:

— Essas são horas?

Desce mais dois degraus e, apesar do cabelo, reconhece Guido diante do recepcionista com o bigode de Dalí.

— De camiseta, o bonitão — Guido diz. — Acha que tá em Porto Alegre?

Os pulmões de Clóvis sentem o impacto de cada degrau.

— Em Porto Alegre eu estaria de jaqueta — Clóvis diz ao chegar no térreo. — E essa cabeleira?

Guido solta um estalido com os lábios. Viajou para a Turquia e voltou com cinco mil folículos capilares, ele vira a cabeça para o lado e estende a mão diante do rosto. Clóvis a encontra com a própria mão num movimento de raquete, gerando um estouro oco e estridente antes de os dois se puxarem em um abraço que dura três ou quatro tapinhas nas escápulas de Clóvis. Quanto tempo, não é mesmo?

— Anda, pega um casaco — Guido diz. — Vamos tomar café da manhã.

Clóvis abre os braços. Como ele o encontrou?

— Mas que cara de pau — Guido diz. — Vai, anda.

Clóvis precisa tomar um banho e Guido joga os olhos para cima. Clóvis volta para a escada. Se Guido tivesse avisado da visita, não precisaria esperar.

Era só o que faltava.

Clóvis sobe as escadas contrariado.

— Já aproveita e faz uma malinha — Guido diz lá de baixo. — Vamos passar uma semana no apartamento que aluguei.

Clóvis não responde e entra no quarto. Uma semana com Guido em Heidelberg não fazia parte de seus planos e, mesmo que não fique no apartamento alugado, será muito difícil escapar de sua companhia.

Já se conforma em adiar as observações da paisagem. Mas talvez neve nesse meio tempo, o que seria

bom. A viagem mal começou, não há com que se preocupar.

Toma um banho demorado e desce apenas com a roupa do corpo.

Encontra Guido no mesmo lugar, sentado em uma poltrona cor de vinho, as panturrilhas marcadas na calça de veludo marrom. Digita algo num celular idêntico ao seu.

— Já teve um *Frühstück* no castelo, prínceso?

37.

Guido já preparou tudo e Clóvis tem a sorte de ter um amigo quase nativo. Passarão a manhã no castelo e precisam fazer a visita guiada até a primeira hora da tarde.

Depois disso, Heidelberg morre.

Só volta a partir do dia 26, mas Clóvis não estava preparado para isso, não é verdade?

Tem mesmo é que agradecer a chegada de Guido, o salvador de seu Natal.

O cardápio da ceia já está decidido, Guido já verificou o modelo do fogão e as condições das louças do apartamento. Trouxe os ingredientes de Frankfurt e não tem por que Clóvis se preocupar.

O café é mais longo que o passeio pelo castelo, que dura pouco mais de uma hora. Guido adianta todas as informações que Clóvis gostaria de ouvir do guia e ele pensa em enviar um pedido de socorro a Maria José, que respondeu à fotografia de ontem com um *sehr schön*.

Aproveita uma ida ao banheiro para digitar uma mensagem explicando todo o clímax do dia anterior. Ela nem imagina: Clóvis quase foi preso por causa dela sem nem saber o que ela fará no Natal.

Escreve e apaga cinco versões da mesma mensa-

gem e, por fim, diz apenas que recebeu a visita de um amigo de Frankfurt. Não consegue nem se esconder no interior da Alemanha.

Algumas mensagens de um novo grupo do condomínio chamam sua atenção. Falam sobre a convenção e dona Sidete cobra a presença dos moradores, que é importante a eleição de um novo síndico, porque ela não aguenta mais. Clóvis ri sozinho, compadecido da ilusão de dona Sidete, que diz que é seu último ano como síndica desde que o condomínio existe.

Procura qualquer informação sobre o bosque nas mensagens e, como não encontra nada, silencia o grupo.

Retorna e a visita ao castelo termina poucos minutos depois. O café da manhã foi pesado e o jantar vai ser farto, por isso Guido sugere que eles aproveitem o resto do dia para visitar a cidade em jejum. Podem até ir à missa.

Clóvis ainda não visitou as igrejas desde que chegou e talvez seja uma boa ideia. Guido olha com a cara de quem está brincando e Clóvis diz que para essa o amigo não estava preparado.

Lembram de como era impossível fugir das missas de Natal, todos com suas velas dentro de um bico cortado de garrafa plástica na noite mais demorada do ano, em que recebiam os presentes só quando o sono já era tão interessante quanto o Papai Noel.

Caminham pelas ruas rosadas de Heidelberg e falam de Nova Petrópolis. Guido viaja para lá todos os anos, com mais frequência que Clóvis, que explica que depois da morte da mãe já não há muito o que fazer na cidade.

— Mas também não precisa esquecer dos amigos — Guido diz, entrando na igreja jesuítica barroca.

É branca por dentro como um hospital e Guido pergunta quanto deve custar para manter as paredes tão limpas. Clóvis analisa a nave, as pilastras adornadas em ouro, os lustres de velas acesas e diz que dinheiro não falta para manter a pintura.

Voltam para a rua e quase tudo já está fechado.

O celular de Clóvis vibra, mas é uma promoção de Natal.

Espera uma resposta mágica, a salvação vinda de Maria José, mas fecha as pálpebras e balança a cabeça em movimentos curtos quando se dá conta da expectativa besta.

Um senhor de coroa calva e cabelos castanhos, compridos até o ombro, toca acordes góticos em um órgão imenso atrás dos troncos de arenito vermelho dos pilares da *Heiliggeistkirche*.

Guido se senta em uma das cadeiras de estofado marinho, enfileiradas sobre o piso de pedra. Inclina-se, esticando as pernas. A capela inteira ressoa e Clóvis se alivia pelo cansaço do amigo. Fica em pé, ouvindo a música de olhos fechados.

O homem erra uma frase, mas logo retoma a melodia. Erra outra vez e bate as palmas das mãos sobre as teclas, num acorde desarmônico e irritado que faz Clóvis abrir os olhos.

Guido ri com o celular apontado para ele.

— Gente, olha essa figura — Guido diz para a câmera — dorme na igreja, mas não quer saber do *flat* que aluguei.

Clóvis desconversa e sugere que continuem a caminhada. O homem reinicia a música e Guido se levanta da cadeira como um soldado.

Caminham para fora e a música se alonga num sutil efeito *doppler*.

Na rua, não deve passar dos sete graus. Clóvis confirma no aplicativo que, no entanto, não mostra nenhuma previsão de neve. Também não há mensagens novas.

Uma senhora de bengala vê Clóvis guardando o aparelho no bolso e pergunta que horas são.

— *Halb vier* — ele responde e a mulher agradece, entrando na igreja.

Guido nem teve tempo de olhar o relógio. Desde quando Clóvis sabe falar alemão?

38.

Clóvis acorda no sofá do apartamento. O pescoço dói e ele não lembra de quando decidiu dormir na sala.

Guido está de bruços e nu no centro da cama da suíte e Clóvis aproveita para lavar as louças da ceia de *Rinderrouladen mit Spätzle*, que degustaram já bêbados pelas garrafas de vinho que Guido começou a abrir quando chegaram do passeio pela cidade.

Clóvis junta cinco garrafas vazias e passa a língua pelos lábios adstringentes, como se tivesse comido um caqui de liga.

Organiza toda a bagunça de que não lembrava e os objetos reavivam a memória recente.

Abre a cortina e a manhã de Natal não é muito diferente da manhã da véspera a não ser pela vista do castelo e de Heidelberg do outro lado do rio Neckar. O apartamento ficava alguns metros abaixo da subida do *Philosophenweg*. No parapeito, vê uma caixa de cigarros vazia e nota o cheiro do tabaco impregnado no bigode.

Ali mesmo contou toda a história do bosque depois da segunda garrafa. Deu uma cronologia con-

vincente e chegou até a justificar as suas escolhas de plantas como poucas vezes tinha feito. Falou do sangue alemão e citou alguma aula do velho Hermann sobre a colonização de Nova Petrópolis.

É muito cedo para Clóvis compreender o que foi sonho e o que realmente se passou na ceia, mas um casaco manchado de vinho sobre a uma poltrona o faz recordar de uma reação impensada a alguma resposta de Guido. O que poderia ter sido mesmo?

Se perdia pelas lembranças e era isso mesmo, o dia do labirinto.

Lembra bem agora e até se senta sobre a poltrona, com um copo de água para se concentrar melhor no que aconteceu.

Clóvis contou a versão completa, como sempre lembrou de ter acontecido: Guido aproveitou a entrada de Clóvis no labirinto para beijar Lúcia.

Guido jurou que isso nunca tinha acontecido, mas Clóvis repetiu trechos da história, contextualizou, disse para onde os três estavam indo quando decidiram entrar no labirinto. Guido não negava o contexto, não negava o dia, não negava que ralou o joelho. Negou, no entanto, que tenha beijado Lúcia.

Disse numa longa risada que nunca faria uma coisa dessas, que isso era impossível. Ele?

Clóvis se irritou. Queria dizer, então, que tinha inventado aquela memória?

Na hora, Clóvis abriu os braços num movimento brusco e derramou o vinho sobre o casaco de Guido, que não se importou.

Nesse ponto, já não sabe bem para onde a conversa caminhou, mas lembra que os dois se divertiam mais do que o previsto. Talvez já passasse da meia-noite quando falou da viagem com Hélien e levou pelo menos dois cigarros para contar a trama com Rocío Prada enquanto Guido segurava suas malícias num rosto plastificado por uma recente harmonização facial.

Em sua mente, cenas de gargalhadas surgem esparsas e Clóvis sente uma vergonha seguida de um refluxo quando lembra de Guido tê-lo gravado declamando a “Canção do Exílio”. Se ao menos pudesse apagar o vídeo, mas, a essa altura, já deve ser *persona non grata* em Nova Petrópolis.

Aliás, onde deixou o celular?

Procura nos bolsos, debaixo das roupas, no meio das almofadas e o encontra na pia do banheiro. A bateria está quase acabando e Clóvis tem mais de vinte notificações, todas de Maria José.

Ele abre a conversa e não lembra de nada daquilo: enviou áudios, uma fotografia junto com Guido e até uma chamada de vídeo encerrada. Na sequência, uma porção de mensagens apagadas e que ele não faz a menor ideia do que se trataram.

Logo abaixo, uma cascata de frases em caixa alta e de risadas de Maria José, perguntando se Clóvis estava melhor.

Na última mensagem, ela dizia que Guido tinha uma cara simpática e que ela não entendeu foi nada dessa história de aroeira. O que eles farão na virada?

39.

Clóvis sabia que o mato era perigoso. Seu pai descobriu que ele tinha construído uma casinha de madeira uns vinte metros para dentro de um lote virgem nos fundos da casa dos avós e, apesar de um contido orgulho pela engenhosidade precoce do filho, a construção rendeu uma bronca: o que ele queria no meio das árvores? Brincar de índio? E se encontrasse uma serpente ou cruzasse por uma aroeira e ficasse acamado como o tio Armínio que tinha se metido naquele mesmo mato uns dez anos atrás e depois mal conseguiu dormir por uma semana inteira, de tanta bolha de pus pelo corpo?

A casinha era um refúgio de dois metros de altura e um pouco mais larga do que uma cama de casal, erguida com a ajuda de alguns colegas que roubavam tábuas de uma construção abandonada na saída da escola e levavam ao terreno, onde montaram um esqueleto de madeira estável o suficiente. Fundaram um clubinho que funcionou durante duas semanas e foi abandonado pela maioria dos meninos, que achavam muito longe ir até o lugar nos fundos do quintal dos avós de Clóvis.

Mas Clóvis e Guido continuaram por mais alguns meses, até que um temporal derrubou a estru-

tura frágil e eles tiveram preguiça de construir a casa de novo.

O tio Armínio ainda morava por perto e, no dia seguinte à bronca, antes de encontrar Guido na casinha, Clóvis bateu na porta do tio e perguntou sobre o ocorrido com a aroeira. Armínio confirmou, tinha passado uma semana de horrores, o corpo todo ardia. Mas que Clóvis não se preocupasse: bastava passar longe. Clóvis sabia como era uma aroeira, verdade? Achava que sabia e, para se certificar, o tio foi com Clóvis até a entrada do mato e apontou para uma árvore a poucos metros de distância da casinha. Aquela era uma aroeira,

mas Clóvis já suspeitava.

Pronto. Sabendo disso, bastava que Clóvis se mantivesse distante e, caso esbarrasse na copa da árvore, só precisava cumprimentá-la ao contrário. Se fosse manhã, deveria dizer “boa tarde, dona aroeira”. Mas, pela tarde, diria “bom dia, dona aroeira”. Clóvis perguntou o que dizer de noite, mas noite era hora de guri novo estar em casa e não teria nenhuma aroeira por perto. Se precisasse, entretanto, podia usar “bom dia, dona aroeira” que estaria a salvo. O próprio tio garantiu que nunca mais tinha tido qualquer alergia mesmo cruzando por tantas aroeiras pelo mato.

Clóvis nunca tinha sentido qualquer coceira, mas caminhou medindo a distância para chegar na casinha sem perigo.

Estavam de férias da escola, mas Guido chegou só depois de sua aula de alemão. Encontrou Lúcia pelo caminho e, como ela tinha ganhado um tabuleiro de *War*, achou que pudessem jogar naquela tarde. Volta e meia, a avó de Clóvis aparecia com cuca e refrigerante e eles ficaram até quase escurecer.

Clóvis tinha feito algumas aulas de alemão naquele ano, mas não conseguia se concentrar. Achava muito difícil e se contrariava fácil com qualquer dificuldade, por isso começou a dizer que não queria, que odiava estudar alemão. Gostava de construir e passava a maior parte da aula criando estruturas com seus lápis de cor. A professora falou com seus pais e explicou que não podiam forçar a criança a fazer algo que ela não queria e Clóvis ouviu um longo discurso sobre responsabilidades e tradições, o que gerou uma culpa que só cresceu durante os anos, ao ponto de tornar o idioma um monstro insuperável.

— Bom dia é *guten Tag*, né? — Clóvis perguntou a Guido, que avançava sobre os territórios sul-americanos de Clóvis.

Guido disse que sim e Clóvis se satisfez com a resposta, antes de jogar os dados.

Lúcia venceu todas as partidas, apesar de Clóvis ter-se declarado vitorioso na última delas, apenas por ter conquistado a Europa, que nem era sua missão.

Ela sugeriu um sorvete e eles encaixotaram o jogo e saíram. Mas Clóvis ia se esquecendo: que os amigos

cuidassem para não chegar perto demais da aroeira. Contou a história do tio e que tinha descoberto um segredo, um antídoto aos efeitos da planta. Aproximou-se corajoso e pegou um galho da árvore, balançando como quem se apresenta:

— *Guten Tag frau* aroeira — ele disse.

Guido e Lúcia se olharam e Clóvis explicou que o segredo consistia em cumprimentar a árvore ao contrário. Guido arregalou os olhos azuis e disse:

— Então tu tinha que ter dito *guten Morgen*.

Lúcia começou a rir, escondendo a cabeça atrás da caixa rente ao peito. Clóvis tinha perguntado a Guido minutos antes e ele tinha confirmado que *guten Tag* era bom dia. Guido explicou que era verdade, mas que era uma situação mais genérica e valia durante todo o período diurno. A aroeira poderia não aceitar, afinal *guten Tag* não era o contrário de boa tarde, mas sim *guten Morgen*.

Clóvis quis avançar sobre Guido, mas Lúcia se intrometeu, mais alta e forte que os dois, apesar da mesma idade. Que ideia estúpida pegar um galho da aroeira que nem devia entender alemão.

— Fala em português — ela disse. — Talvez ainda dê tempo.

Clóvis chamou Guido de bocó e caminhou mais uma vez até a aroeira.

— Desculpa — ele disse, pegando o mesmo galho.

— Bom dia, dona aroeira.

40.

Uma mulher de bochechas vermelhas alcança um copo de cerveja com limão e sal.

— E deu certo, foi? — Maria José pergunta, aceitando o *drink*.

— Capaz! — Guido diz. — O Clóvis ficou dias com umas bolinhas vermelhas que pareciam pitangas no corpo todo.

Os últimos dias foram gelados como poucas vezes Clóvis experienciou. Mesmo assim, preferem a rua, em frente ao apartamento onde acabou dormindo quase todos os dias.

Guido achou ótimo que todos se reunissem ali. Preparou sozinho a ceia para cinco e resolveram esperar os fogos do lado de fora.

Outra mulher, risonha e de dentes apinhados, oferece um gomo de limão para Clóvis e ele hesita. Ela toma um gole direto da garrafa dourada e espreme o limão em seus incisivos. Chama-se Verena e carrega um pires com sal e limões cortados. Oferece mais um a Clóvis, mas ele nega.

— E até hoje o Clóvis me culpa — Guido aponta para os limões de Verena, que dá alguns pulinhos em sua direção.

Clóvis bebe um gole da *Michelada* mexicana e sabe que aquilo tudo não vai prestar. E não tem razão em culpar Guido?

O celular avisa que faltam dez minutos para a virada e uma geada grossa cobre o para-brisas do carro de Guido, estacionado na rua.

Verena passa pela mulher de bochechas vermelhas e dá um beijinho estalado em seus lábios. É Anja, que tinha voltado de um semestre na Cidade do México e quase entende as conversas em português. Olha de relance para Clóvis e comenta algo em alemão com Verena, que sorri.

Parece custoso e pouco natural manter uma conversa em inglês e, portanto, variam do português ao alemão, a depender do assunto e do efeito.

Clóvis tenta, de alguma forma, sustentar o monopólio do idioma. Já sabe conjugar alguns verbos, se complica bastante com os *trennbare*, mas o alemão não é mais um monstro tão grande. De qualquer maneira, se a conversa permanece em alemão durante alguns minutos, ele se cala e o desconforto é evidente.

Às vezes, Maria José diz para falarem em português. Clóvis se sente intimamente humilhado, mas prefere isso à incompreensão.

Anja e Verena, no entanto, não se incomodam e aproveitam para se beijar durante longos períodos ou simplesmente se afastam alguns metros e conversam num alemão sussurrado e quase inverossímil.

Maria José está interessada em Guido e disso Clóvis não tem dúvidas. Não param de conversar desde que ela chegou no apartamento para a ceia, tendo diálogos completos em alemão e que fazem as orelhas de Clóvis arderem.

Em alguns momentos, Clóvis tenta formular frases mais complexas e, em troca, recebe olhares compadecidos que alimentam uma pressão interna. Clóvis sabe que vai explodir cedo ou tarde.

Em compensação, Maria José não cansa de elogiar o alemão de Guido, as roupas de Guido, o implante capilar de Guido. Quer saber por que ele largou o trabalho de jornalista e ele responde que falava tão bem alemão que jornalismo era um desperdício de dinheiro.

Um carro esportivo passa com som eletrônico alto. Um rapaz de cabelos raspados põe meio corpo para fora da janela, segurando uma caneca de cerveja. Grita alguma coisa para o grupo e Verena perde o sorriso, pulando para a rua e respondendo num alemão raivoso. Anja precisa acalmá-la e, já longe, o carro acelera.

Verena volta alguns passos, beija a testa de Maria José e cochicha algo. Maria José dá abanadas curtas com as mãos, se mostrando tranquila, dizendo que está tudo bem, mas Clóvis não entende o motivo daquela preocupação. O que o rapaz disse?

Guido espreme os lábios e baixa a cabeça.

Anja levanta o celular. Vai começar a contagem.

Maria José sorri para Clóvis. Ele sabe todo o alemão que precisa numa hora dessas.

— *Zehn* — ele grita. Verena levanta a garrafa de tequila.

— *Neun, acht, sieben* — todos gritam juntos e o peito de Clóvis ferve.

— *Sechs, fünf* — Maria José sorri, levantando os ombros.

— *Vier, drei* — Guido penteia os cabelos.

— *Zwei* — os olhos de Clóvis lacrimejam.

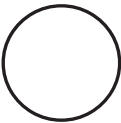
— *Eins* — Guido e Maria José se aproximam e formam um triângulo com Clóvis.

— *Frohes neues Jahre* — ele é o primeiro a gritar e os fogos surgem sobre o castelo, iluminando as gargalhadas de todos.

— *Jahr, mein Schatz* — Maria José corrige, puxando Clóvis num abraço. No retorno, seus rostos quase se colam. Ela diz:

— *Frohes neues Jahr, Clóvis.*

41.

 carro esportivo passa mais uma vez pela frente do apartamento e Guido sugere que entrem.

Verena e Anja abrem uma segunda garrafa de tequila e Clóvis é obrigado a tomar pelo menos uma dose.

A caminho da cozinha, Guido pergunta se ele prefere vinho, mas ele acha que ano-novo combina mesmo com cerveja.

Guido entrega uma *long neck* verde. É só pegar na geladeira.

Anja pede permissão para colocar música e todos ouvem quase uma hora de rancheiras mexicanas.

Maria José e Guido seguem uma conversa intermitente, como se fossem eles a sustentar aquele encontro todo, dando atenção a Clóvis ou a Verena e Anja apenas quando convém.

Maria José abraça Clóvis e o puxa para dançar, girando ao som árido das músicas de Anja. Mas Clóvis se desvencilha, está achando abafado demais e precisa tomar algum ar.

Pergunta a Guido se sobram cigarros do Natal e ele tira do bolso interno do casaco uma espécie de carteira de couro quadrada. Puxa uma alça e a cartei-

ra abre num som abotoado, revelando meia dúzia de baseados gordos. Como se Clóvis o repreendesse, Guido diz:

— Vai dizer que não gosta de mato, bonito? — ele pega um deles e o levanta sobre a cabeça, oferecendo às convidadas.

Verena dá uma tragada e sai tossindo. Clóvis agradece, mas não aceita. Guido fuma de lado para a janela e de frente para Clóvis. Maria José o surpreende pelas costas e rouba o baseado. Dá uma tragada profunda e mira a fumaça sobre Heidelberg, que já assume uma névoa rala e frígida.

Ela passa o baseado para Clóvis, que faz que não com o indicador erguido.

— Só hoje, vai — ela insiste, aproximando a brasa do rosto dele.

Está bem com a cerveja e Maria José dá uma nova tragada. É ano-novo, tem que comemorar.

Em vez disso, Clóvis vira de uma vez todo o conteúdo de sua garrafa e vai para o banheiro. Analisa as entradas na testa e reforça a marcação com um pente, da esquerda para a direita.

Anja grita de felicidade na sala e Clóvis pega o celular para desejar feliz ano-novo a Rocío, mas se depara com uma fotografia de Hélien no meio do seu pórtico de plátanos, as folhas amarelas como só em junho e uma mensagem de renovação.

Clóvis só consegue rir e, quando volta para a sala, Guido e Maria José estão na mesma posição e ele explica o procedimento de harmonização facial.

Da rua, os mesmos rapazes passam mais uma vez de carro, pulsando a rotação do motor que segue numa inércia lenta.

Guido fecha a janela e Maria José quer tequila. Clóvis quer cerveja e ela o convida para irem à cozinha resolver tudo de uma vez.

— Tipo um duelo? — ele pergunta.

— Melhor que isso.

Ela pega a garrafa de tequila sobre a mesa e aproveita o sumiço de Guido. O amigo de Clóvis é uma figura. Ele a escuta falar de Guido enquanto procura uma cerveja na geladeira. Guido contou várias coisas a Maria José.

— Falou que eu sempre fui teimoso?

— Que história! — ela diz. — Falou foi superbem de você.

É mesmo? O rosto de Clóvis não controla um sorriso e ele pede um *shot* da tequila, sem limão mesmo. A bebida parece se esparramar por toda a garganta e Clóvis revira os olhos debaixo das pálpebras.

— E tu acreditou?

Maria José põe a mão sobre a boca. Agora sim parece um duelo.

O que Clóvis percebe é que Guido está bastante interessado em Maria José. Ela ajeita o cabelo, num pastiche.

— Até parece — ela ri, dando um tapa no peito de Clóvis.

O coração de Clóvis chacoalha com o impacto e o pulmão se enche de agulhas. Não consegue falar o que deseja. Maria José olha para ele, percorre seu rosto, seu tronco. Ele, no entanto, bebe um gole da cerveja e já aceita que tudo se repete, e o centro do labirinto não é mais do que uma ilusão, uma entrada falsa. Não é preciso falar que Maria José apenas espera que Guido retorne e que chegue a vez de Clóvis partir com as mesmas expectativas natimortas.

Verena e Anja querem se despedir e chamam por Guido, que sai revitalizado do quarto, os olhos como num espanto animado.

Ele diz que vai acompanhá-las até a rua e os três saem.

Maria José e Clóvis vão para a janela e acompanham Guido abraçando e girando Anja pela névoa, como se a conhecesse de anos. Maria José se diverte com a cena, abre a janela e grita em alemão.

Clóvis suspira. Está atrapalhando, não é mesmo?

— Que bobagem — ela diz, buscando o olho castanho de Clóvis, que se distanciava. — Por que você tá me olhando assim de lado? Aconteceu alguma coisa?

Clóvis garante que não é nada. Só acha que deve ir, porque parece que Guido e Maria José querem ficar a sós.

Ela arregaça a boca, num berro que fez Verena virar para trás. Clóvis bebeu demais, é?

Não faz sentido insinuar uma coisa destas.

Na rua, um carro se aproxima com velocidade e freia ao aparecer diante do apartamento. O mesmo rapaz musculoso de antes estoura um espumante e a rolha quase acerta os olhos de Guido, que esbraveja com ele. O carro para.

Um homem troncudo sai da porta de trás do carro e Clóvis o reconhece.

— É o segurança — ele diz.

Maria José pergunta o que isso quer dizer, mas Clóvis corre para a saída. Quando alcança a rua, o homem está quase por cima de Guido, que mantém uma elegância arrogante, o que parece irritar ainda mais o homem. Ele cerra os punhos e emenda frases grosseiras, algumas das quais até mesmo Clóvis pode entender.

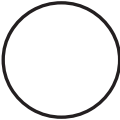
Aproxima-se mais e o homem o enxerga. A reação imediata de Clóvis é sacar o celular. Aponta a câmera para a cena e não resta dúvidas do que ocorre: o homem de feições claras, que grita em inglês para que todos voltassem para seus países de merda, antes de dar um soco no nariz de Guido e voltar a passos lentos para o carro e desaparecer dali.

Clóvis guarda o celular e corre para acudir Guido, que estanca o sangramento do nariz com o cachecol de Anja. Ele está bem?

Guido se senta na calçada. Clóvis podia ter ajudado em vez de ficar filmando. Tira o cachecol do rosto, o sangramento já não era forte. Vira o rosto para Clóvis e dá um sorriso doloroso, mostrando o dedo do meio. O nariz parece uma vírgula ensanguentada.

— Tá tudo bem — ele diz. — Nada que uma plástica não resolva.

42.

s pingos congelam ao tocar na claraboia sobre a cabeça de Clóvis. O vidro acompanha a inclinação das águas pontiagudas do telhado, e os grãos da chuva congelante rolam como bolitas para a base da guarnição, acumulando alguns centímetros antes de se soltarem como pequenas avalanches sobre as telhas.

É o dia mais frio desde que Guido voltou a Frankfurt com o nariz quebrado, fazendo piada com o fato de mudar de aparência a cada viagem.

Da janela da pousada, Clóvis pode ver a neve acumulando pela primeira vez sobre os carros.

Toma um banho alegre: é dia de aula de alemão e, mais tarde, encontrará Maria José em seu apartamento, na cidade nova.

Dormiram juntos no ano-novo, enquanto Guido se entorpecia com um coquetel de analgésicos e anti-inflamatórios. Não a encontra desde então e foi ela quem mandou uma mensagem, chamando para jantar. Mas sem tequila desta vez.

Os dois flertam a aula inteira e transam pelo resto da tarde, até a hora do jantar.

Ela comprou ingredientes para uma janta típica alagoana. Clóvis sabe o que é charque?

— Mas é claro, tchê — ele força o sotaque e dá alguns dados pouco confiáveis sobre a Revolução Farroupilha.

Maria José fala de Calabar e dos holandeses e prepara o cuscuz e transam de novo no meio de um faroeste dublado em alemão.

Da janela de Maria José, enxerga construções retangulares e não há sinal do castelo.

Ela se aconchega em seu peito e, na rua, a neve é forte como ele nunca viu.

Ele enfia o rosto nos cabelos de Maria José, armados como um ninho, e dorme.

43.

 uase não havia sinal da neve no dia seguinte e, uma semana depois, os termômetros fazem Clóvis definir o período como um veranico.

Na verdade, as máximas não passam de quinze graus e, apesar da ocorrência atípica, as temperaturas jamais justificariam a mesma conclusão de Clóvis. Estivesse em Porto Alegre, as mesmas temperaturas que lotam Heidelberg de pessoas ao ar livre e em canoas no Neckar, seriam opostamente atípicas: um período de frio acima da média.

Clóvis aproveita o sol para pegar o trem para Weinhelm. Vai finalmente visitar o *Hermannshof*, embora acredite que o jardim não o ajudará muito com a manutenção do bosque. Não cometeria uma desfeita dessas com Rocío Prada, que recomendou o lugar com tanta dedicação e se alegrou em saber que Clóvis visitaria o jardim apesar do inverno. Até disse, na tarde passada, que comentaria de sua visita com Winfried, um dos diretores.

Para algo a visita deverá servir, ele conclui, nem que seja para virar assunto de uma futura conversa com Rocío.

Um batimento parece falhar e Clóvis sente a angústia comum das horas que antecedem uma tempes-

tade, mas que agora se torna um remorso deslocado. Do lado de fora, o sol repele as nuvens.

Pensa em Maria José e precisa contrair os dedos dos pés até que as pontadas de sangue façam superar a aflição.

Da estação de Weinheim, ele caminha dez minutos até o jardim, por ruas menos preservadas, mas, de alguma maneira, mais naturais do que a cidade velha em Heidelberg. Há tanto musgo na calçada de uma praça que Clóvis precisa se apoiar em um muro, para não escorregar no concreto liso de orvalho.

Caminha até encontrar um estacionamento num muro de cal desbotada como nas demarcações de um cemitério. Ao lado, no entanto, uma pequena entrada dá acesso ao jardim de quase três hectares.

Fosse primavera, talvez preferisse tomar o caminho das glicínias numa bifurcação logo na entrada. Mas pega a trilha de plantas rasteiras que costeiam algumas casas, onde imagina que possa conseguir algum tipo de informação turística.

Quase não havia visitantes e o próprio Winfried recebeu Clóvis, que foi reconhecido pela descrição de Rocío. É uma grande amiga e Winfried elogia a percepção artística da professora de Clóvis, principalmente o projeto da própria casa, que chegou a visitar em uma oportunidade em que viajou a Porto Alegre anos atrás. Ainda lembra da valsa das texturas na entrada.

Winfried caminha com Clóvis pelo jardim, onde as vastas áreas de gramíneas e plantas rasteiras são o foco. Existem por ali mais de três mil espécies dessas plantinhas, o homem explica em inglês contido, diante de algumas *graziellas*.

Ele fala sobre o *New Perennial Movement* e da importância de uma paisagem em simbiose com a natureza. Percorre com Clóvis uma transição de habitats naturalistas onde, por vezes, Clóvis tinha a impressão de estar em algum ponto do próprio jardim de Rocío Prada.

Winfried leva Clóvis até plátanos de troncos largos como nunca viu antes. O homem fala de como gosta de passear pelo jardim em dias de inverno, quando há uma decadência em tudo. Clóvis concorda, impressionado com as proporções de um dos plátanos e Winfried afirma que a planta tem mais de duzentos anos de idade.

Mais longe, sequoias gigantes assomam como torres e Clóvis recorda de um passeio da escola em que as crianças davam as mãos para abraçar a Araucária Multissecular em Nova Petrópolis.

Uma pradaria seca se alarga por vários metros. Winfried pergunta dos pampas, mas Clóvis aproveita para falar de seu bosque. Fala das preocupações com o clima e diz que se baseia principalmente pelas zonas de robustez e afirma que todo ano enfrenta temperaturas abaixo de zero.

— Até alguns anos atrás, pelo menos — complementa.

Winfried sorri com as bochechas e os lábios se tornam mais estreitos do que já são. Ele mesmo utiliza os padrões USDA, mas não os acha confiáveis no caso de Clóvis, que vive em uma zona climática confusa e influenciada por sistemas desconsiderados no modelo, que leva em conta apenas as temperaturas mínimas extremas.

No *Hermannshof* é importante, por exemplo, saber da resistência ao frio e que seus ásteres não sofrerão com geadas severas ou com a neve, o que é algo raro nessa parte da Alemanha. E este ano o inverno não parece ter chegado.

Para Clóvis, no entanto, o problema é inverso: ele precisa que as plantas tenham frio suficiente para entrar em dormência e, por isso, deveria considerar outros fatores, como a vernalização e a propensão a tempestades de um clima subtropical úmido, e que, na verdade, tivesse cuidado com a classificação de Köppen-Geiger, dando preferência ao sistema Trewartha.

O mais importante, no entanto, é conhecer o microclima e as plantas que já se provaram adaptáveis. Se os lariços não sobrevivem, é um bom indicador de que Clóvis deve investir em outras espécies.

— Os lariços são difíceis mesmo aqui — ele diz. — Ainda mais difíceis num lugar mais quente.

Clóvis se satisfaz com a resposta e, quando passa por um liquidâmbar, minutos depois, decide abandonar de vez as tentativas com os lariços.

Winfried garante que, com algumas adaptações, o bosque de Clóvis não deverá ter mais problemas, se o clima ajudar. Mas talvez tenha que desistir de alguns bordos e das bétulas, a não ser que sejam *carpinus*.

Acha curiosa a ideia de Clóvis, já que nem mesmo ele saberia por onde começar um bosque alemão em um lugar com clima diferente. Sente falta de flores e tílias, mas Clóvis explica que o seu protagonista é o outono.

Então Clóvis quer um bosque de outono e não um bosque alemão.

Clóvis ouve um tanto contrariado, e Winfried conta que conheceu o Brasil por causa de Burle Marx, que se encantou pela flora brasileira depois de ter viajado para a Alemanha.

— Para tratar um problema nos olhos — ele diz. Por um instante, Clóvis pensa que o homem fala de sua heterocromia.

Burle Marx se deparou com nenúfares brasileiros numa estufa em Dahlem e os incorporou às composições. Da mesma forma, Winfried conhece paisagistas americanos que só começaram a usar os painços nativos do seu país depois de vê-los ali no *Hermannshof*.

— Talvez um bosque alemão pareça mais atraente no Brasil — ele diz mostrando os dentes muito pequenos e amarelos.

Clóvis nunca tinha pensado nisso, mas acha que faz sentido. Eles caminham por quase uma hora e Winfried precisa voltar ao viveiro.

Clóvis decide caminhar por mais alguns minutos e Winfried diz para ele ficar à vontade, mas que o procure antes de voltar para Heidelberg.

O conceito do jardim é evidente e a proposta ali é oposta à do bosque de Clóvis, onde as árvores são as protagonistas e as gramíneas cumprem um papel de enfeite ou de esconderijo.

Uma magnólia nua e solitária ocupa o centro de um extenso campo oval, ao redor do qual se conectam os diferentes habitats. Clóvis a fotografa e envia a Rocío, que pergunta sobre as sálvias e sobre Winfried.

As sálvias seguem fortes e Winfried arrancou as últimas esperanças de Clóvis com os lariços. Rocío sente muito pela decepção, mas lembra que Clóvis tem várias alternativas, basta largar a teimosia. E que não deixe de caminhar à sombra dos cedros.

Ele percorre o jardim por mais uma hora e ficaria mais tempo se não estivesse faminto. Ao longe, o meio-dia cheirava a *curry* e Clóvis não demora muito para encontrar Winfried que se aproxima mais uma vez, os olhos estreitos e cinzas e as bochechas felizes desde que

avistou Clóvis. Tem um pacote com sementes: são para Rocío Prada.

— Ela está esperando há anos — ele diz —, mas não conte nada antes de entregar a ela.

Clóvis agradece e Winfried diz que espera mais uma visita antes de voltar ao Brasil, pois em março as flores já mudam o cenário.

Se despedem e Clóvis procura no celular onde pode comer *Currywurst* em Weinheim.

Deveria ter perguntado a Winfried que sementes são aquelas. O pacote é opaco e ele tenta descobrir algo pelo tato, mas só identifica minúsculos caroços.

Bom, não será sacrifício fazer surpresa a Rocío Prada.

44.

Uma semana mais tarde, Clóvis tem o dia mais frio de sua vida. Já presenciou temperaturas mais baixas, mas nunca uma tarde em que os termômetros não superassem um grau negativo.

A tarde é tão feliz que ele pensa, pela primeira vez, em ficar ainda mais tempo em Heidelberg. Não fosse o bosque, até cogitaria viver ali por alguns anos.

Passa cada vez mais tempo no apartamento de Maria José. Como não sabe se terá coragem de pôr um fim, parece mais fácil ficar. Repete, sem se dar conta, o padrão de toda a sua existência: na negação de aceitar as contingências e se adaptar, Clóvis acha mais sensato mudar a própria natureza.

Tem usado as tardes curtas das últimas semanas para fazer pequenas expedições pelas áreas de flora nativa, percorrendo caminhos mais isolados dos dois lados do vale do Neckar, tentando identificar padrões na vegetação, e criando uma lista de checagem e de espécies desconhecidas. O trabalho servirá caso mais árvores morram no verão de Porto Alegre, em que Clóvis só pode contar com a boa vontade de dona Sidete e de seu Geraldo, que não dão notícias sobre as plantas há alguns dias.

Nesta tarde gelada, sobe outra vez ao jardim do castelo, onde vê os telhados vermelhos das casas da cidade se tornando rosados e finalmente brancos pela neve.

Caminha costeando a arcada do terraço e, do para-rapeito, quase alcança a neve sobre o ápice de um álamo na encosta, logo adiante.

Clóvis dá meia-volta e uma pontada gelada rebenta no estômago quando enxerga, por um segundo, Guido e Maria José a metros de distância. Mas o casal se aproxima, transfigurado, e o homem pede se Clóvis pode tirar uma foto.

Após uma breve demora confusa, ele aceita e começa a posicionar o casal, o castelo ao fundo. Caminha de um lado a outro até encontrar a melhor luz para dar a impressão de mais neve. Se afasta e pede para eles andarem dois passos à esquerda. O enquadramento é arquitetônico e os dois são objetos ornamentais no grande cartão postal. É a melhor foto que Clóvis tirou em Heidelberg.

O casal agradece e o rapaz, que de fato lembra um Guido sem plásticas, diz wow, impressionado.

Ele os vê dar meia-volta, caminhando em zigue-zague, a atenção no celular.

Clóvis, no entanto, avança entre alguns teixos de quase vinte metros de altura e o bosque se torna cada vez mais imponente, as coníferas esbranquiçadas no alto.

Carrega o livro que ganhou de Rocío, mas o inverno dificulta a identificação das árvores apenas pelas estruturas dos galhos, embora possa reconhecer a maioria das coníferas. Para sua surpresa, descobriu que elas são as únicas árvores do projeto original, visto que as caducas só foram introduzidas recentemente. Para identificá-las, Clóvis recorre aos tapetes de folhas secas sob as copas vazias e apenas confirma as especulações de que suas faias e olmos estão por toda a parte ali no jardim do castelo.

Costeia pelo lado Norte no *Scheffelterrasse*, e entra à direita no jardim, no acesso ao *Hortus Palatinus*: ruínas barrocas do que chegou a ser considerado a oitava maravilha do mundo, o maior jardim renascentista da Alemanha. Obra inacabada do Rei de Inverno, que se mudou para Praga no meio da obra, que foi suspensa e arruinada na posterior Guerra dos Trinta Anos.

Do lado direito há um gramado rente sobre o qual os passos de Clóvis deixam pegadas suaves e, num caminho arqueado à esquerda, os flocos cobrem a testa bulbosa de um busto de Goethe, sobre um bloco de arenito vermelho, onde Clóvis fica por alguns minutos, tentando compreender a frase:

AUF DER TERRASSE
HOCH GEWÖLBTEM BOGEN
WAR EINE ZEIT SEIN
KOMMEN UND SEIN GEHN

Se rende e tira uma foto da inscrição. Perguntará o significado a Maria José mais tarde.

Envia uma mensagem a ela, dizendo que a neve despertou o desejo nostálgico de um jantar simples e tipicamente alemão: ela tem pão e chimia em casa?

Segue pela esquerda, onde plantas mais jovens disputam o sol sempre oblíquo do quadrante norte. Entre os galhos secos e troncos finos, uma raiz se espalha quase como uma tampa, de onde um conjunto de brotos ladrões estruturam uma planta inconfundível: um umbu de menos de cinco metros de altura, sem nenhuma folha nos ramos grosseiros de consistência leguminosa.

Envia uma foto a Rocío Prada. Ela reconhece a planta?

Veio que encontre a pátria, ela responde.

Clóvis acha graça. A neblina ganha volume e está tão fria que quase congela seus cílios. A noite começa a cair e Clóvis decide retornar. O celular vibra no bolso do sobretudo. Maria José não faz ideia do que seja chimia, mas podem se encontrar depois das seis.

Clóvis passa por um portal, uma espécie de arco do triunfo, os pilares esculpidos como troncos agarrados por heras.

Em meia hora, está na pousada. Toma banho e dorme por mais meia hora, de cabelos ainda molhados e a pele em chamas pela ducha quente.

Chega ao apartamento de Maria José às seis e quinze. Um vapor de maçã perfuma a entrada e Maria José o recebe com uma xícara quente, a pele brilhosa e despreocupada do rosto dela, que assiste ao noticiário em que só se fala de um novo vírus na China.

Ela desliga a televisão e aponta para a mesinha central de vidro, sobre a qual uma cestinha de pães frescos acompanha alguns vidros arredondados. Não encontrou a tal da chimia, mas providenciou compotas de abóbora e *marmelade*.

Clóvis se senta. Chimia é mais ou menos isso. Rasga um *brötchen* pelo meio e espalha a compota com uma faca arredondada.

Conta que passou a tarde no jardim e ela esfrega as mãos. A tarde estava insuportável, não era mesmo?

— Pelo contrário — ele diz. — Estava linda.

É claro que preferia a companhia dela e inclusive imaginou que poderia fazer algumas fotos suas pelo castelo, na próxima nevasca. Tirou uma foto maravilhosa de um casal. Gostaria de mostrar, mas a foto ficou no celular do homem, que parecia Guido.

— Por um momento, achei que fossem vocês dois — ele diz.

Ela come um pedaço de pão com geleia de amoras.

— Deve ter sido um casal bonito que só — ela mastiga mostrando os dentes, as migalhas intronetidas na gengiva. — E Guido, que me mandou uma

selfie com o nariz novo — ela continua. — Você não viu, não?

Mais uma vez, o estômago de Clóvis o perfura de dentro para fora. Seu rosto é pura agonia e Maria José pergunta se ele está bem. Não sabia que ela e Guido continuavam conversando.

— E não posso, não?

Clóvis se enrola e tenta explicar que não era isso o que ele queria dizer, mas recebe uma bronca curta e objetiva, como se voltasse a ser um pré-adolescente diante de uma professora exausta. Guido é melhor pessoa do que Clóvis pinta. Por que o trata como se fosse um babaca?

Porque está claro para Clóvis que Guido sempre quis se mostrar superior, ela não lembra da história da aroeira? E a vez do labirinto?

— Vocês eram crianças — ela diz irritada — e ele me disse que não foi bem assim não.

Pronto. Agora Maria José confia mais em Guido do que em Clóvis. No fundo ela queria ter ficado com ele, mas se contentou com Clóvis.

— Meu Deus! — ela agarra duas mechas de cabelos, indignada. — Você acha que eu escolho pessoas como se fossem plantas?

Clóvis paralisa, arrependido. Tenta dizer que sente muito, se exaltou e disse o que não devia.

— Eu gosto muito de você — ela diz — mas não estou disposta não, sabe?

Ele tenta pegar a mão esquerda de Maria José ao lado da xícara, mas ela se levanta.

— Acho que prefiro ficar sozinha — ela diz.

Os olhos de Clóvis ardem. Ele quer abraçá-la, mas ela se afasta, impedindo com as mãos. É melhor eles se falarem outra hora e, por favor, que não tente resolver no meio da aula de alemão.

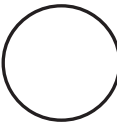
Ele diz que não pode sair assim, que pelo menos ela precisa ouvir suas desculpas e ela diz que está tudo bem, só precisa de uma folga. Caminha até a porta e pede que Clóvis a deixe. Amanhã conversam, ela já disse.

Clóvis recolhe o sobretudo e desce a pé os degraus até a calçada. No caminho, lembra da inscrição no busto de Goethe e pensa em enviar uma mensagem carinhosa, perguntando o que está escrito. Mas desiste, se contentando com uma tradução online: “Da alta arcada do terraço, houve um tempo de chegar e de partir”.

Guarda o celular e caminha para a cidade velha. No horizonte, cada vez mais delimitado, o castelo em luzes quentes. Ali embaixo, no entanto, nas profundezas do vale de Neckar, Clóvis caminha solitário para a pousada.

A neve é mais fria em meio à chuva. A noite é gelada.

45.

 clima volta a esquentar nos dias seguintes e Heidelberg se esvazia aos poucos, após os primeiros casos de Covid-19 na Alemanha. Mas a relação com Maria José está amena, apesar dos dias de mal-entendidos por conta dos ciúmes de Clóvis.

Combinaram, desde então, de se encontrar apenas nos finais de semana, a não ser para as aulas de alemão, que acabariam no final de fevereiro.

No segundo sábado do mês, no entanto, Maria José está arisca, como se Clóvis tivesse feito algo grave.

É incapaz de extrair qualquer informação e Maria José garante que Clóvis não pode ajudar.

Faz de tudo para tentar animá-la, até um carreteiro para o jantar. Maria José mal toca na comida, uma forte dor de cabeça a obriga a ir para a cama. Clóvis a acompanha, massageia seus cabelos enquanto ela tenta dormir em meio ao reboliço no estômago. Vomita o pouco de carreteiro que comeu e Clóvis se sente culpado pela janta pouco apetitosa.

Pede desculpas que irritam Maria José. Que Clóvis pare de achar que tudo tem a ver com ele.

Ela dorme, apesar de levantar-se algumas vezes com ânsia.

Na manhã seguinte, os jornais informam de uma crescente nos casos do vírus na Alemanha. Maria José só piorou e ele insiste em acompanhá-la ao hospital, mas ela prefere ir sozinha.

Ele aguarda no apartamento e ela volta horas mais tarde, dizendo que o teste demoraria ainda alguns dias para sair. Mas foi aconselhada a se isolar e pede que Clóvis entenda, também é para a segurança dele.

Ele esbraveja, não vê motivos para tanto medo de um vírus comum, que nem sequer causou mortes na Alemanha.

Ela pede por favor e ele aceita a contragosto, retornando à pousada na condição de que ela avise do estado de saúde nos dias seguintes.

Recebe uma mensagem dela pela manhã, dizendo que está melhor dos vômitos e já não sente dores de cabeça. No entanto, as aulas de alemão foram adiadas por quinze dias e agora o conteúdo deve seguir até o início de março.

Clóvis não vê problemas nesse sentido, contanto que Maria José esteja recuperada. Ela pede para ele não se preocupar e, dois dias depois, avisa que o teste deu negativo.

As aulas permanecem suspensas e Clóvis tenta mais de uma vez ir ao apartamento, mas não a encontra. Ela também não responde as mensagens e ele estranha.

Uma semana depois, recebe uma mensagem dela, dizendo que precisou viajar a Munique com urgência, mas que Clóvis não se preocupasse.

Ele exige explicações e ela ignora suas investidas. As ruas estão mais vazias do que nunca e Clóvis não consegue aproveitar a calmaria para nada. Poderia usar estes dias para visitar a Floresta Negra, mas a preocupação é tanta que decide permanecer em Heidelberg até ter notícias mais confiáveis de Maria José.

Sai irritado para suas expedições e quase não suporta mais o rapaz com bigode de Dalí repetindo *guten Morgen* como um boneco de pilhas. Sobe o *Königstuhl* e num dos dias até chega a ir mais longe na *Odenwald*, onde se arrisca fora das trilhas, a cabeça afastada da floresta cinza ou de qualquer estudo botânico.

Tenta, em vão, telefonar algumas vezes e, uma semana depois, ela finalmente atende e explica, numa ligação de dois minutos, que está passando por um momento difícil e que não deve falar com Clóvis.

Descobre, porém, que ela continua em Munique e está bem, mas é só isso que ela pode contar no momento. Teria que passar mais um tempo na cidade e só voltaria no final do mês.

Clóvis, que até o momento se mostrava preocupado, começa a atacá-la. Maria José é irresponsável por viajar doente no meio de uma epidemia. Não acha in-

coerente abandonar as aulas, preocupar tantas pessoas para viajar pela Alemanha?

O celular treme na orelha e ele não sabe se pode confiar em Maria José. Ela pede para ele se acalmar, mas ele persiste.

— Sabe o que eu acho — ele diz — que tu aproveitou a primeira oportunidade para encontrar outra pessoa.

Ela parece chorar no telefone, dizendo para Clóvis prestar atenção no absurdo que está dizendo. O que ele quer que ela responda?

— Eu não tenho que dar satisfação de nada — ela diz. — De nada, você entendeu?

Ela desliga antes que Clóvis chegue a se arrepender.

Horas mais tarde, ele envia uma longa mensagem de arrependimento, pedindo novas desculpas, mas que, por favor, ela explique os motivos de uma viagem às pressas. Ele não consegue trabalhar, com medo de receber uma notícia ruim.

Maria José não tem nada para esconder. Por que Clóvis não aproveita o último mês para visitar a cidade ou até mesmo pegar um trem e viajar. Vai perder seu tempo com uma relação que acabará em março?

Clóvis se estilhaça. Passa o dia ardendo no quarto e resolve explicar a situação para Rocío, que sugere que ele aproveite os dias amenos para viajar de bicicleta.

Planeja em uma noite todo o roteiro de três dias até Pforzheim, no extremo norte da Floresta Negra. Reserva pousadas em Bruchsal e Bretten, no meio do caminho. Todo o trajeto de ida tem pouco mais de setenta quilômetros e Clóvis não passará mais de duas horas pedalando a cada dia, o que se sente capaz mesmo no inverno.

Assiste a alguns vídeos sobre ciclismo em temporadas frias e, na manhã seguinte, compra um par de trajes leves e resistentes, incluindo segunda pele, calças, jaquetas térmicas e corta vento, balaclava, luvas, óculos e capacete.

Na recepção, avisa que se ausentará por uma semana. Arruma sua bagagem e deixa num guarda-volumes da entrada.

Aluga uma *mountain bike* por uma semana e sai em seguida, antes do meio-dia. Tem um caminho de quase quarenta quilômetros até Bruchsal e pretende parar apenas para comer em algum lugar no meio do caminho.

Cruza os quilômetros de prados secos entrecortados por breves trechos florestais e faz uma pausa em Bad Schönborn, onde envia uma foto a Maria José. Mas apenas aproveita para descansar as pernas e tomar um pouco de água e acha melhor continuar o caminho até Bruchsal antes que o corpo esfrie completamente.

Por vezes, algumas trilhas sem pavimentação exigem mais esforço de Clóvis, mas o relevo pouco acidentado não oferece grandes desafios e ele chega na cidade antes de escurecer, o que, a essa altura de fevereiro, já acontece depois das cinco. Se hospeda em um hotel no centro e aproveita o resto do dia para caminhar pela cidade.

Envia mais uma foto a Maria José e ela responde com uma figura batendo palmas. Antes das nove da noite, está exausto e volta para o hotel, onde dorme e acorda doze horas mais tarde, as panturrilhas enrijecidas.

Há uma leve garoa e Clóvis toma um café da manhã farto antes de rumar para Bretten, num trajeto mais curto e tão fácil quanto o do dia anterior.

Se hospeda numa pousada em enxaimel e da janela de seu quarto, para onde quer que olhe, só enxerga construções no mesmo estilo, um exagero que chega a extrapolar o bom senso. Sai ainda mais cedo pela manhã seguinte, inconformado com a falta de notícias de Maria José.

Enfrenta o último e mais complicado trajeto, em que as elevações e as dores exigiram descansos frequentes e alguns arrependimentos em subidas mais íngremes.

Mas foram poucos os momentos em que a exaustão física pôde superar a preocupação de Clóvis, que checava o celular a cada hotel, a cada parada no meio

do caminho, numa sequência frustrante de fotografias e mensagens ignoradas por Maria José.

Decide passar dois dias em Pforzheim. Quer fazer uma trilha pela Floresta Negra, por onde se mete no dia seguinte, saindo do centro da cidade com o sol ainda nascente.

Toma o cuidado de verificar as previsões do tempo e algumas pancadas rápidas de chuva não alteraram seu itinerário.

Faz um caminho plano e confortável costeando o rio Nagold pelo meio da floresta e segue à direita, pelo vale de Reichenbach, numa subida pelas margens de um córrego pedregoso e raso, entrecortado por pequenos playgrounds vazios. Pretende chegar a Schönberg im Schwarzwald, um trajeto de vinte quilômetros desde Pforzheim, mas que lhe custa longas horas de caminhadas, em trechos impossíveis de pedalar para as pernas de Clóvis.

Cada vez mais, as árvores caducas cedem espaço às coníferas e a floresta se torna tão rústica que Clóvis se sente em meio à Hercínia ancestral.

Faltando cinco quilômetros, decide descer da bicicleta para tomar uma trilha estreita na floresta. É quase meio-dia e Clóvis carrega uma baguete recheada com presunto e queijo, barras de cereal e uma garrafa d'água intocada, suspensa no aro da bicicleta.

Quase esquece de Maria José, avançando na serapilheira seca de uma floresta mais escura do que o

inverno tende a permitir por essas latitudes. Mesmo assim, as clareiras se abrem algumas vezes, onde Clóvis se acomoda sobre troncos caídos, ruínas ou lápides. Come uma das barras ou toma goles de água. Segue adiante, a atenção longe do celular, que só usa para verificar o GPS, quando surgem bifurcações.

Em uma área mais aberta, dois relâmpagos se sucedem num intervalo de cinco segundos. Os ruídos se cruzam e Clóvis sente a terra vibrar como um carro sobre britas.

A maioria das árvores são esguias como cipós e os pinheiros silvestres se exibem solenes para os trovões. Um conjunto de bétulas salpicam o horizonte com seus troncos de um cinza quase translúcido, manchado por ranhuras negras.

A chuva pesada vence a peneira de ramos e Clóvis pega uma trilha plana sobre uma pequena ladeira. Monta na bicicleta e pedala tão aflito pelos raios que quase sofre um acidente quando esbarra em um galho grosso de carvalho seco, ao fechar os olhos assustados por um relâmpago.

Respira, a pele da mão dilacerada pelo atrito suado das luvas. Segue com menos pressa e um raio atinge o ápice de um pinheiro. O ramo se sustenta nas galhadas e Clóvis se joga sobre as folhas. Um cheiro de madeira serrada brota do alto. Fica ali de cócoras, o ar lhe pesando, os olhos vermelhos como se ele pudesse vê-los, a na-

tureza furiosa ao redor. São as árvores seu único refúgio e são elas a única salvação numa tempestade dessas.

Ali, não é mais que uma delas, impotente e passível, frágil como uma muda jovem e desarraigada. Foi para isso que viajou até ali? Para ser experimento orgânico de um arquiteto sádico? Pensa em suas plantas e chora como um menino que caiu pela primeira vez de sua bicicleta, chora montando sobre o quadro com uma coragem infantil e pedala mordendo o próprio rosto, antes de encontrar, num refúgio logo adiante, uma pequena cabana rústica e vazia coberta pela longa umbela radicular de uma araucária.

46.

Clóvis esperou na cabana até a tempestade acalmar. Ainda foi capaz de seguir até Schönberg, onde visita o *steinkreis*, um círculo de pedras de mais de dois metros de altura, no meio de um campo rodeado pela floresta.

Analisa os símbolos e desenhos rupestres cravados, mais evidentes em algumas das pedras. Um impulso o leva até o centro do círculo, onde se senta e começa a rezar.

Não sabe quanto tempo passa e retorna relaxado e sereno, ladeira abaixo na direção de Pforzheim.

Em duas horas, chega ao hotel, onde come um grande prato de batatas com linguiça e dorme pelo resto da noite.

Desperta com uma mensagem não vista de Maria José, que voltou ontem para Heidelberg.

Clóvis se tranquiliza, mas está um pouco ferido pelos últimos dias e não a avisa de seu retorno. No entanto, encurta a viagem e segue direto para Bruchsal onde apenas passa a noite e segue para Heidelberg.

Chega ainda pela manhã e devolve a bicicleta com um dia de antecedência.

Voltou a esfriar e, apesar dos cinco graus, neva com intensidade moderada por todo o caminho a pé de Clóvis até a cidade velha.

O frio o apressa e ele vislumbra uma ducha quente em seu quarto já familiar.

Ao chegar na pousada, no entanto, o rapaz tem o bigode escondido detrás de uma máscara cirúrgica. As ordens da gerência são claras e ele não pode aceitar mais hóspedes, desde que um italiano testou positivo para o vírus há três dias.

Clóvis tenta argumentar que não era correto e ele ficou dois meses por ali, tempo suficiente para eles entenderem que Clóvis não oferece qualquer risco. É injusto, terá de procurar um novo lugar para ficar nesse estado, no frio que está lá fora, que hospitalidade é essa?

Uma mulher alta e gorda aparece de dentro de uma sala, pedindo, numa voz de contralto, para Clóvis deixar de insistir. Que ele saia sem que seja necessário chamar a polícia.

Os músculos do corpo inteiro doem e Clóvis chora, pedindo que pelo menos deixassem ele tomar um banho, mas a mulher se levanta e acompanha Clóvis até a porta.

— *Geh bitte weg* — ela diz.

47.

Só encontra vaga num hotel, instalado num palácio renascentista vermelho no coração da cidade velha, uma das poucas construções que resistiram à invasão francesa do século

Mas cobram um preço tão fora da realidade que Clóvis não vê alternativa a não ser pedir hospedagem a Maria José.

Caminha num passo de condenado, prevendo a humilhação pela qual precisará se submeter e tem até medo de ligar para ela. Pensa em pegar um trem para Frankfurt e pedir a ajuda de Guido, mas isso seria ainda pior.

Ela ouve a história de Clóvis e não nega acolhimento, ainda em isolamento preventivo, por conta da viagem. Acha um desrespeito o que fizeram com Clóvis na pousada, mas também compreende a situação.

— Ninguém ia te aceitar com essa roupa suada — ela diz, brincando.

Ele se alegra pela primeira vez em dias e a abraça aos prantos. Está assustado. Conta sobre a sua viagem de bicicleta e do temporal na Floresta Negra. Agora isso da pousada. E um vírus, para piorar. Nunca esperou tanta hostilidade, muito menos em sua *Heimat*.

— Sinto que estou sendo expulso, como um intruso — ele diz — ou uma doença.

Ela alisa seus cabelos gelados. Clóvis precisa se acalmar.

— Tome um banho, vá — ela aponta para o banheiro. — Coloque essas roupas na máquina depois.

Ele fica de molho por quase uma hora na banheira dentro de um box de vidro. Quase pega no sono no aconchego da água morna.

Quando sai, Maria José tem pronta uma sopa de feijão quente. É a melhor refeição em tempos e ele toma três pratos cobertos com queijo parmesão.

As dores sumiram e agora resta um formigamento generalizado e até agradável. Mas ainda está cansado e dorme no sofá da sala até o anoitecer.

Maria José o acompanha numa poltrona ao lado, assistindo aos episódios de uma série alemã de estética obscura, que tomou conta dos sonhos de Clóvis. Mas não teve forças nem mesmo para acordar dos pesadelos na floresta.

Quando desperta, a sala tem as luzes apagadas e ele, um cobertor sobre o corpo. O celular marca meia-noite e uma mensagem de Maria José avisa que sobrou meia pizza no forno.

Ele caminha até o quarto e a vê dormir, uma bolsa de água quente do lado do travesseiro.

Esquentar a pizza no micro-ondas e comer a massa borrachuda, sentado no sofá onde procura pela possi-

bilidade de antecipar sua passagem de volta. Ainda há vários voos e prefere decidir em outro momento.

Numa mensagem ignorada da última semana, dona Sidete enviava uma foto de um conjunto de bordos, todos com as folhas completamente secas.

Ele suspira e fecha a conversa.

Abre a previsão do tempo e vê que a tarde será amena. O que ainda pode fazer em Heidelberg?

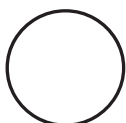
No Moleskine, acha uma lista de pontos turísticos na primeira página. Digita *Klosterruine* no celular. Ótimo, as Ruínas de São Miguel, ele dá três bufadas curtas e humoradas.

Seleciona uma *playlist* de Mozart e se acomoda no sofá.

De manhã, a luz quase primaveril o desperta. Maria José está na poltrona, com uma xícara de café e um pedaço de pão. Ele esfrega os olhos e diz *gluten Morgen*, esticando os lábios. Sempre quis fazer essa piada.

— Eu quero te contar uma coisa — ela diz.

48.

 cheiro da farinha misturada ao café solúvel é nauseante e Clóvis não sabe o que passou por sua cabeça quando soube da viagem de Maria José a Munique, que encontraria alguém do passado, ou mesmo do presente, talvez, talvez nem fosse Munique, poderia ser Dresden ou até mesmo Frankfurt, Clóvis não sabe o que imaginava, mas imaginava alguém como o rapaz que fotografou no castelo, os olhos plenamente azuis e o alemão perfeito, alguém exatamente como Guido, imaginava e reconstituía e fantasiava a mesma traição arquetípica, o mesmo padrão, o amigo de infância, era isso que Clóvis imaginava e a imagem dói quando frustra, mas disso Clóvis sabe e portanto estava certo de que Maria José tinha viajado a Frankfurt para ver Guido, mas nunca, nunca isso, nunca uma traição dessas, nunca, nunca um filho, um filho

— Não existe nenhum filho.

a grande oportunidade, um filho, filho alemão, o retorno às raízes, um fruto germano, isso nunca poderia ter imaginado, mas agora não restam dúvidas de que foi para isso que ele veio à *Heimat*, para dar origem a uma linhagem, a reconquista da terra, um ciclo completo, e de alguma maneira soube logo quando entrou

no *Steinkreis* e sentou-se para rezar no centro daquela espécie de templo que também é floresta, mas todo templo é um tipo de cemitério, não é mesmo, iluminado por algo que só poderia ser, por algo desse tamanho, uma luz de magnitude tão arrebatadora que só poderia cegar, distorcer os sentidos

— Não é um filho, Clóvis.

como a reconstituição de uma memória, uma paisagem dos sonhos, uma ilusão divina, a separação dos céus e da terra, a serpente das maçãs do paraíso, como a pretensão de Dürer, recriar o início por pura ignorância

— Pelo amor de Deus.

espalhar, espalhar por todos os lados como verdadeiro fosse, espalhar como um punhado de sementes, de pólen, um filho verdadeiramente alemão

— Entende de uma vez, Clóvis — ela o interrompe.

— Eu fiz um aborto.

49.

Já é desnecessário dizer que Clóvis tem uma visão um pouco distorcida e, muitas vezes, intrusiva com relação a praticamente tudo, mas é preciso acrescentar que é num estado ainda mais intenso de suscetibilidade que ele conclui que deve sair do apartamento de Maria José no mesmo instante e partir para o lado norte do Neckar, subindo pela trilha em direção à floresta.

Maria José tenta impedi-lo, temendo que algo possa acontecer. Clóvis não tem condições de fazer uma caminhada de uma hora, de subir trezentos metros assim. Mas escutar nunca foi uma de suas virtudes.

Ele sai sem comer, acostumado à fome, e veste apenas uma jaqueta fina, acostumado ao frio. Avança sobre a floresta sendo a própria representação de um germano de Tácito.

Cruza a ponte velha sobre um tapete de geada e segue pela ladeira do lado esquerdo. Está tão sozinho que sente a própria vida em suspensão por toda Heidelberg. Apenas um cuco sobrevoa o lugar, acompanhando desde os ramos secos a subida de Clóvis, o canto de Maria Fumaça do pássaro no vai e vem da trilha.

A cada patamar, avança e retrocede Eras. Não sabe qual paraíso o aguarda lá em cima.

Uma névoa gelada abrasa seu pescoço, mas ele segue entre as árvores dormidas. O juízo final é um embrião florescendo.

O que havia de sol já não se encontra no firmamento e não há ruído sequer a não ser o próprio peso de Clóvis sobre a paisagem. A pátria inteira dói e um ramo de carvalho corta o canto de sua testa.

Sua boca sabe a trigo fermentado e um odor pútrido se encorpa, insuperável como a vida nascente.

Um mugido primitivo ecoa no alto da floresta e um clarão se abre ao final da trilha. A neblina enfraquece e uma rajada macia de neve acompanha a entrada de Clóvis na *Thingstätte*, um teatro ao ar livre construído durante o Terceiro Reich.

Ao centro, sobre degraus baixos entre o palco e a plateia vazia, um bisão velho mastiga folhas secas. Deve medir dez centímetros a mais que Clóvis, apenas em altura, e o couro é coberto por uma capa rústica de pelos como farrapos.

Se aproxima do palco à medida que Clóvis também se aproxima. Caminham a passos miúdos e um vapor branco sai das narinas do animal, que sustenta uma camada de gelo sobre o dorso.

Um molar dói, como cariado, e Clóvis percebe mais uma presença: avançando sobre o terceiro quadrante do

palco, saindo da coxia, um homem tão ou mais alto que Clóvis, quase nu, firma o olhar sobre o bisão, os passos meticulosos e o torus frontal pronunciado logo abaixo da pequena testa penteada para trás.

Os três seres entram em cena: *Homo sapiens sapiens*, *Bison bonasus* e *Homo heidelbergensis*.

O que os leva a percorrer gerações para voltar ao mesmo lugar de onde foram expurgados?

Os três dão passos laterais e lentos, invertendo as posições numa ciranda cautelosa, analisando cada movimento dos seus pares.

Giram ao redor do palco, cada vez mais confiantes e cada vez mais próximos. O que insistem em buscar?

Acercam-se tanto e o ritual é tão sincronizado que Clóvis quase entra em transe, sentindo o corpo tornar-se recipiente livre para um novo ânimo. Quase se tocam e, dos lábios de Clóvis, soa um murmúrio de oração.

Onde começa a ancestralidade?

Os três param. Podem se tocar, se quiserem. Mas apenas observam, curiosos. Quem terá a coragem de fugir antes?

O homem sorri e o bisão baixa a cabeça. Clóvis fecha os olhos e respira profundamente, sentindo o passado preenchendo o corpo.

Abre os olhos: eles continuam ali.

Permanecem por uma eternidade e Clóvis percebe que os três dividem um único conflito.

Nisso, todos começam a se afastar assim como se aproximaram. Giram para fora da cena com a mesma reverência que a adentraram.

Se distanciam até que Clóvis os perca de vista e compreenda que não há mais lugar para nenhum dos três neste pedaço de terra.

50.

Ao sul da grande araucária, uma linha de tempestade vem trazendo o novo outono. Clóvis acompanha as nuvens desde a janela da sala e o bosque, num verde cansado, balança os galhos erguidos aos céus.

Chegou a Porto Alegre há duas semanas, desde quando não sai nem para caminhar entre as árvores.

Mal entrou no apartamento no dia de seu retorno, seu Geraldo ligou avisando que dona Sidete e a nova síndica bateriam à sua porta para informar das novas regras.

Não esperava pela notícia. Então dona Sidete tinha conseguido finalmente achar uma substituta.

Viu o bosque de cima, pela primeira vez desde dezembro. Os plátanos crescidos tal adolescentes que se perdem de vista, jogavam sua sombra de março sobre os bordos sobreviventes, do lado esquerdo. À direita, no entanto, definhavam os mesmos bordos da fotografia ignorada entre as mensagens de dona Sidete em meio ao tormento de Clóvis na Alemanha: todos eles a pleno sol, um equívoco primário, os galhos tão secos que quase se partiam só de serem vistos.

Do alto, não conseguiu identificar plantas intrusas, mas tinha a impressão de que elas apareceriam assim que pusesse os pés sobre a folhagem do solo. Já não se preocupava tanto com isso, desde que elas permanecessem escondidas.

Jogou a mala no chão do quarto, exausto pela sequência de voos amedrontados, e arremessou-se de bruços sobre a cama, só de cueca. O verdadeiro calor agredia depois de um inverno dos mais amenos que se teve notícia em Heidelberg, em que os termômetros alcançaram vinte graus ainda em fevereiro.

Mal tinha cochilado quando a campainha soou metálica, choque elétrico que reanimou Clóvis e os cães da porta ao lado. Já planejava a piada que faria com dona Sidete, enfim livre das tormentas administrativas.

Abriu a porta com um sorriso e ela surgiu ao lado de Hélen.

Duas semanas foi o tempo que exigiram de Clóvis, duas semanas dentro de casa, como não bastasse a surpresa que foi compreender que Hélen era a nova síndica, mas se Clóvis tivesse acompanhado o grupo do condomínio, saberia muito antes.

Duas semanas, não bastasse os dez dias que teve que passar preso em Heidelberg, quando já não sobravam vagas nos voos dos dias seguintes à revelação de Maria José. Foi obrigado a esperar numa cidade morta, sem resquício de vontade de sair nem sequer para ca-

minhar sozinho pela cidade velha ou para fazer as últimas duas aulas de alemão, que Maria José se dispôs a oferecer por chamadas de vídeo, quando Clóvis já estivesse relaxado, em Porto Alegre.

Duas semanas, e se Clóvis precisasse de algo, que falasse diretamente com Hélen, que recomendou aplicativos de *delivery* e, por último, que Clóvis tivesse o cuidado de abrir a porta usando máscara.

Foram as semanas mais longas e solitárias da vida de Clóvis. Não se animou para enviar mensagens a Maria José e Rocío Prada tinha resolvido ignorá-lo desde que voltou.

Sobre o bosque, o calor não dava trégua nem durante a madrugada e ele pôde entender um pouco o desespero das bétulas no paralelo trinta.

Preparava-se para sair pela primeira vez depois das duas semanas que, no final, se tornaram quinze dias, pela precaução de Clóvis em mostrar-se compreensivo: o isolamento por mais um dia foram os juro por sua indelicadeza de não ter agradecido a boa vontade de Hélen.

Justo agora, pronto para sair, o temporal se arma a caminho do bosque.

Como? Como é possível uma barreira de *cumulus nimbus* se formar do nada, alheia às previsões e à alta pressão atmosférica?

Irritado, chuta o pé de uma cadeira, que se desequilibra e retorna contra seu estômago. Ele se irrita ain-

da mais e a atira contra a parede, mas o estrondo de um trovão anula a ira ruidosa de Clóvis.

A nuvem está muito próxima e o celular começa a vibrar, numa cascata aflita de mensagens. Quase cai sobre a cadeira deitada ao chão e se apoia sobre ela de qualquer maneira, a pressão sumindo dentro de seu corpo e os raios por todos os lados.

As mensagens não param de chegar: os raios, todos iguais, irredutíveis. Um soluço sufoca e Clóvis grita em desespero, os olhos em ebulição e as lágrimas numa abundância impotente.

Clóvis rasga o corpo com as unhas. Onde termina a dor de sua pele sem pátria? Rocío Prada está morta.

Lê outra vez. Não, não, não. Não está enganado. Rocío Prada está morta.

Deixa o celular cair sobre o piso e ele se desequilibra na cadeira, batendo com a nuca na parede. Sobre o chão, a energia de Clóvis se esvai em pranto e os céus berram, açoitando tudo lá fora.

Um grande clarão explode no bosque e o ruído mede forças com a sua dor. O vento chacoalha a vidraça da janela como uma chapa de zinco e Clóvis dá socos na parede, ignorando a insistência do interfone.

Ignora o chamado e quer pôr fim no que surge pela frente. Sente raiva de Rocío Prada. Dá um tapa numa garrafa de *Eiswein* sobre a mesa e ela se estilhaça pelo chão em ouro líquido. Rasga as páginas marcadas

do livro que carregou pelas expedições. Tílias e álamos e bétulas e faias e bordos e carvalhos, todas as folhas planam até o chão.

O interfone insiste. Clóvis escorrega sobre o vinho e os cacos penetram seu antebraço.

A raiva se torna culpa e ele petrifica, as soluções exauridas.

Lembra-se das sementes que Winfried entregou na saída do Hermannshof. Clóvis se levanta, mas quase se arrasta até o quarto, onde acha o envelope dentro do bolso do sobretudo.

Leva até a mesa e rasga um dos cantos, de onde umas cinquenta bolinhas secas rolam para o granito, quicando até se acomodarem.

Neste instante, percebe a luz e a fumaça ao fundo do bosque. O interfone continua a soar e algumas pancadas na porta antecipam a voz abafada de Hélen no corredor.

Clóvis sai, os cacos ainda pendurados em seu corpo, Hélen tentando explicar o que não pode.

Descem juntos pelo elevador e o prédio inteiro grita. Hélen se assusta com a figura arruinada de Clóvis, as pálpebras mutiladas pelas unhas e um par de olhos temperados que não desviam a atenção dos andares.

Não há ninguém na portaria e Clóvis corre na frente de Hélen, pela porta dos fundos.

O caminho de plátanos resiste intacto e a tempestade se enxuga rumo ao sol.

Nos fundos do bosque dona Sidete dá instruções a seu Geraldo e Ernesto, controlando as últimas chamas. Ao redor, não há mais nenhum foco de incêndio e Clóvis passa reto por uma paineira jovem e espinhenta.

Dona Sidete o avista, dando graças a Deus.

Ele caminha na direção de uma labareda e finalmente repara com clareza: sobre os ramos podres das últimas bétulas, a copa da araucária está caída como uma caranguejeira morta. Apontando para o céu, uma lança bárbara: o tronco decapitado, regendo a brutal sinfonia do bosque germânico de Clóvis.

Os homens extinguem o fogo e os raios infernais do ocaso no fim da tempestade ultrapassam a barreira juvenil daquele cemitério, esticando a sombra de Clóvis sobre suas ruínas.

Uma brisa congelante brota do meio das árvores e dona Sidete chama Clóvis para dentro do prédio.

Mas Clóvis seguirá ali até que tudo se consuma e, de seu bosque ancestral, ele extraia a última seiva e, ajoelhado sobre os espinhos em brasa, já não reste mais do que um antigo lamento e a carícia sedosa das cinzas das grimpas.



vencedor.
na categoria
ROMANCE



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



cultura
paraná

